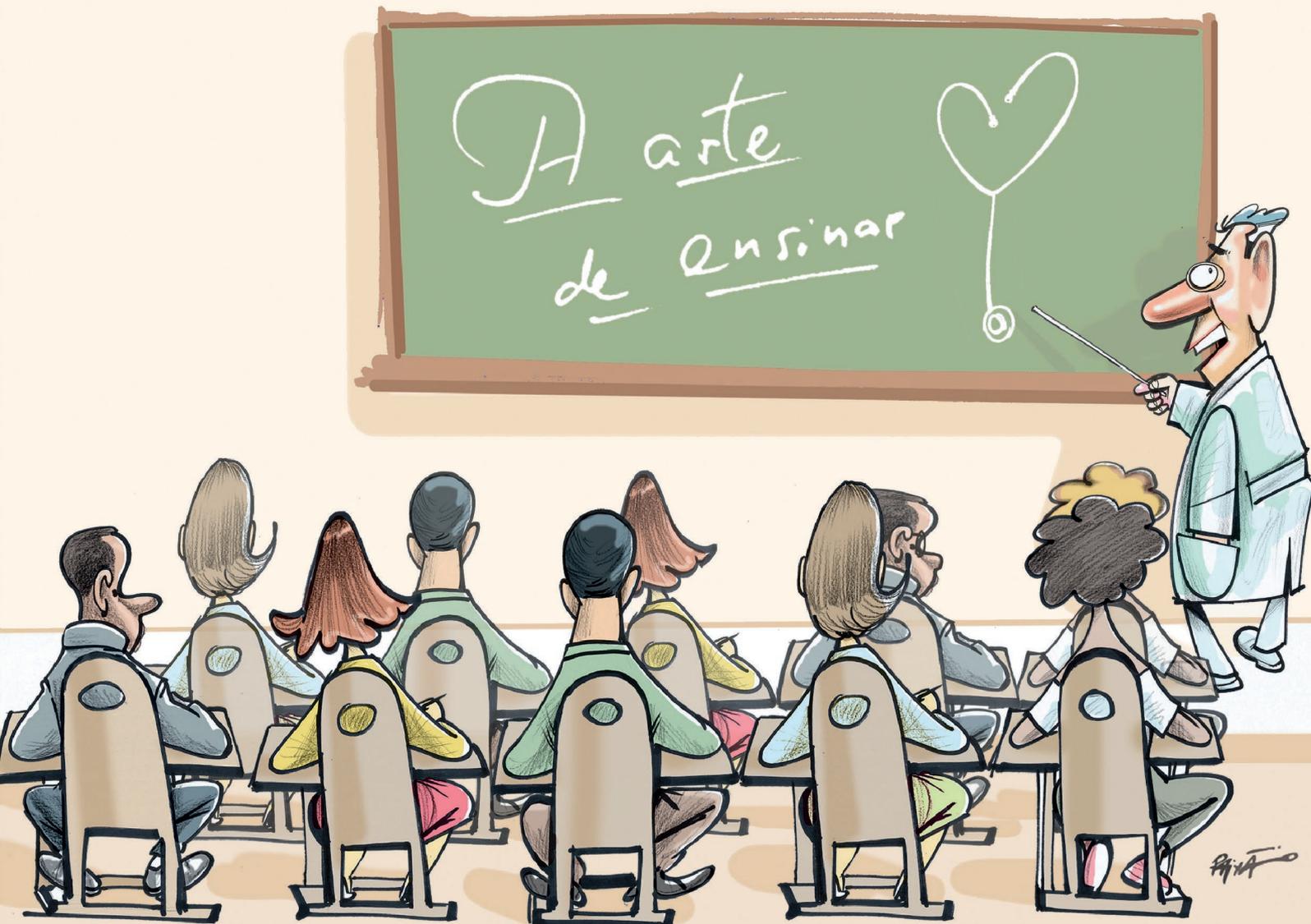


Esta edição é dedicada ao mestre, imortalizado em sua obra e ideais.

ISSN 2237-9762

# iátrico

nº 35





O símbolo ⓘ ao final dos artigos grafa a autoria do editor  
João Manuel Cardoso Martins.

## 5 A ARTE DE ENSINAR

Uma atitude amorosa

## 10 O GRANDE DESAFIO

Ensinar a pensar

## 22 IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA

Divisor de paixão e ciência

## 29 PALAVRAS DE MESTRES

Prazer em propagar discípulos

## 40 ARTE NA FORMAÇÃO DE MÉDICOS

O equilíbrio na educação

## 50 GALERIA

Tributo a mestres das artes

## 56 HORIZONTE DE POSSIBILIDADES

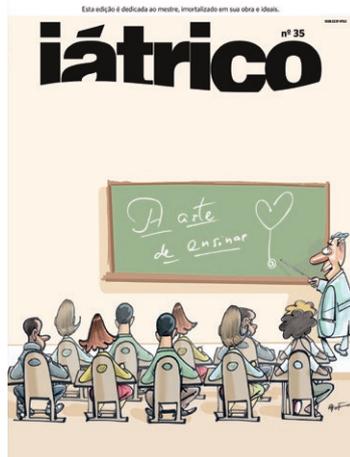
Certezas da dúvida e do sonho

## 67 A IMAGEM DO MÉDICO

Olhar atento às armadilhas

## 72 LEGADO DE ENSINAMENTOS

Tributo ao mestre e editor



## A CAPA

### A ARTE DE ENSINAR

Professor exerce profissão humilde. Planta em terreno desconhecido as melhores sementes que seleciona. Se medrarão, ignora; se se desenvolverão com útil produtividade, a si não caberá a colheita. Tampouco sabe-lo-á. Mas sabe que cumpre missão essencial. E que a falta do resultado final é a condição para continuar oferecendo o melhor de si, no sentido do esclarecimento e da iluminação. Essa é a arte do semeador, uma arte sem arte porque não se aprende, se desprende, desprovida de completude e vivida no talento e no esforço de desiguais. Ensinar é esclarecer, treinar habilidades, invocar atitudes. É incutir possibilidades dentro do outro. A capa, nos traços do chargista Paixão, sintetiza o sentido de arte e prazer no ensinar. ⓘ

## EXPEDIENTE

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ - CRM-PR

Presidente: Cons. Maurício Marcondes Ribas | Gestora do Departamento de Comunicação e Imprensa (DECI): Cons.ª Keti Stylianos Patsis, 1ª Secretária

IÁTRICO - EDIÇÃO nº 35, abril de 2015.

Publicação Científica-Cultural do CRM-PR - Rua Victório Viezzer, 84, Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340.

E-mail: [iatriciо@crmpг.org.br](mailto:iatriciо@crmpг.org.br) | Versões científica e eletrônica disponíveis em: <http://www.crmpг.org.br/publicacoes>

Editor-fundador: João Manuel Cardoso Martins (in memoriam) | Editor-jornalista: Hernani Vieira | Jornalistas assistentes: Bruna Bertoli Diegoli e

Amália Dornellas | Projeto Gráfico: Leonardo Escorsim | Diagramação: Victória Romano | Impressão: 27.000 exemplares - Gráfica Magnus.



Miti Tsuneta - Renascimento

## SEMEADOR DE CONHECIMENTO

**Vindo ainda criança da terra de Camões e** Fernando Pessoa, experimentou toda gama de dificuldades para realizar os seus sonhos, em especial os de ser médico e de compartilhar aprendizados. Cumpriu esse papel com elegância, serenidade e mestria. O legado que deixou vai muito além do respeito familiar e social, do profissional destre e ético, do semeador de ideias e sabedoria entre seus alunos. Deixa-nos rico acervo de todas as suas colheitas culturais, onde harmoniza medicina e arte, sob o regar da música, da poesia, das plásticas... Grande parte desse conjunto de conhecimentos está acessível aos médicos, estudantes e sociedade nos arquivos digitais e impressos do CRM-PR.

É a cultura que nos lapida, nos torna iluminados para o cotidiano. Nos ajuda a escolher palavras e

atos. Em outros termos, não fazemos nada com ela, esta sim faz por nós uma consciência madura. Assim ensinava o Prof. João Manuel Cardoso Martins, que há praticamente 13 anos renunciou parte de seu tempo para iniciar um projeto que, mais que propagar cultura, viesse estimular o senso crítico e a autossuficiência intelectual, sobretudo nas novas gerações de médicos.

A série Cadernos do Conselho foi inaugurada com a obra *Médico: sugestões para o seu dia a dia*, onde o nosso mestre lançava "jatos de ideias médicas arremessadas à reflexão e à crítica". Em resumo, sentenças breves em que cada um deveria decodificar à sua maneira e que servissem a eventual choque de reconhecimento. Foi a largada para uma parceria interrompida com a triste partida do eminente professor,

mas que deixou selecionadas as melhores sementes. Que saibamos fazer o bom uso delas no semeio de nossas atitudes afinadas aos princípios basilares de nosso mister.

“Sempre me propus desafios, e não seria no ocaso de uma existência que fugiria ao dever. Ao dever de contribuir para um modo de existir mais lógico e ético, baseado em provas e bom senso, a bússola da dúvida, primazia do pensamento, sem deixar de falar sobre as flores raras”. Assim escreveu no prefácio de outra obra, *Primeiras Impressões – Iátrico em perspectiva*, lançada no final de 2013 e roteiro certo de leitura aos que prezam boas fontes a jorrar cultura.

Ali está reunida coletânea de crônicas que alimentaram o conteúdo editorial da revista **IÁTRICO** por 34 edições, ao longo de mais de uma década. Sim, um estrato dos muitos sabores do conhecimento, da experiência, da sabedoria, a serem degustados sem pressa. Afinal, esta é uma fome que está na alma e cabe a cada um suprir a seu modo. Às vezes, até, em verso e prosa, como dito pelos amigos.

A publicação, com seu título emblemático, nasceu encarte do jornal do Conselho, cresceu suplemento e, finalmente, alcançou a maturidade como revista. Agora, sem o seu mentor intelectual, exige-nos a rediscussão de seu próprio futuro. A essência editorial, tal qual o artista e sua obra, brotava da alma do Dr. João Manuel. Se não era o “jornal-de-um homem-só” (título conferido ao jornalista e escritor Paulo Mendes Campos, autor de *Diário da Tarde*), **IÁTRICO** sempre seguiu os movimentos da batuta do nosso maestro. Agora, precisamos saber se teremos novos componentes afinados com esta “orquestra” e se o resultado do “espetáculo” merece o aplauso da plateia para qual se exhibe. Se for desejo dos colegas médicos a sua continuidade, há de se realçar o compromisso de sua origem, de ser plural, livre de preconceitos, caleidoscópico, explorando a inteligência e a diversidade, possibilitando a plena interação.

A coluna “Palavras de Mestre” foi um mecanismo provocativo de reflexão utilizado pelo editor desde a primeira edição de **IÁTRICO**. A inserção inaugural trouxe excerto do Código Harrison, lançado em 1950 por Tinsley Randolph Harrison: “Não há maior oportunidade, responsabilidade ou obrigação para um ser humano do que ser médico. No cuidado do sofrimento, ele precisa de habilidade técnica, conhecimento científico e compreensão humana. Quem usa tais princípios com humildade, coragem e sabedoria prestará um serviço exclusivo ao próximo e construirá um edifício permanente do seu caráter. O médico deve exigir do seu destino não mais do que isso e contentar-se com nada menos”. Nada mais lúcido e atual.

O editor da revista, ao lançar outro livro – *Jaculatórias, sugestões para o dia a dia do médico* –, ancorou o seu pensamento: “Quem reflete a respeito de sua prática médica, sem medo de encarar inconveniências, tem melhores condições de avaliar o equilíbrio de seus direitos e deveres, verdadeiro apanágio da cidadania. Esperamos que as jaculatórias sirvam a esse propósito. Mortos e vivos associados a uma profissão que é de curar, reparar, mitigar, mas também de trazer esperança a quem não a tem e que, portanto, necessita de palavras e atos pertinentes”.

A temática desta edição – a arte de ensinar – foi escolha do editor, soando premonitória, de despedida e também de reforço à missão essencial que sempre perseguiu enquanto professor. O resultado final, que sonhou irradiar, é a condição de cada um para oferecer o melhor de si, no sentido do esclarecimento e da iluminação. “Essa é a arte do semeador, uma arte sem arte porque não se aprende, se desprende; é desprovida de completude e vivida no talento e no esforço de desiguais”. Assim ensinava, esperançoso na multiplicação dos bons frutos a alimentar a dignificação da Medicina, este nosso ideal.

**Maurício Marcondes Ribas,**  
presidente do CRM-PR.

# A ARTE DE ENSINAR

## **Mestres são os convictos de que gostam**

de ensinar e pensam o ensino como uma atitude amorosa. Nesse prazer não pode haver fingimento, pois o aluno percebe. Por isso, poucos professores marcam um aluno numa universidade. A autoridade nunca pode ser imposta, advém da arte por ele exercida de catalizar a aventura do conhecimento, de transmitir ao aluno o caminho da liberdade, o aprendizado. E mostrar que ele mesmo jamais se afasta desse caminho. Porque ciência é assim, uma corrida. Você passa o bastão, vem uma pessoa de outra geração, corre a corrida e o passa para o seguinte, e assim por diante. Uma corrida sem fim. Portanto, os médicos raros também não têm fim. Sejam pesquisadores ou clínicos, cirurgiões ou afins. São discípulos da sinergia.

## **O QUE É SER PROFESSOR?**

É saber entregar a mensagem dos pesquisadores devidamente decodificada. É tornar fácil algo difícil. É sobretudo esclarecer usando a informação. Mas não é informar. A informação está democratizada. O professor é necessário porque seleciona os dados – informação – e os conecta de maneira lógica gerando escla-

recimento. Se for brilhante, consegue também refletir sobre esse esclarecimento. Traz iluminação ao aluno.

Quando se fala de cultura, a coisa mais certa não é nunca a simples informação. Os dados são meros fragmentos a que temos que nos ater para falar sobre algo. É a conexão desses dados que formam o saber, que geram um conhecimento. Portanto, cultura não é um saber memorizado, isso é erudição; cultura é um saber reflexivo. Por isso é que alguém disse que cultura é o que sobra quando esquecemos o que memorizamos. Fácil consegui-la? Não, porque o ser humano não avança em linha reta. É ambíguo, rodeia, não é objetivo. Em qualquer atividade. Nascemos assim. Daí a música do Caymmi sobre Gabriela: *“Eu nasci assim/ eu cresci assim/e sou mesmo assim/vou ser sempre assim”*.

Na arte de ensinar, há uma eterna superação de dificuldades. E nisso encaixa-se a condição dos tímidos, sejam os professores ou os aprendizes. O tímido fica ali quietinho, na moita, e parece arrogante, quando na verdade está lidando com suas limitações sociais, com sua dificuldade de circular. Hoje sei que além da oportunidade que tive de ser professor também contou a necessidade de me exprimir, de vencer barreiras. O tímido tem que se esforçar mais, tanto que conheci grandes tribunos que eram tímidos. Também costuma ser muito crítico, principalmente consigo mesmo. Tem uma vantagem: costuma desenvolver bastante o senso de observação, o que é essencial para a profissão médica. **❶**

## **AOS JOVENS MÉDICOS**

Ouvir é a melhor maneira de saber o quê, quando e como falar, e a melhor maneira de saber que tipo de conhecimento técnico o paciente necessita, se é o que necessita. Nenhuma técnica, por mais necessária e precisa, prescinde da fala. É o que gera esclarecimento e entendimento, sem o que toda técnica é vã. Nos dá também a noção de lógica no discurso do paciente. Se essa não houver, suscita outra brecha diagnóstica e precisamos nos acautelar. Mas que fique claro: é a tecnologia a força criativa por excelência da modernidade, até para voltar ao passado.

# UMA **MISSÃO** DIFÍCIL

○ risco: ora glória, ora debacle!

**Poucos professores admitem, mas manifestar-se em público não é fácil.** Primeiro, é necessário dominar a técnica expositiva e associá-la aos diversos veículos pedagógicos de suporte. Um seminário é completamente diferente de uma conferência. Uma reunião científica com poucas pessoas tem um andamento absolutamente diverso de uma aula, porque os objetivos são diferentes e os agentes envolvidos têm papéis peculiares. Em comum, a necessidade de dominar-se a si, o conteúdo e a capacidade de fazer com que a plateia se concentre no ator. Sim, ator. Todo professor é um ator que dramatiza um conteúdo científico. Só que não treinou para isso, nem foi dirigido para a tarefa. Quando muito, assimilou o conhecimento, ou seja, tem fluência sobre o mesmo. Isso não quer dizer que saiba sumarizá-lo de maneira simples e conveniente, vestindo sua linguagem de modo adequado para cada exposição.

Dominar a técnica pedagógica é alcançável com o tempo, desde que se treine muito. Neste porém, são exemplos: como elaborar uma transparência e como usá-la no retroprojetor; como planejar um diapositivo com o essencial e com as cores pertinentes; como programar o movimento de imagens e como legendá-las com propriedade linguística num meio eletrônico e computadorizado; e como usar o quadro de giz com poucos traços e palavras.

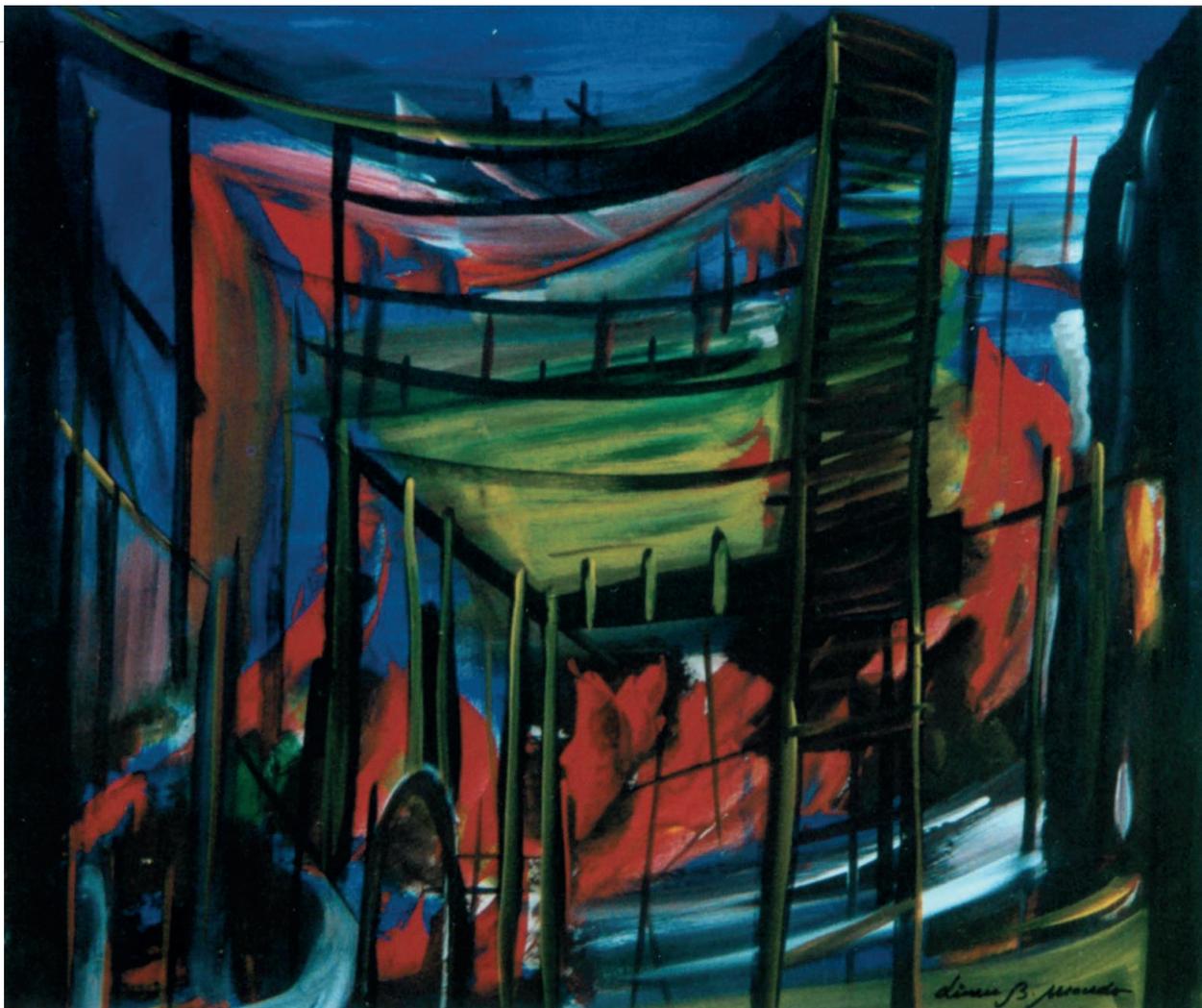
Compatibilizar o suporte pedagógico a si próprio, e fazer do mesmo mero acessório, e não vitrine, para um ator que não pode ser obscuro, nem ficar escondido na penumbra e, portanto, tem que ter força para se fazer presente nos giros da audiência, é que leva mais tempo. E só surtirá o efeito desejado se o ator também

dominar a técnica de palco, e tiver domínio linguístico associado. Sim, porque o bom professor sabe a sequência a seguir, ou a terá projetada, mas seu discurso tem que ser improvisado, ou seja, as palavras que utilizará nunca devem ser conhecidas adrede. Fará um improviso linguístico em cima dos conceitos que escolheu; estes sim, previamente conhecidos. Isso significa correr riscos.

Mas que fique claro: improvisar linguagem é possível e necessário; improvisar conceitos, impossível. Um ator que esqueça sua fala, se experiente, improvisa; ou terá no ator com quem contracena alguém para servir de escada, isto é, para ajudá-lo a retomar o fio do texto. O professor que está proferindo uma conferência se encontra solitário, numa arena perigosa. E não poderá, de súbito, criar ideias ou conceitos. Perderia qualquer pretensão lógica.

Foi essa dificuldade, o medo do famoso branco, que fez com que se ligassem rigidamente a trilhos de expressão (meios pedagógicos). Mas o que deveria ser simples condução, ajuda para não haver descontinuidade, virou feitiço contra o feiticeiro. Tornou o sujeito oculto, fez desaparecer o ator principal. Em seu lugar, só projeções, com a voz quase em *off*. Só locução, a personagem escondida. É necessário resgatar o sujeito, o tribuno, cada vez mais raro. Basta presenciar, pelas tevês específicas, nossos oradores da Câmara e do Senado.

Poucos se salvam. Não sabem reportar, muito menos comentar. Que dirá convencer. Ocasionalmente aparece alguém enchendo nossa alma. Mas quando se examina a plateia, clama no deserto. Alguns beiram o ridículo na ausência de lógica e sensatez.



Apenas como ilustração, há alguns poucos anos, um tal de sua excelência Isidório (e olha que é pastor) assumiu a tribuna para contar de maneira mambembe a humilhação que sofreu ao ter sido “acometido” por um toque retal. Nada contra o profissional, mas contra o desumano ato médico que o fez ver estrelas e purgar desonra irreversível. Incontinenti, exigiu a mudança imediata da técnica. Ah, essa mania legiferante de determinar como deveria ser o trabalho, os costumes, e os impostos de todos nós, completamente dissociada da realidade...

Mas voltemos à nossa seara. A maioria dos professores entra na docência por acaso. Não tiveram na paixão, como vocação criadora, o elemento que fez acender a centelha. E que só faz sentido se se associa ao senso de responsabilidade e ao sentido de proporções. Talvez, por isso, e pelos salários indecentes e pela dificuldade de utilizar meios adequados,

os professores não se sintam motivados no crescimento pedagógico. É uma pena para o país, porque não encantarão com sua verve uma plêiade de novos talentos, que seriam contaminados pela paixão de fazer outros pensarem, se educarem, que nada mais é do que estar preparado para saber distinguir o falso do verdadeiro.

Sem essa chama vivificadora, talvez os futuros professores se comportem, como em *Macbeth*, “como pobres cômicos que se pavoneiam e agitam, por uma hora em cena, sem que sejam, depois, ouvidos; e que contem apenas histórias idiotas, cheias de fúria e tumulto, nada significando”. Ao ler o último parágrafo de Shakespeare, percebemos que o que é clássico na arte poderia ser desastroso na comunicação científica. E entendemos porque Freud, que só falava sobre o que descobrira e conhecia, tinha tanto receio do palco. Ora glória, ora debacle! ❶

# O PRONTUÁRIO COMO FONTE DE CONHECIMENTO MÉDICO

*Depois do paciente, este o maior empenho do médico. E gera dividendos linguísticos.*

**Prezados colegas que ora inicias vossa atividade.** Estou ciente de não ser prudente dar conselhos a quem no-los pede. E de que neste início estás mais preocupado com dinheiro do que de conselhos. Pois, urge a sobrevivência autônoma. Mas ousou me contrariar, e contrariá-los, tendo em vista que sempre fui a favor de referenciais e não de conselhos. Referenciais são o destilado secular – poderia ser milenar, claro – da sabedoria filosófica, religiosa, poética, científica, e quetais. São um farol. Luz que alerta, não indica. Já os conselhos só nos fazem corresponsáveis pelas tolices dos aconselhados.

Então, ficamos assim: recebam o conselho como se fosse um referencial, e o usem ao seu modo, mas para sua segurança e proveito.

Trata-se do prontuário. Depois do paciente, deve ser nosso maior empenho. É onde imprimimos os dados clínicos e operacionais, e exercitamos a lógica científica. É onde treinamos nossa objetividade e blindamos nossa segurança. E depositamos um possível norte para o paciente e a pesquisa. Por isso, tem que ser claro, conciso, prudente e veraz. Mas também dá dividendos linguísticos.

Se a Medicina nos ensina a compreender corpo e comportamento humano, o prontuário nos permite exercer nossa capacidade de síntese, de verter no papel a essência do caso, função mental superior. Como não se nasce feito para qualquer função, quando muito temos propensão, é necessário treinar: observação, habilidades, conhecimento, atitudes. E treinar a escrita.

Como escrever conciso e com siso? Sabendo pensar com lógica impiedosa e prudência consumada. Para isso, além dos conhecimentos científicos e técnicos, temos que ler e refletir muito. Ler o quê? Primeiro, os que vestiram a rigor nossa língua. Só depois devemos ler e pensar os luminares de outras línguas e culturas.

Há sentido em conhecer melhor a casa do meu colega antes de ir a fundo no entendimento da minha própria? Não haveria lógica.

Destarte, Camões, Fernando Pessoa, Drummond, Machado de Assis e Eça de Queirós deverão ser os alvos. Nossos jogos oficiais, os de campeonato, nossos produtos de marca, os originais. Depois, para continuarmos treinando, ou seja, nos intervalos das pugnas – vige, não se usa mais! —, os dois toques com Rubem Braga, L. F. Verissimo, Millôr e similares de boa origem. Servem também, nesses treinamentos, genéricos testados no gosto popular e no apuro linguístico.

Disso, o que resulta? Digamos, um básico, um *prêt-à-porter* benfeito, bem acabado e que cai bem. Pouco? Não, muuiito! Basta conferir os prontuários que andam por aí. São verdadeiras armas engatilhadas contra os seus autores – que podem ser feridos irreversivelmente a qualquer momento.

Por isso, meu pedido, meio-conselho, meio-referencial, talvez implique num certo esforço inicial. Ao depois resultará no oportuno apotegma de Jules Renard: “As palavras não devem ser senão a roupa, sob medida rigorosa, do pensamento”. Uma roupa básica, adequada no seu acabamento, jeitosa na sua



Ruben Esmanhotto - Cenário, 1987.

presença, peça decente e imune às ofensas.

Vejam, não estou sugerindo a alta costura, o traje a rigor exclusivo e raro que só a alguns foi concedido pelo gênio da origem. Se essa fosse minha intenção, não deixaria barato e evocaria logo como paradigma aquele que talvez tenha produzido o mais belo texto já escrito e, para nossa alegria,

no idioma de Camões. Refiro-me ao Fernando Pessoa de Tabacaria, traje a rigor da língua: *“Não sou nada./Não posso querer ser nada./À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”*

À parte isso, sejamos simples, claros, concisos, prudentes e verazes no prontuário. Ser denso já seria uma demasia, reservada aos gênios da língua. ❶

# ENSINAR A PENSAR, O GRANDE DESAFIO

*As aulas de hoje tendem a reduzir o saber a dados.*

**Aula é esclarecimento. É seu núcleo indisociável.** Claro que depende de informações – dados –, mas que devem ser elementos para saber a que nos ater e ao que esclarecer. As informações, que devem ser fidedignas e extraídas de um corpo de provas, isoladas, têm pouco valor para o saber. Precisam ser conectadas, articuladas, para que componham um contorno de saber. O que faz isso é o esclarecimento. É a ponte que nos leva das informações ao conhecimento.

Atualmente, as aulas tendem a reduzir o saber a dados. Estes fatos puros, em si, não constituem ciência. Múltiplos, indiscriminados, só desorientam. Ou burlam a verdade transitória da ciência. Precisa entrar neles a voz da razão lógica analítica para associá-los, depurá-los, torná-los coerentes, totalizantes, para que formem um corpo de saber inteligível a quem os percebe, a plateia.

Dados isolados são memórias. É isso que as projeções numa sala de aula, por quaisquer meios, nos trazem. São material de erudição, sendo sua principal propriedade a extensão; sua lógica, o acúmulo. E sabemos que isso, com a democratização das informações, qualquer base de dados nos fornece. Por isso, por que oferecê-los a uma distinta audiência se estão facilmente acessíveis e ordenados?

O papel do professor não é a erudição – memória –; é a cultura, cuja fonte é a reflexão. É esta que gera a compreensão, sua grande propriedade. Não só no sentido lógico – lógica é a ética de quem pensa –, mas também no sentido da validade e limites do conhecimento. Portanto, sua intencionalidade deve ser sempre interpretativa. Assim sendo, o verdadeiro profes-

sor interpreta a si e o conteúdo. Faz dos elementos brutos, palavra e dados, um conjunto inteligível que toca sua audiência, a modifica.

Professor é aquele que sintetiza a experiência acumulada de dados; pois os assimila, integra, totaliza, num conjunto sistêmico que é a interpretação ou a teoria. E estas, por mais complexas que sejam, devem ser vertidas da maneira mais simples possível, utilizando-se dos meios didáticos mais apropriados, que podem ir da analogia à metáfora. Portanto, do conhecido ao desconhecido.

Estamos a ver que interpretar ou teorizar nada tem de ruim. Só como exemplo, teoria é o clarão da ciência. Tem a importância do estilo para a arte. Fazer uma apresentação teorizante é engendrar mecanismos que levem em conta dados, esclarecimento e seu principal fator agregado, a reflexão.

Então, em qualquer formativo ou de atualização, a pergunta ao leitor: tem assistido aulas com essas características? Como audiente, tem sido esclarecido? Têm tornado claro, iluminado, seu compreender? Ou têm-lhe ministrado dados em profusão impossíveis de serem retidos por limitações próprias da mente humana? Então, também cabe a pergunta: como se aprende medicina? As aulas têm importância?

Aprende-se medicina com leitura, muita leitura; e prática, é claro! Mas para compreender o que advém da leitura e da prática é fundamental o esclarecimento. É aí que entra o professor. Boa parte das novas tentativas pedagógicas em medicina é decorrente desse desvirtuamento do sentido que deve ter uma aula. Passou-se do esclarecimento à simples difusão

de informações. É preciso retomar a função original. A outra é meritória, fazer do aluno um agente mais ativo.

Mas ainda fica faltando a mais importante: ensinar o aluno a pensar. Deveria ser a via final comum. Aprender e ter gosto pela própria produção intelectual. Claro que é o mais difícil. Depende de cabeça

propensa do aluno, e que o mesmo agregue disciplina, esforço e curiosidade; e de agudeza de espírito do professor, no sentido de aplicar rigor e método na separação de provas e crenças. Destas, bastam as inevitáveis. E o resto? Depende da imprevisibilidade do gênio humano. ❶

## SOBRE TALENTO E GENIALIDADE

### **Contradição é o que mais marca o humano.**

E não porque contenha em si multidões, como dizia de si próprio Walt Whitman, mas porque não consegue se organizar em face da realidade, mesmo que seja acanhada sua circunstância de vida. Sempre queremos mais do que podemos ou devemos. Temos dificuldade de compatibilizar desejo e realidade, marca fundamental do equilíbrio.

Sou favorável à ideia de que o homem de talento é meio a meio genética e biografia. Esta, entendida como a luta incessante entre seu projeto de vida e sua circunstância. Só que o talento puro, se aliado à ética, desenvolve uma forma muito pessoal e reveladora de sua ação na vida, não se deixa dominar por nada e pensa por conta própria. Aquilo que certo pensador chamou de “fundo insubornável”. Insubornável ao dinheiro, à ideologia engessante, à vaidade, ao poder, à religião e, por que não, à própria ciência, que não dá conta de tudo.

O talento não apenas associa ideias, tem lampejos dissociativos, que organiza com rara habilidade, no silêncio. Já o gênio é mais dissociativo, persegue o imprevisto obsessivamente, ruidosamente, também à sua maneira; seguindo menos os preceitos éticos e com componente genético maior. Tem mais propensão organizativa para uma coisa; tem determinada inteligência absurdamente desenvolvida, digamos música, no restante continuando dissociativo e atrapalhado.

O talentoso tem rompantes de gênio, mas é mais

organizado no geral, sistematiza sua experiência de vida com mais clareza e distinção para dirimir dúvidas e completar o vivido. Embora saiba que sua experiência de vida não é a totalização do saber. A totalização do saber com suas nuances e contrastes é o que se chama sabedoria da vida. Nenhum de nós podemos viver essa totalização. Ambos são possuídos de uma força oculta, o talento para organização e o gênio para o novo, embora possam, às vezes, se misturar na mesma pessoa.

De qualquer maneira, singulares ou duplos, talento e gênio são essenciais para a novidade que perdura. Mas não esqueçamos, apenas como contraponto, que o gênio e o talento de um Heidegger, com todo seu prestígio, foi emprestado a Adolf Hitler. Este pareceu tê-lo enfeitado. Tanto que Karl Jaspers, desesperado com tal informação, teve com o filósofo de *Ser e tempo* discussões homéricas e, numa delas, perguntou-lhe como um homem tão inculto quanto Hitler poderia governar a Alemanha. Qual não foi sua estupefação diante da resposta: “Cultura é totalmente indiferente... veja as mãos maravilhosas que ele tem!”

O talento e o gênio que fazem a vida progredir também podem conter o germe do irracionalismo, tornarem-se perigosos, ver seu fundo insubornável ser substituído por uma força estranha. A ambiguidade de apenas querer ser no tempo em detrimento dos outros. Lembrando Flaubert: “O gênio é Deus que o dá, mas talento nos diz respeito”. ❶

## SOBRE RARIDADES NA PROFISSÃO

**Médicos são raros graças ao seu talento** específico. Mas este não explica tudo. Têm que ter vários talentos e saber conjugá-los, além de sobrepujar o anonimato de maneira ética, o que torna a missão mais difícil. Portanto, destino concedido a poucos. Inventores e aperfeiçoadores de técnicas ou substâncias químicas capazes de prevenir ou curar grandes segmentos populacionais, isto é, capazes de desenvolver tecnologias definitivas, são os mais cotados. Porém, tecnologias parciais, que suscitam novas descobertas ou ajudam a controlar doenças, também podem alcançar esse desiderato.

Mas como são esses médicos prodígios? Alguns, de fato, são gênios. Dão à luz um lampejo e, às vezes, se apagam. Afinal, a ciência biológica é coisa de muito rigor e disciplina, de talento e obsessividade por um alvo, conjunto carente no equipamento mental da maioria dos gênios, pois sua verve açambarca tudo, se expande torrencialmente, com rara chance ao equilíbrio necessário para perseguir um objetivo por muitos anos.

Médicos raros são, na maioria das vezes, “apenas” talentosos, e sabem administrar suas habilidades. São, sobretudo, curiosos e incansáveis na busca de soluções para suas dúvidas ou metas. Também não costumam saber que se tornarão raros. Pois, variáveis impessoais tecem seus desígnios. Nós, médicos simples, surpreendentemente também podemos nos tornar raros. Raros, especiais, para nossos pacientes. ❶



## SOBRE DEFEITOS E VIRTUDES

**Quanto mais próximas as lentes de aumento,** maiores os defeitos. E defeitos, sabemos, são sempre muito visíveis e difíceis de suportar. Já as qualidades vão se esgarçando e se tornando normais. Como um metal a se corroer, as pessoas também, isto é, vão acentuando suas esquisitices, suas manias, obsessões, pela insegurança que a idade trás. Já a experiência e a sabedoria quem delas quer saber? Os filhos? Ora, esquece. Quando querem, já é tarde.

E pior, tais virtudes se existem, quase nunca são na medida desejada, ou por nós próprios avaliada. Quase sempre somos menos do que desejamos, embora queiramos parecer melhores do que somos. Faz parte.

O que resta é olharmos direito e avesso no espelho que é o outro, e nos reflete bem. E não desacorçarmos diante do esboço que somos. Afinal, não estamos apenas no caminho da perfeição? O caminho é de cada um, com suas paisagens maravilhosas e as tais pedras do meio. Como dizia o poeta, faça-o ao caminhar. E não lamentemos nossas imperfeições. Devemos tentar corrigi-las. ❷

## SOBRE FRAGILIDADES

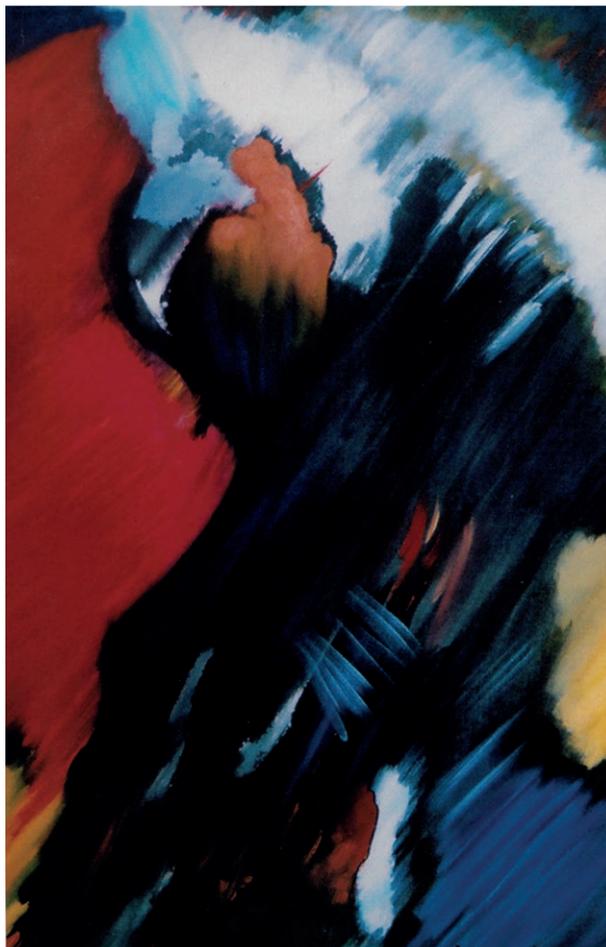
**Há duas forças na Medicina que nos aproximam do paciente.** Uma, é a força técnica. Indubitável que um paciente, tendo uma obstrução crítica no tronco da coronária esquerda, ao se ver revascularizado e bem, se torne agradecido ao seu médico. Se o paciente tiver consciência de que o procedimento foi salvador, e continua inteiro, não há como não ser agradecido. Precisaria ser pétreo, rígido, desses que nunca dão o braço a torcer. Mas não é um agradecimento de aproximação legítima, é de submissão. Não tinha alternativa a não ser se submeter.

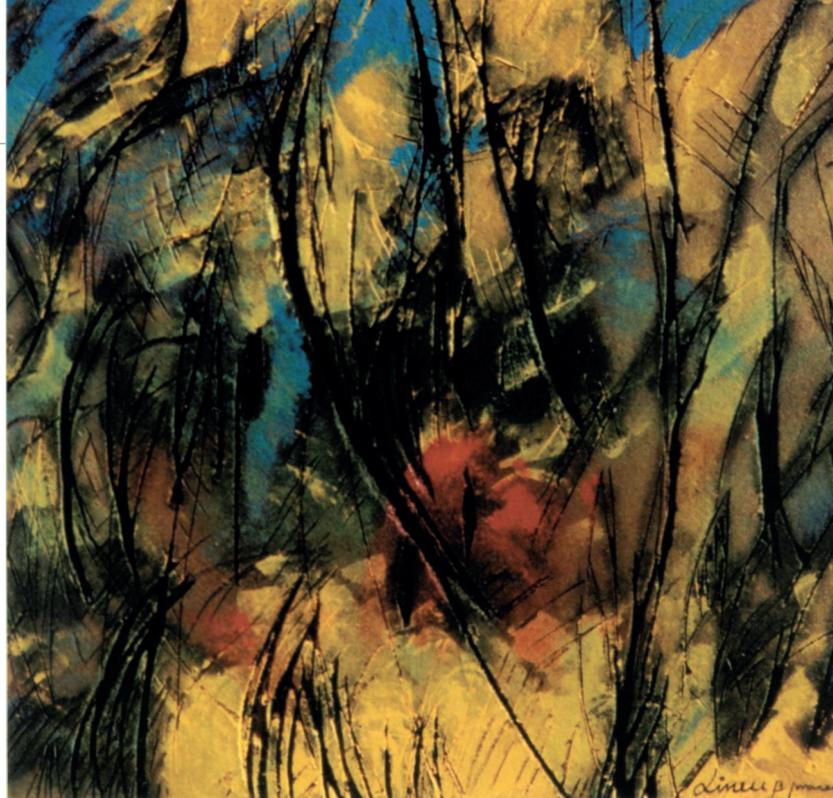
Há outra força, embora também de submissão, que não é induzida pelo médico, por ser de caráter mais receptivo do que ativo. O paciente se aproxima por suas fragilidades, por sua “essência de vidro”, como diria o poeta. É quando o paciente compartilha suas vulnerabilidades, suas fraquezas, que, ao emergirem, fazem noite seu viver.

Como sabemos, gostamos mesmo é de representar força, o super-herói infantil que habita todos nós. Nesse caso, o da fragilidade, precisamos ser delicados, não usar o imperativo da técnica, mas o da sensibilidade. Não submetermos o paciente à nossa vontade, mas às suas necessidades, por não termos a técnica de transmutar fragilidade em força, em reparo concreto. Quando muito, conseguimos que a conscientização dessas fragilidades gere autoconhecimento, para que não as necessite usar no seu cotidiano. Isto é, frágeis – a tal essência de vidro – sempre seremos, mas reconhecendo-as, não precisaremos usá-las no dia a dia. A não ser, a dois, na intimidade, e aí será sublime. Aproximação por fragilidades, aquelas que não queremos descortinar, apenas viver. A consciência das vulnerabilidades são a nossa força. ❶

## SOBRE O TEMPO PERDIDO

**A verdadeira busca do tempo perdido está** na busca de nós mesmos, na prospecção do autoconhecimento, na ida ao encontro da essência do que somos enquanto legado e vivência, em montar os fragmentos de nosso passado vivencial, integrá-los como num jogo de montar, ter noção de superfície e profundidade dessa inteireza fragmentada, pois só assim poderemos conhecer virtudes e vulnerabilidades do próprio ser. E saber o que se pode e o que não se pode fazer no cotidiano, do que se pode ser responsável ou não, pois só dessa maneira podemos levar o outro em consideração. Isto é, tratar de sujeito para sujeito, exercer nossa individualidade com propósito coletivo, evocar o que poderia ser chamado de amor, a busca e a doação do melhor de si no outro. ❶





Lineu Borges de Macedo - Floresta em Cores, 1993.

## SOBRE LER E OUVIR

**Escrever não é um prazer, é um dever. Ler, sim, é um prazer.** E, criar, o prazer agregado. Se tivesse que fazer um perfil de alguém que não conheci, tentaria transmitir ao leitor aquilo que me parecesse a essência do perfilado. Claro que aí há uma arbitrariedade, a escolha das características; mas também um desejo, que o leitor retenha algo de essencial. Como a maioria dos trabalhos, é um dever. Demanda certos cuidados, um pouco de talento nas escolhas, e só. Dever. Principalmente com a veracidade possível. Quando escrevemos um ensaio, há que se ter conhecimento do assunto; mas também há que se estar livre para o seu exame de consciência, para não se subornar a si próprio. Isso já dá não prazer, mas um certo grau de desafio. Podemos olhar por ângulos insuspeitos aos outros. Agora, quando se faz poesia, envolve um grau de excitação intelectual que é muito bom, prazeroso.

O que vai acontecer é imprevisível. As coisas brotam, às vezes prontas, outras vezes um simples delineamento a ser lapidado. Isso pode levar tempo. Tanto que um grande poeta dizia que não terminamos um poema, simplesmente o abandonamos.

Então sou perguntado: por que não publica mais poesia? Por escrúpulo, respondo. É uma arte difícil. Deveríamos ter sempre alguém que a criticasse antes de ser publicada. E que fosse cruel na crítica. Aquela crueldade exigida pelo falecido Otto Lara Resende quando enviava algum de seus textos para análise do nosso Dalton Trevisan.

Merece ser ainda lembrada a história do Dr. Vanzolini, que deixou de compor quando os amigos morreram. Os mesmos é que lhe davam os toques, faziam a crítica ou melhoravam certas partes. Isso porque sempre foi um grande letrista, mas um melodista intuitivo. E mesmo as letras careciam de crítica para serem ou não inteligíveis ao grande público. Seus amigos eram gente do povo, estavam mais em contato com o homem comum não letrado, e ele queria atingir essa parcela populacional, embora com qualidade.

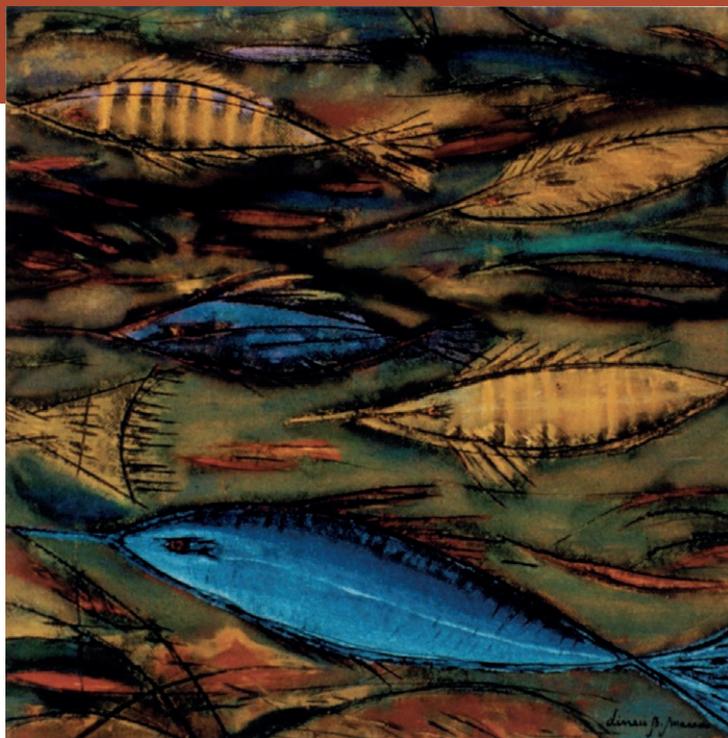
Daí, nunca esperarmos lealdade ou fidelidade por parte dos pacientes. São volúveis. É da essência do humano, por isso os gregos apreciavam tanto a gratidão. Devemos fazer o melhor de nós em competência e bondade dentro de nossas circunstâncias; isso é civilizatório. Mas não podemos esquecer as palavras de Augusto dos Anjos: *“Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja”*. 🗨

## SOBRE VIDA, MÚSICA E ESCOLHAS

**Escolhas são sempre difíceis. Entre isto ou aquilo, silenciamos. Ou tememos. Ou rejeitamos. Raramente abraçamos. Na vida e na música. Entre o isto ou aquilo nunca se sabe bem qual é melhor, por isso, o conformismo prepondera, a expansão se faz exígua. Melhor ficar com o primeiro, costumeiro, que embora possa ser bom, nada mais acrescenta. O novo, estranha-se. Mesmo que se entranhe. Mas é o mesmo que mostra outros caminhos, dimensões diferentes, ou simplesmente novos. Ou seja, nada de novo, mas diferente. E nisso pode estar a água fresca de uma nova fonte que sacia nossa curiosidade ou necessidade. *Perrier* dos sentidos, a descortinar paragens inesperadas; sons estranhos que, breve, se harmonizam e criam o noviço arranjo que faz diferente o sabido. E, consentindo, torna o saber de segundo grau, penetrando a alma qual brisa fresca que varre o abafado da mesmice, das bagatelas inúteis que estorvam a percepção. Melhor viver escolhendo o que ouvir, olhar, perscrutar; sentir os novos sons que vêm de cada um e cada outro, que se entrelaçam em escolhas. Escolhas da ousadia da maturidade. Na vida e na música. ❶**

## SOBRE LEITURA E IÁTRICO

**Ninguém agrada a todos, mas devemos tentar um certo nível de relevância. O fato é que nenhuma publicação é lida de cabo a rabo. Há do que gostamos e achamos relevante e há seu avesso. Já justificamos que nossa publicação não deveria ser apologética e que, às vezes, beirava o iconoclástico. Mas procuramos ser pluralistas, dar voz a tendências. Portanto, qual a posição do editor? É se manter equidistante, prudente, sem proletizar ou propagandear. Mas também o é de dar voz às ideias correntes, quaisquer que sejam, desde que bem formuladas. Mas uma revista de ideias é para isso mesmo, para provocar, suscitar discussão. ❶**



Lineu Borges de Macedo - Peixes, 1993.

## SOBRE FELICIDADE E LIBERDADE

**Felicidade, a seguir o bom senso, é ingenuidade. As pessoas vivem perseguindo-a em vão, sem nunca encontrá-la. Não sabem que felicidade é parecida com liberdade, um estado de espírito que deriva essencialmente de uma maneira de ser e viver consentânea com a de pensar. É essa coesão que nos dá serenidade para viver. Não devemos procurar nas estrelas ou na lua, pois está dentro de nós mesmo. Simples assim. Difícil é organizar pensamento e vivência, dar-lhes unidade. Mas tem por aí uns abençoados que são serenos por natureza. Não os invejamos, dando vida à coesão e unidade aos fragmentos existenciais. Arranjar uma vida para viver e não apenas para trabalhar. ❶**

## SOBRE PODERES

**Quando a fé se instala no poder, seu primeiro cuidado é queimar o conhecimento.** Afinal, não precisamos mais saber, apenas crer. Exige que não confundamos a “realidade”, que é humana e mutante, com a “verdade”, que é divina e imutável. Seu argumento é que a verdade científica, verdade de observação e experiência, é incerta e evolutiva, como toda constatação humana, portanto, sujeita a erros (e isso é verdadeiro); e que só a verdade superior, sempre imutável, por ser obra de Deus, é essencial. De modo que você, caro médico, deve escolher: ou ficar com crenças ou com provas. Ou amalgamar

crenças e provas sem criar uma cisão que prejudique seu raciocínio lógico.

Ou seja, se crente, faça sempre uma abordagem racional dos problemas, e quando os mesmos ficarem fora do escopo de verificação e demonstração, terreno das provas, use a sabedoria transcendente. Resolve o problema da dicotomia razão e fé, e não queima o conhecimento, redenção da ignorância. Portanto, só use a transcendência, se tiver certeza de que não há provas. Rememorando Jean-Claude Carrière: “O saber tem partidários, a ignorância tem apóstolos.” ❶

## SOBRE TIMIDEZ E COMUNICAÇÃO

**Tive um professor, Arnaldo Moura, que gostava de repetir a frase do político Disraeli: “A natureza nos deu dois ouvidos mas uma só boca”.** Quieto, observador e tímido, Arnaldo sabia a importância de escutar mais do que falar. Era um racionalista, tinha horror a abobrinhas. Esse distanciamento crítico fazia com que, às vezes, parecesse arrogante. Que, aliás, é a aparência de todos os tímidos. Quer dizer, além do desconforto da timidez, ainda pagam por uma equivocada avaliação social. O “verdadeiro” Arnaldo apreciava quando em petit comité, entre amigos, quando soltava o verbo e a verve. A citação decorre da dificuldade apresentada por acadêmicos que são tímidos. O tímido está condenado a ser um observador que é mais do que ver; é a visão treinada. E esse pode ser o grande mérito do tímido.

Citei um grande, o professor Arnaldo Moura, e cito outro, de grande dimensão nacional, o gaúcho Mário Rigatto, ser humano especial, um dos precursores da luta contra o tabagismo no Brasil, falecido em 2000.

Certa vez convidamos o Mário para uma confe-

rência. Depois de uma apresentação notável pela sua expressão linguística, fui levá-lo ao hotel onde se hospedava. No caminho me confidenciou sua timidez e o fato de ter desenvolvido a mestria de falar em público, de lidar com uma plateia, para vencer sua timidez. Tanto que só conseguia fazê-lo quando tinha um script, um roteiro mental. Tinha, pois, dificuldade para improvisar.

Temos aí exemplos de dois professores que eram tímidos e que foram grandes porque, além do brilhantismo intelectual, tinham a força da comunicação. Conseguiram, com esforço, superar suas dificuldades. E se aprenderam a ouvir, antes de falar, ainda sabiam, como o marquês, que é preciso ter um ouvido para o presente e outro para o ausente.

Se isso é válido na interlocução, muito mais na leitura e na visão científica quando ouvidos e olhos têm que se multiplicar na busca das melhores evidências e do que seja mais factível à prática médica. Precisamos ir à luta. Os empecilhos existem para temperar o aço. ❶

Ruber Esmalhoto - Ceará, 2005.



## SOBRE CIÊNCIA E ARTE

**A arte e a ciência nascem do mesmo veio:** a inquietude que leva à necessidade de se expressar a si mesmo.

O artista e o cientista partem da mesma estação em direções opostas, percorrem caminhos diferentes; uns usando intuição e imaginação, outros indo além, verificando e reproduzindo. Todos fazendo de percepção, inspiração e criatividade, o ponto final de sua concretude. Igual ou díspar, sempre suada na tentativa do novo, eleito ou não. Uns com subjetividade e abstração ao encontro da obra; outros com o método da ordenação lógica, da prova e da amostra. Todos construindo uma realidade de sonho e explicação, de símbolos, palavras e matéria. Término da estação desembarque.

“A ciência em si” é um libelo para juntar arte e ciência, filosofia e técnica. Ambas buscam a sabedoria do mundo. Enquanto a arte filosófica questiona, avalia e qualifica, a ciência calcula, mede, quantifica. Uma não tem serventia imediata na aparência, a outra se pretende útil, sempre. Ambas se completam no imprevisto e na ousadia. Mas é a arte médica que dá sentido à tecnologia. E a torna amiga. ❶

## SOBRE A MESMA ESPÉCIE

**Cola não é privilégio dos alunos. Os que mais colam são os professores** com suas repletas transparências e pletóricos diapositivos e abundantes imagens digitalizadas.

Onde está o ensaio retórico dos professores? Ao abandonar uma palavra provocativa cheia de possibilidades pela esterelidade conceitual monótona e circular, sem saída, aonde chegam? Onde está a verve dos professores que deveriam permitir sempre uma discussão centrada nas ideias e não em sua validade, sempre exposta? Onde está o professor que brinca com os conceitos e sorri quando o aluno compreende? Onde está a humildade intelectual? Eis que o conhecimento é sempre parco e mutável, de dizer “não sei!”, “vou verificar!”, “vamos repensar!”... Estamos fartos da mesmice do saber pasteurizado.

Que venham os provocadores. Seres multívios que me agucem a curiosidade, matéria prima do desafio e da descoberta. Seres que sorriam para a reflexão e que sejam sisudos com a erudição. Tensão entre opostos ao ponto. Pois também sou professor e estou desolado comigo mesmo! ❶

# PARA REFLETIR

❶ A ciência médica precisa da arte como a régua precisa do compasso. Não podemos esquecer que a medicina, apesar dos avanços da ciência, continua sendo muito mais arte na sua prática. E é a arte que torna a ciência “amigável”. É a arte que “infunde ritmo ao puro desengonço”, para usar palavras poéticas.

❶ O que nos faz bons médicos não é a ciência, é a cultura, que nos lapida, nos torna iluminados para o cotidiano. São Jerônimo dizia que há uma “ignorância desejada” àqueles que, apesar de razoavelmente escolarizados, não dão nenhuma importância à cultura. Não fazemos nada por ela; faz por nós uma consciência madura.

❶ Médico resolve problemas. Estes sempre vão além de uma doença ou especialidade. Portanto, tenha primeiro uma boa formação horizontal se quiser ser um bom especialista. Só desça a um vale ou suba uma montanha depois de conhecer bem a planície. Terá menos chance de se perder.

❶ A única maneira de ter uma boa formação médica é aprender muito de muitos. Com o cuidado de filtrar conhecimentos e habilidades, assimilando-os, tornando-os próprios. Atitudes são treinadas na convivência social e com muita introspecção crítica.

❶ O senso comum é axiomático, isto é, trabalha com princípios evidentes por si próprios; em medicina, com aquilo que está estabelecido. Por isso, é de bom senso o estudante de medicina e/ou o médico residente trabalhar primeiro com o estabelecido, assimilando o hábito de confrontar a novidade e o suposto avanço com o padrão ou paradigma existente. Tudo o que muda para valer é lento na mudança.

❶ Aviso aos navegantes: quando o médico residente se aproxima do final do segundo ano de treinamento torna-se mais onipotente, resiste a receber conselhos, informações, referenciais ou o que seja; impermeabiliza-se às achegas de alguns instrutores. Isso pode escoar num crime de lesa-chefe. Superiores não gostam de ser afrontados. Gostam de ensinar, não de ser ensinados. Ademais, evolução pessoal constante só com humildade intelectual. Bom lembrar que o sábio pode aprender com o tolo e nunca o contrário.

❶ O médico pratica a arte associada à ciência via linguagem. A arte torna a ciência “amiga” do ser. Por sua vez, a ciência vitaliza a arte. A intermediação desse enriquecimento é realizada pela linguagem. É também seu limite, seu apoucamento, via ininteligibilidade e prolixidade. O reino da produtividade linguística é a simplicidade. Nas palavras e nos gestos.

## PALAVRAS DE MESTRE

“Encontramos muitos homens que foram ótimos estudantes, que se distinguiram em seus cursos, que conhecem profundamente a medicina, mas que na prática revelam pouca sensibilidade. Eles dominaram a ciência e falharam na compreensão do ser humano”.

**WILLIAM MAYO (1861-1939).**

❶ Estudante de medicina, busque ter alguns professores como modelos, os melhores que puder ter. Depois, crie sua própria personalidade. A imitação é a primeira forma de aprendizado e é também uma lisonja ao apreciado, mas, como qualquer filho que precisa de raízes fortes, depois deverá ter asas. Voo próprio é fundamental, mesmo quando se trabalha em equipe. É aciano: muitas luzes iluminam mais, mas nem sempre melhor. Saiba sempre o seu lugar e seu papel.

❷ Em ciência, entendida no sentido racional de análise crítica, não pode haver ideologia. Tratar-se-ia no caso de um embuste intelectual. E em ciência, honestidade intelectual e rigor nas provas são essenciais para atingirmos bons fins. Daí minha completa aversão a ideologias quando se trata de ciência.

❸ É a reflexão advinda do sofrimento, do infortúnio ou, o que seria melhor, do esforço, desde que assimilada, que determina maior ou menor experiência social que se tem. Não é ter vivido muito socialmente. É ter refletido muito sobre o vivido, mesmo que pouco. Por isso, que experiência não se ensina; cada um adquire à sua maneira e para seu uso. Só se adquire vivendo e refletindo sobre o vivido assimilado.

❹ Se você acredita que a sua ideia tem mérito, persiga-a. Não tenha medo de fracassar. A experiência está diretamente ligada ao fracasso; infelizmente não somos treinados para a rejeição e o fracasso. O experimentalista fracassa em mais de 90% das vezes, ou seja, nessa proporção verifica que suas ideias não funcionam. Assim mesmo, tem a resiliência de lidar com a derrota. Esse o ânimo do pesquisador. Afinal, passa a vida medindo e conferindo dados da melhor maneira possível. Então, ficamos com aquela antiga fórmula: 95% de insistência e 5% de talento, pois, se o indivíduo desistir não há talento que o ajude.



# PARA SER MÉDICO

**Para ser médico é preciso ter calma.** Não a calma amor talhada do silêncio dos inocentes, mas a quietude de quem raciocina e concentra o siso. Mesmo quando a entrevista suscita o riso.

Para ser médico é preciso ser inteiro, mesmo quando fragmentado por dentro, quando a dor de seus amores ilude a isenção e a firmeza diante do risco cirúrgico.

Para ser médico precisa-se gostar de gente, mesmo que indigente. Gostar de diagnóstico, mesmo que por vaidade; é útil assim mesmo. Ter gosto de reparar, curar, modificar o ser como um deus terreno, sereno nos propósitos, certo nos acodes.

Para ser médico é necessário partir para o reajo, logo existo, das emergências; refletindo sobre o medico, logo clinico, da resolubilidade consciente e

eficaz; que desfaz filas serpiginosas. E é preciso ser curioso, ter uma enorme curiosidade sobre a diversidade humana.

Para ser médico é necessário antes de tudo ter uma visão de mudança social. Para um mundo aberto à ciência, à decência profissional, ao olhar humano que respeita e se limita, e crê no benefício resultante para a humanidade. Menos parálitica, menos inconsciente, menos necrótica, menos invasiva.

Para ser médico, imaginação é preciso. E paixão pela liberdade de se vincular e se tornar responsável. Paixão pelo esclarecimento da ação. Sem o que a arte e ciência se tornam vaidades.

Para ser médico é preciso um contrato com o impossível, e apenas tolerar o possível. Pois só assim se chega ao inesperado da descoberta, de si e dos outros. ❶

## ANTOLOGIA I

“Talvez um dia, por esperança ou ser criança/Deixei Helena, com seus braços me guiar.../Foi sem amor, foi sem pudor...”

“É melhor brigar juntos do que chorar separados.”

“A arte de sorrir cada vez que o mundo diz não.”

“Ah, se eu fosse você, eu voltava pra mim.”

O que tem em comum nestes versos de Land, Lupicínio, Arantes e Silvio César? A esperança. Maneira de capitalizar a experiência negativa, condensada no verso de Murilo Mendes (1901-1975): Sem esperança não surge o inesperado.

O médico é – e será sempre – uma esperança.

## DO CADERNO VERDE

“Psicoterapia é, acima de tudo, não conhecimento teórico, mas capacidade pessoal.”

**MICHAEL BALINT (1896-1970).**

Isso não significa os médicos dividirem o seu trabalho com os psicoterapeutas, que devem ter um ofício de reeducação mais específico, e sim a obrigação inerente a qualquer médico de se instrumentalizar para que possa praticar uma medicina terapêutica em si. Não basta ser afável, não basta ser bonzinho, não basta intencionalidade. É necessário se desenvolver como ‘droga’ que o médico é e usar a dose certa para cada paciente, isto é, a dose de médico.

# ROTEIRO

**Médico precisa viajar para dar mais vida ao impreciso viver.** Levando, como se deve, um mínimo de tudo: roupa, limpeza, notas, papéis e, sobretudo, ideias. À espreita de absorver o máximo de tudo: coisas, lugares, pessoas. À espreita do gesto que pode macular o branco de doer, ou ser.

Há outra viagem mais impiedosa, a estática, a que se faz sem sair do lugar. Esse viajor, se decidido e rigoroso, percorre os caminhos mais insuspeitos, os de si próprio. Com suas evocações sofridas, experiências inconclusas e saudades diluídas por demoras. Sem autovitimização ou autoindulgência, ao cortar as correntes das dores antigas sobra a inconstância do eu, com opções diversas e incertezas tão presentes... E desejos tão incorretos. Sim, viajar é necessário e impreciso tal qual o baile da vida, mas os caminhos dúbios adotados devem ter o ardor da curiosidade, do desprendimento e do alargar-se. Essenciais para evitar a tristeza da síntese poética: "Viajar, viajar, todo o planeta é zero." Entre a decepção e a alegria, todo roteiro é incerto, decerto o interior.

Médico precisa viajar com esforço e disciplina, para dentro de si e do outro. E, às vezes, só com leveza e *nonchalance*, sem intenção. É a dupla via certa do dever e do prazer. ❶

## DO CADERNO VERDE

Não sou crente, dos quais não tenho a fé; não sou ateu, dos quais não invejo a convicção; não sou agnóstico, dos quais não possuo a reflexão; sou um mero perplexo.

Máxima religiosa para quem ainda não encontrou a luz.

## ANTOLOGIA II

"Um cantinho, um violão."

Tom, síntese da bossa, da simplicidade, do contato e do isolamento, de sentimentos misturados, do ócio com significado de ter tempo para criar e viver o sonho de existir. E se desdobrar no outro.

### SOBRE VIDA

(Poesia de Tom e Vinicius)

"A felicidade é como a pluma/Que o vento vai levando pelo ar/Via tão leve/Mas tem a vida breve/Precisa que haja vento sem parar."

E sabemos que o vento nem sempre movimenta as folhas em sua previsibilidade imprevista. Tornado brisa, sente-se e evoca a suavidade do pressentido, mas é breve e recorrente, como tudo que é vida.

# ENTREMEIO

**"Ensinar não é só uma profissão, ensinar é uma arte.** O ensino necessita da justiça de um verdadeiro juiz, da pureza de um verdadeiro sacerdote, da paciência de um verdadeiro médico. O professor é um médico espiritual, cura os erros do intelecto, livra a alma da ignorância. O ensino é uma profissão espiritual. O professor é o guia que nos leva pelos caminhos cheios de beleza, da ciência. Que imensa beleza, que enorme beleza existe no fato de tirar uma dúvida de um aluno, de um professor ensinar uma coisa nova a um aluno, de um professor ser justo e compreensivo."

Extraído de uma redação escrita em 1959 pelo estudante Caetano Veloso, aos 16 anos, e que mereceu do professor Nestor Oliveira o parecer: "Excelente prova, pode servir de modelo quanto a estrutura, quanto a substância".

# IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA PESSOAL

*“Mas a paixão cega nossos olhos,  
e a luz que a experiência nos dá  
é a de uma lanterna de popa,  
que ilumina apenas as ondas  
que deixamos para trás”.*

**Samuel Taylor Coleridge (1772-1834)**

**Poderia me associar aos devotos da experiência** como mestra de todas as coisas ou aos cínicos da experiência como um rico baú de vivências inúteis, mas isso experiência já não seria. Seria adesismo intelectual, tão estéril quanto olhar sem ver.

No geral, como se dá a trajetória do conhecimento humano? Vale dizer, como sabemos o que sabemos? Para nossa formação científica começamos mal, geralmente iniciamos por três más razões para saber: tradição, autoridade e revelação.

Aprendemos a ser crédulos via crenças religiosas, que não têm nenhuma relação com provas. Todos acreditam em coisas diferentes. Mesmo entre cristãos as diferenças de credo são marcantes. Ora, nem todos podem estar certos. Essas crenças vêm da tradição, do avô ao pai; deste ao filho. Começam do quase nada e os séculos as tornam “verdadeiras”. Como a mentira, de tanto ser repetida se torna verdade. E a própria verdade, já a sabemos do poeta, nem veio nem sei se foi, o erro mudou.

Autoridade significa acreditar em alguém importante que ordenou que assim fosse. A tradição há séculos difundia pelas gerações a ascensão de Maria, algo que não está na Bíblia, inventada cerca de seis séculos depois de Cristo. Isto é, a mãe de Jesus era

tão especial que não morreu, ascendeu ao Céu, algo não compartilhado por outros cristãos. Só nos anos 50 do século XX, com sua autoridade perante os católicos romanos, o papa disse que o corpo de Maria havia subido ao Céu. No que os católicos já acreditavam.

E se lhe perguntássemos como sabia disso, diria que lhe foi revelado. Ou seja, no catre papal, durante uma de suas introspecções, a ascensão lhe foi revelada e, subsequentemente, imposta como verdade a todos os católicos. E se você for realmente um obediente católico romano, terá que acreditar; se insubmisso, poderá ser excomungado. E desde já deixo claro que isto não é um libelo antirreligioso. Penso ser a experiência religiosa algo essencial à maioria dos seres humanos, algo que transcende o ser e o faz melhor, que se não existisse teria que ser inventada, para que pudesse suportar a vida e, de algum modo, aperfeiçoá-la.

Apenas quero marcar uma linha divisória, que nos prepare para o pensamento científico que deve ser cético e humanista, centrado em provas e no bem da humanidade.

Ciência e religião são coisas diferentes; aqui estão sendo usadas como contraponto erístico. O cientista pode ou não ser religioso, e ser igualmente bom. Os

Lineu Borges de Macedo - Em Azul, 2001.



que fazem a opção religiosa, usam a ideia de Deus para colocar ordem no caos e dar um feição lógica a todas as coisas, o que ajuda a resolver angústias existenciais, mas em nada contribui para a ciência. Há quem diga que uma busca da realidade objetiva à revelação é outra forma de satisfazer a fome religiosa. De qualquer maneira, torna a ciência uma religião libertada e ampliada. Libertada porque não tem dogmas; ampliada porque não tem limites, sendo enquadrada apenas pelo rigor das provas, que são boas razões para crer, boas razões para não confundir fantasias com experiências. Boas razões, portanto, para nos reeducarmos quanto ao que devemos ou não saber, já que queremos mais acreditar do que saber.

As provas podem advir de observações direta – órgãos dos sentidos – ou indireta. Tínhamos dados científicos de que a terra era redonda. Mais tarde, os astronautas puderam comprovar esse fato por visão direta. A observação indireta aponta indícios – como

OS QUE FAZEM A OPÇÃO RELIGIOSA, USAM A IDEIA DE DEUS PARA COLOCAR ORDEM NO CAOS E DAR UM FEIÇÃO LÓGICA A TODAS AS COISAS, O QUE AJUDA A RESOLVER ANGÚSTIAS EXISTENCIAIS, MAS EM NADA CONTRIBUI PARA A CIÊNCIA.

impressões digitais de uma arma – que são princípio de prova que, conjugados, podem levar à prova. Às vezes somos obrigados a formular uma hipótese – nada mais que um palpite – que se verdadeira deverá conduzir nossa observação a tal coisa. É o que chamamos previsão. Para testar a validade de uma hipótese é necessário criar sua antítese e confrontar logicamente as duas (Karl Popper, filósofo da ciência); se resistir, dá-se um passo à frente. Provado um fenômeno, o mesmo terá que ser repetido por outros e confirmado. Em ciência, sem repetição e confirmação, não há valor.

A ciência médica se sofisticou de tal maneira que foi criada a Medicina Baseada em Evidências, isto

é, baseada em provas; e as provas, com o apoio da associação da Epidemiologia Clínica e da Bioestatística, estão cada vez mais reduzindo o conceito do erro. Exemplo: perdurou por alguns anos a hipótese de que a reposição hormonal na mulher menopausada, por aumentar em cerca de 10% o HDL e reduzir em outros tantos o LDL, atuasse prevenindo doença coronariana. Estudos observacionais trouxeram até certo consenso a respeito. Porém, depois, estudo randomizado, duplo-cego, comparando a um grupo placebo, que visava determinar se a terapêutica de reposição hormonal (estrógeno/progestágeno) diminuía o risco de doença coronariana, mostrou que a associação teve efeito negativo, isto é, o HDL e o LDL sofreram as alterações esperadas, mas isso não reduziu o risco.

A hipótese inicial que desenhava certa previsão não pôde ser provada. Sem confirmação, não pode ser utilizada como argumentação lógica, só como postura ideológica, que nada tem de ciência. Estávamos errando, mas pudemos consertar o erro. Mas não nos enganemos: os erros estão para a pesquisa tal como a experiência está para o atendimento clínico. Cometer erros é a chave do progresso. Evolui aquele que erra muito, mas sobretudo aquele que é um grande conhecedor de seus próprios erros. Analisando-os, como a uma obra-prima, podemos notar suas nuances, seus porquês, gerando dúvidas que suscitam outras hipóteses e, quiçá, descobertas. Em pesquisa, há a teoria e depois a prática, que deve confirmá-la. Podemos ser autodidatas, é o mais difícil, raro mesmo, ou aprendizes criados ou orientados por aprendizes já evoluídos.

De qualquer forma, é por meio de tentativas e erros que promovemos a evolução biológica. E aqui está uma diferença importante entre ciência e crença. Na ciência, comete-se erros em público e para exibição de todos os pesquisadores, que aprendem com eles e os rebatem. Todos se beneficiam, menos a fraude e o obscurantismo. Quando não se tem formação científica crê-se em tudo. O segredo é quando e como cometer erros, de forma que ninguém se prejudique e

A EXPERIÊNCIA É UMA LANTERNA DE POPA A ILUMINAR O PASSADO. OU SE PREFERIREM, COMO ERA DO GOSTO DO NOSSO PEDRO NAVA, É COMO FAROL DE CARRO ILUMINANDO PARA TRÁS. NA FRENTE TUDO CONTINUA ESCURO.

todos possam aprender com a experiência.

Testemunho de um erro: em 1979, a indústria farmacêutica colocou no mercado o ácido tienílico (Selcryn), diurético uricosúrico, para ser usado no tratamento da hipertensão e da insuficiência cardíaca congestiva, com ou sem hiperuricemia. Depois de alguns meses de uso clínico da droga, vieram a lume vários informes sobre sua toxicidade. O distúrbio era acompanhado de hipertemia, mal-estar e dor abdominal no hipocôndrio direito, amiúde com elevação das transaminases acima de 1.000ui, e pequenas alterações da fosfatase alcalina. Cerca de 60% dos casos tinham icterícia. A toxicidade se tornava manifesta já na 2ª semana, embora a maioria dos casos ocorresse entre o 1º e 3º mês do início do tratamento. Alguns casos em que houve readministração do medicamento reapareceram as anormalidades clínico-laboratoriais. Não foi possível estabelecer a frequência do distúrbio hepático. Cinco óbitos, provavelmente, decorreram do uso do medicamento. Em meados de 1981, a indústria farmacêutica, ante prévia consulta à FDA, retirou a droga do mercado. Entre nós, este capítulo não foi devidamente avaliado. Como sempre, até por não termos um Centro de Notificação de Drogas, quando de seus efeitos adversos.

Tanto eu, como outros tantos, nos encantamos pela sereia que apregoava o uso de um diurético com a vantagem de ser uricosúrico (tal característica farmacológica se sabe útil em gotosos, devido à alta prevalência de HAS nesse grupo). Pois, pois, mesmo quem se pretende atento ao problema de efeitos adversos de drogas, escorrega e cai no comezinho princípio de não ser novidadeiro em terapêutica (“primum non

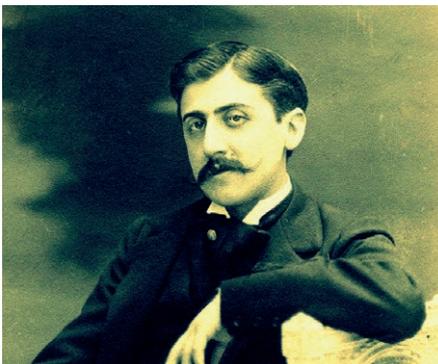
nocore”) de só utilizar drogas que tenham sua eficácia e tolerabilidade devidamente estudadas e comprovadas, por grupos independentes, em ensaios controlados. Esse erro gerou experiência? No concreto espero que sim, em abstrato pode ser que não. Afinal, experiência não é o que vivemos, mas o que fazemos com o que vivemos. Para este texto, fiz uma pesquisa com pessoas que acredito sérias, que têm sólida formação científica e praticam medicina baseada em evidências, sem descurar da arte médica. E mais de dois terços poderiam ter sua resposta à pergunta ‘o que é experiência?’ resumida na seguinte frase: “É o refletido sobre o vivido”. E isto já é um bom começo. Mas também sabemos que vivências semelhantes geram experiências diferentes. Como filtrá-las? O que se faz necessário é que o médico, para ser rigoroso em suas análises, esteja equipado com o instrumental intelectual necessário (Epidemiologia Clínica, Bioestatística etc.) e seja dotado de sensibilidade clínica e experiência social, que é o que faz ter sucesso e o ilumina.

Como no poema em epígrafe, a experiência é uma lanterna de popa a iluminar o passado. Ou se preferirem, como era do gosto do nosso Pedro Nava, é como farol de carro iluminando para trás. Na frente tudo continua escuro. A experiência só funciona quando nos confrontamos com o já sabido; o já vivido de nada serve para o novo, a não ser que o novo seja desdobrado do velho ou associações de conhecimentos sabidos. Por isso, o povo diz ser a criação a mãe da necessidade. Quando empurrados para o beco sem saída da curiosidade e/ou da necessidade é que criamos. Transpondo para a prática médica: a experiência é muito importante para a prática clínica, onde devemos errar o menos possível, ser eficazes com o que dispomos, melhorar a ade-

são de nossos pacientes, ser aperfeiçoados em nas habilidades e adequados nas atitudes. Também saber eleger as palavras e os atos mais adequados aos nossos pacientes.

Mas isso tudo não ilumina o futuro; não cria, apenas conserva. E já é muito se conservar bem. Em outras palavras, a experiência ajuda a dar sentido ao que, parece aos outros, abstrato ou irracional, mas não é suficiente para iluminar o novo em nosso caminho, que fica por conta da inteligência (capacidade de aprender sem usar a experiência), da curiosidade e da necessidade. A arte médica é, em grande medida, uma questão de aprendizado, sem prescindir da sensibilidade, do talento e do afeto, e deve facilitar o acesso à ciência (adesão). A arte se beneficia mais da experiência do que da ciência. Esta será sempre incerta, imprecisa e parcial, por isso ilimitada, transitória e evolutiva.

A da vela no escuro é a melhor analogia. Quer evoluir na ciência? Delire. Os sensatos não criam, usam o estabelecido. Erre e acerte. Mas tente. Siga o apotegma: “Tente de novo. Fracasse de novo. Fracasse melhor”. Mas seja um aprendiz ordenado, tenha supervisão no seu delírio. Quer evoluir na arte médica? Seja conservador, olhe o passado e aprenda coisas insuspeitas, pois “o conhecimento que pode ter uma pessoa não pode ir além de sua experiência”. Quer evoluir na arte e na ciência? Adquirir conhecimento com sabedoria. Muita tecnologia sem filosofia é oca, fica desprovida de sentido, tal qual a informação sem instrução. Por isso, já perguntava o poeta em tempos idos: onde está o conhecimento no meio de tanta informação? E a resposta está na solidez da formação: menos é mais. Não viva de impressões e sim de conceitos. Acima de tudo, contemple, sem contemplação. ❶



## PALAVRAS DE ESCRITOR

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas sim em ter novos olhos.”

MARCEL PROUST (1871-1922).



Lineu Borges de Macedo - Gaiotas, 1983.

## EDUCAR É MODIFICAR ALGUÉM, É AMPLIAR AS POSSIBILIDADES

### **Certa vez, conversando com o professor**

João Manuel Cardoso Martins, entre vários comentários ele afirmou que “só se adquire cultura aquele que está disposto a ouvir ou ler a opinião de outros, mesmo que já tenha uma opinião sobre o assunto”. A disposição para reflexão dos argumentos ou ainda da forma de pensar de outras pessoas nos faz descobrir outras possibilidades e com elas outros caminhos, outras reações, outras dúvidas e outras indagações.

Adquirir cultura, descobrir possibilidades são alavancas que impulsionam o processo de ensinar. É até certo ponto assustador descobrir que para ensinar alguma coisa a alguém precisamos mais do que conhecer o assunto, dominar o ofício, ou ainda, ser habilidoso com a técnica.

Arte se encontra no plano do encantamento. Encantar é possibilitar a crença, a descoberta da satisfação

e a alegria de fazer e repetir o quanto for necessário com o mesmo empenho e vontade. Encantar é chamar a atenção, é fazer pensar.

Educar é encontrar para cada pessoa o caminho necessário para que as informações sejam incorporadas e utilizadas. Educar é modificar alguém, é ampliar as possibilidades.

A cultura melhora a maneira para conseguirmos alcançar àquele que quer aprender, seja fornecendo o mapa com a estrada mais adequada, ou ainda, fornecendo os argumentos necessários para despertar o desejo de conhecer mais.

Em nossa existência as mudanças são constantes. Aprender nos permite mudar. Mudar é olhar para um mesmo lugar e encontrar algo novo ainda não percebido.

A cada dia, semana, mês e ano, em tese, aprendemos mais. A cada ano nos deparamos com novas pessoas e

com pessoas que já conhecíamos, mas que não são mais as mesmas, pois, assim como nós já se modificaram.

Este encontro de várias pessoas, com intenções semelhantes e algo em comum, nos permite transitar, ao mesmo tempo, com o que vem em busca de modificação, com aquele que já está se modificando, possibilitando o conhecimento de variados mapas com estradas distintas, cada qual com a sua complexidade e desafios. Nesta viagem, ainda é possível encontrar, pessoas em uma mesma estrada, mas em lugares diversos. A velocidade com que modificamos as pessoas não é igual. Cada um tem o seu tempo.

Uma vez iniciada a jornada, abre-se outra perspectiva, independentemente do tempo de viagem. A opção da escolha. Com ela as possibilidades aumentam e se diferenciam. É possível observar alguns com passos mais apressados, outros mais vagarosos, todos no caminho, mas agora com objetivos específicos.

Esta trajetória é também acompanhada de decepções. Quando presente, a decepção se mistura com a reflexão das escolhas que fizemos, com o que já encontramos até este momento e com a perspectiva do que encontraremos adiante.

Cada ofício ou profissão não se basta em si, nos seus princípios ou normas; depende de um conjunto de fatores, os quais em sua maioria não se modificam com nossas escolhas. Neste momento é que a procura por referenciais se torna necessária. Aquele referencial que fortalece e lembra os objetivos e as escolhas que fizemos. Ao nos oportunizar superar as decepções e, sobretudo, dentro dos princípios e normas da profissão que escolhermos, dá-nos o suporte para seguirmos em frente.

Reconhecer o caminho de cada um, perceber suas escolhas, estar perto na superação dos obstáculos, faz do ensinar uma arte, um desafio, um encontro que se modifica com dinamismo e descobertas para todos os envolvidos.

**Dr. Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho (PR).**

## PALAVRAS DO EDITOR

“O pensamento deve ter a pureza poética da intuição, o fulgor da percepção, o rigor da lógica e passar pelo crivo do confronto de seus opostos em busca da síntese precisa. Ademais, ainda necessita da retórica convincente daqueles que o depuraram. Isto é ciência e arte médica indissociadas.”

“Qual a palavra-chave para o respeito mútuo? Reciprocidade. O que não queres que te seja feito, não o faças aos outros. Deveria ser a regra de ouro de toda ação médica.”

“A cada momento que presenciamos pessoas ou a mídia denegrirem a imagem médica, justificadamente ou não, acusamos o golpe. Sentimos um pouco o chamado martírio da carne, mesmo que simbolicamente. Sabemos que o reconhecimento costuma ser silencioso. Já a incompreensão, um alarido desconexo. Quanto mais nobre, mais polar a profissão. Mais passional a reação.”

“Qualquer coisa que pretendamos fazer, por melhor cabeça tenhamos, exige esforço e dedicação plenos para talvez atingirmos parte do desejado. Médicos raros são os que se dispõem a tal tarefa. Usando as informações – dados – desprovidas de qualquer julgamento moral, de qualquer viés religioso, racial ou ideológico. Só assim o conhecimento é libertador, agente de formação e transformação.”

# REFLEXÃO SOBRE A ARTE DE ENSINAR

**Quando analisamos as propostas mais** avançadas da arte de ensinar que vemos propagadas na contemporaneidade, é impossível deixar de constatar que a maioria delas tem forte inspiração na arte da Maiêutica Socrática. O pai da filosofia assim descrevia seu método de ensinar: “Minha arte maiêutica tem seguramente a mesma fundamentação que a das parteiras, apenas com uma diferença, a pratico com homens e não com mulheres, pois o que busco fazer com meus alunos é verdadeiramente o parto de suas almas”.

Hoje, a empregamos exatamente como propôs Sócrates e o fazemos com a denominação de “a arte de deliberar”. Em outras palavras, não há mais lugar para longas e cansativas aulas expositivas. O método deliberativo pretende mostrar aos estudantes que o caminho mais adequado para refletir sobre tomada de decisões em casos de complexos conflitos morais que a pós-modernidade nos apresenta deverá sempre o de percorrer o caminho da busca de condutas prudentes, por meio do diálogo, levando em conta que vivemos em uma sociedade em que prevalece a pluralidade moral.

O que fazer quando existem conflitos de valores? Como fornecer aos estudantes de medicina subsídios prudentes para orientarem-se diante de casos concretos que efetivamente terão em suas vidas profissionais? Os dilemas morais não se resolvem simplesmente com a adoção de normas e tampouco parece satisfatório imaginar que guardar distância deles, protegendo-se em posição de neutralidade, pode trazer conforto ao profissional.

A única solução razoável é fazer com que nossos estudantes percebam que é necessário esmerar-se em ouvir atentamente todos os argumentos e valores morais de seus pacientes e, com muita prudência, por meio do processo deliberativo, buscar a conduta mais razoável e equilibrada possível. O jornal Folha de Londrina, de 22 de fevereiro de 2015, expressou em manchete que o CRM do Paraná é o líder nacional em condenações por infrações éticas. O corregedor da entidade, Dr. Roberto Yosida, orienta que os médicos devem “agir com tempo e paciência para conversar com os pacientes”. Seria imperioso, portanto, que não permitíssemos que Sócrates morra mais uma vez.

**Dr. José Eduardo de Siqueira (PR).**

---

## SOMATÓRIA

**Ensinar é um vírus que nasce frágil, vai** contaminando pouco a pouco seu hospedeiro, não tem vacina e é altamente transmissível. Diferente de outras patologias, o hospedeiro passa a não mais lutar contra o invasor, adapta-se a ele e se o corpo com o passar dos anos mostrar sinais de fraqueza, a mente

faz justamente o contrário: consolida os ensinamentos e aprimora a sensatez. Ensino nunca morre, o que eu sei é a soma de tudo aquilo que meus mestres sabiam, e meus alunos levarão tudo que eles me ensinaram, mais aquilo que eu puder acrescentar.

**Dr. José Carlos Amador (PR).**

# O QUE DIZEM OS MESTRES...

**Os fundamentos da boa educação são** atenção e bondade. Se exercidos na Medicina, vêm em reforço à consolidação da boa imagem médica. A lição reiterada pelos mestres resume os princípios fundamentais presentes no Código de Ética Médica e no Juramento de Hipócrates, em suas diferentes versões, que exaltam a harmonia do médico e do paciente sob amparo dos princípios éticos da autonomia, da beneficência, da justiça, da dignidade, da veracidade e da honestidade.

O conceito encontra unicidade nos depoimentos de alguns expoentes modelares da Medicina, todos distinguidos com o Diploma de Mérito Ético-profissional, honraria concedida pelo CRM-PR àqueles que alcançam 50 anos de atividade ilibada. Amilcar Rocha Coutinho, Rubem Antonio Nogueira de França, Zacarias Alves de Souza Filho, Luiz de Lacerda Filho e Ehrenfried O. Wittig formam esse grupo que faz do exemplo do exercício da profissão com consciência e dignidade como a principal mensagem na arte de ensinar.

## DR. AMILCAR

Formado em 1940 pela Federal do Paraná, o Dr. Amilcar Rocha Coutinho atuou por muitos anos no interior e sempre se engajou em trabalho comunitário. Morador em Curitiba, até o começo do segundo semestre do ano passado ele continuava em atividade médica, dando atenção aos vizinhos e amigos. Foi nesse período, ainda com boa saúde, que deu seu testemunho sobre o prazer do exercício da Medicina e de contribuir às futuras gerações de médicos pelas atitudes de boa conduta. Humildade, para ele, é a palavra-chave para construir uma carreira de sucesso, pois permite reformar opiniões e decisões para continuar o aprendizado e se tornar um médico e uma pessoa melhor. O Dr. Amilcar alcança o centenário de nascimento em 8 de maio deste ano.

## DR. LACERDA FILHO

Em agosto próximo, o Prof. Luiz de Lacerda Filho completa 50 anos de docência na área médica. Formado em Medicina em 1963 pela UFPR, menos de dois anos depois era nomeado para carreira de professor, integrando inicialmente a disciplina de Endocrinologia e Metabologia e depois passando para o Departamento de Pediatria. Em 2009, depois da aposentadoria compulsória, passou para o Programa Professor Sênior da Federal, atuando na docência e na orientação de alunos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação Saúde da Criança e do Adolescente. Para ele, os problemas na formação médica atual residem na ênfase da especialização sem uma boa base de conhecimentos clínicos gerais, a utilização desmedida da tecnologia e a cada vez pior relação médico-paciente.

“Uma coisa é ensinar Medicina, outra é dar aula”, referindo-se ao grande volume de teoria e explicando que, durante sua carreira docente, priorizou as aulas práticas por entender que se aprende mais ao fazer e ver do que ouvir. “É preciso compartilhar conhecimento, ensinar o que se sabe e não se deixar seduzir por armadilhas do ego”, assinala o professor, para quem conhecimentos de história, de sociologia, noções básicas de psicologia e de filosofia aumentam a qualidade profissional e ajudam na prática da Medicina – para o doente e não para a doença. E faz uma reflexão: “Nós, os mais velhos, frequentemente dizemos que antigamente era melhor; talvez uma escapatória para não admitir que a gente é que não evoluiu com o tempo”. Presidente da regional da Sociedade de Endocrinologia por cinco gestões e uma da nacional, o Prof. Lacerda Filho diz que uma de suas principais lições é de que o médico deve extrair o máximo da consulta clínica, daí o fato de ter abdicado de trabalhos que induziam a atendimentos em escala, sem a devida atenção ao paciente.



## DR. ZACARIAS

“É importante o médico se diferenciar em competências e, sobretudo, que seja humanista ao extremo no exercício de seu ofício, que veja o paciente como pessoa e não como mais um caso médico. A relação médico-paciente é o alicerce da atividade. O bom profissional também se faz por formação bem orientada e atualização e estudos constantes”. Os ensinamentos são do conselheiro decano do CRM-PR, Zacarias Alves de Souza Filho, também Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná, onde atuou por mais de quatro décadas. Em maio de 2014, na passagem de 100 anos da criação do curso de Medicina, ele mereceu especial homenagem na instituição.



Com sua experiência de quase 30 anos no conselho de classe, respondendo dentre outros cargos pela vice-presidência e corregedoria, o eminente professor destaca que a grande maioria das denúncias contra profissionais tem origem em conflitos na relação médico-paciente, daí sua insistência de que a questão de humanismo seja bem tratada desde o período de graduação. “Teoria e técnica estão mais à mão; aos professores cabe a missão de compartilhar experiências e bons exemplos de vida médica”, diz. Para o Prof. Zacarias, homenageado em 2008 pelos 50 anos de dedicação ética à profissão, a aposentadoria compulsória dos mestres aos 70 anos de idade é equivocada, pois via de regra estão no auge de seu potencial na divisão de conhecimento com os jovens. Também é membro-fundador da Academia Paranaense de Medicina.

## DR. WITTIG



Professor aposentado da UFPR, Ehrengfried O. Wittig tem em seu currículo as duas principais honrarias concedidas pelo Conselho do Paraná: a Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico, em reconhecimento ao seu trabalho humanitário, e o Diploma de Mérito Ético-Profissional, título, aliás, que ele foi idealizador em 1986. Além disso, é editor-fundador da Revista Arquivos, iniciada

em 1984 e com 124 edições publicadas, presidente do Museu da Medicina do Paraná, membro da Academia Paranaense de Medicina e experiência de conselheiro por mais de 30 anos. Com tudo que ele já fez em prol da Medicina, o que significa “ensinar”?

“A Medicina é uma arte que considera a constituição do paciente e possui princípio de ações e razões para cada caso, como bem referido por Platão. Assim, jovem médico, dê atenção tanto à doença quanto à pessoa. O futuro é hoje; o começo é tudo e o início foi ontem. Precisamos entender que conhecimento e verdade não são iguais, e que estamos num eterno aprendizado onde devemos responder com atitudes”. Embora sem afinidade com religião, Dr. Wittig diz que é preciso ser humilde ante a crença dos pacientes, por isso, antes de médico, é uma pessoa e que se vê impelida “a estudar Deus e fé, a vida e a origem.”

## DR. RUBEM DE FRANÇA

“Ensinar nada mais é que transmitir conhecimentos. O aluno nem sempre encontrará nos livros ou na internet as minúcias ou peculiaridades do assunto de uma aula. O ensino, especialmente nas matérias de Medicina, traz muito da experiência profissional do mestre. O conselho para os jovens é o de que absorvam o máximo da vivência de seus professores”. A reflexão é do oftalmologista Rubem Antonio Nogueira de França, 92 anos, dos quais 67 foram dedicados à especialidade na Capital. Professor Adjunto de Oftalmologia da UFPR, universidade em que se formou em 1945, além de sua contribuição à formação de grande número de profissionais, também tem preocupação com a memória médica do Estado. Colecionador, criou o Museu dos Óculos, com exemplares de vários presidentes e outras personalidades do Brasil. Todo o acervo, assim como seus livros raros de Medicina, ele doou recentemente ao Museu da Medicina do Paraná.

# A HORA DE COMPARTILHAR

**O conhecimento, ao ser despertado, provoca um certo arrebatamento no espírito, pois o bom aprendizado abre caminhos que se traduzem na completude de todos os caminhos.**

Quando a vontade de aprender encontra a vontade de ensinar surge o mestre: aquele que é um eterno aprendiz, generoso o bastante para provocar o que a princípio possa parecer de difícil compreensão. É hora de compartilhar, mesmo que o aluno não perceba naquele exato momento. Um dia, sentirá o benefício de enxergar luz na escuridão.

DEISI CASARIN - AGOSTO 2014

Mestre é aquele que favorece o surgimento de ideias e semeia interrogações por tudo aquilo que aparece pela frente, mesmo que a princípio, de modo incompreensível.

É o desejo de aprender que impulsiona, mas uma certa dose de humildade é necessária para buscar mais, mesmo que não se entenda que até aquele momento o mestre já contribuiu muito.

Há um grande bem em despertar mentes e não fazer caso do que não seja a aproximação do saber. É andar diante e ao lado dele. Aos poucos, mesmo o que é dito sem maior clareza, transforma-se em desejo de aprender sem princípio nem fim.

É o amor pelo compartilhar conhecimento que inspira amor desse amor, verdade dessa verdade. O obscuro dá lugar a uma clareza que fica gravada na mente que está disposta a absorver conhecimento.

E o abismo do óbvio dá lugar a um oceano de ideias que faz transbordar o novo.

Para ensinar é necessário, a princípio, um certo recolhimento para coadunar experiências aos valores científicos adquiridos, deixar de lado a vaidade em favor da transformação. É quando a mente reflete como um espelho do mais puro cristal, livre de molduras e medidas padrão, pronta para brilhar.

**Deisi Casarin (SC).**

# ENSINE-ME COMO FAZER E NÃO O QUÊ FAZER

**Nos últimos tempos, fomos assolados por** milhares de palestras, por todos os tipos de gurus a quererem nos ensinar “o que fazer em nossas vidas e profissões”. As ordens são sempre essas: faça assim, faça assado, faça deste modo, daquele jeito... O querer ensinar aos outros “o quê fazer” tomou conta de todas ocupações, transformando-se em um negócio lucrativo. Palestras são pagos a peso de ouro para nos ensinar o óbvio. Porém, a necessidade é outra: o que as pessoas precisam mesmo é que lhes ensinem “como fazer”, porque sobre “o quê fazer”, já estamos cansados de saber.

Se você, na sua profissão, já dominou expertises técnicas e tem milhares de horas acumuladas em valiosas experiências, seja generoso consigo mesmo, comece a ensinar os mais jovens o “como fazer” – generoso porque quem ensina aprende duas vezes. Repartindo e não guardando para nós mesmos o que aprendemos ao longo da vida, mais aquinhoados seremos com novos *insights* e percepções sobre a nossa profissão. Ao ensinar voltamos no tempo, recuperamos informações perdidas, fazemos novas ilações, descobrimos abordagens inovadoras e percebemos detalhes que estavam escondidos.

*Ars longa, vita brevis.* A arte é longa, a vida é curta. O primeiro aforismo de Hipócrates quer nos dizer que uma vida é pouco para compreender toda a arte da Medicina. É uma profissão de longo aprendizado, demorada para ser assimilada, repleta de riscos, dificuldades e incertezas. Então, por que não facilitar as novas gerações ensinando-as aquilo que já aprendemos, encurtando-lhes caminhos e devolvendo à sociedade um pouco daquilo que tiramos dela – uma vez que um dia alguém nos ensinou algo.

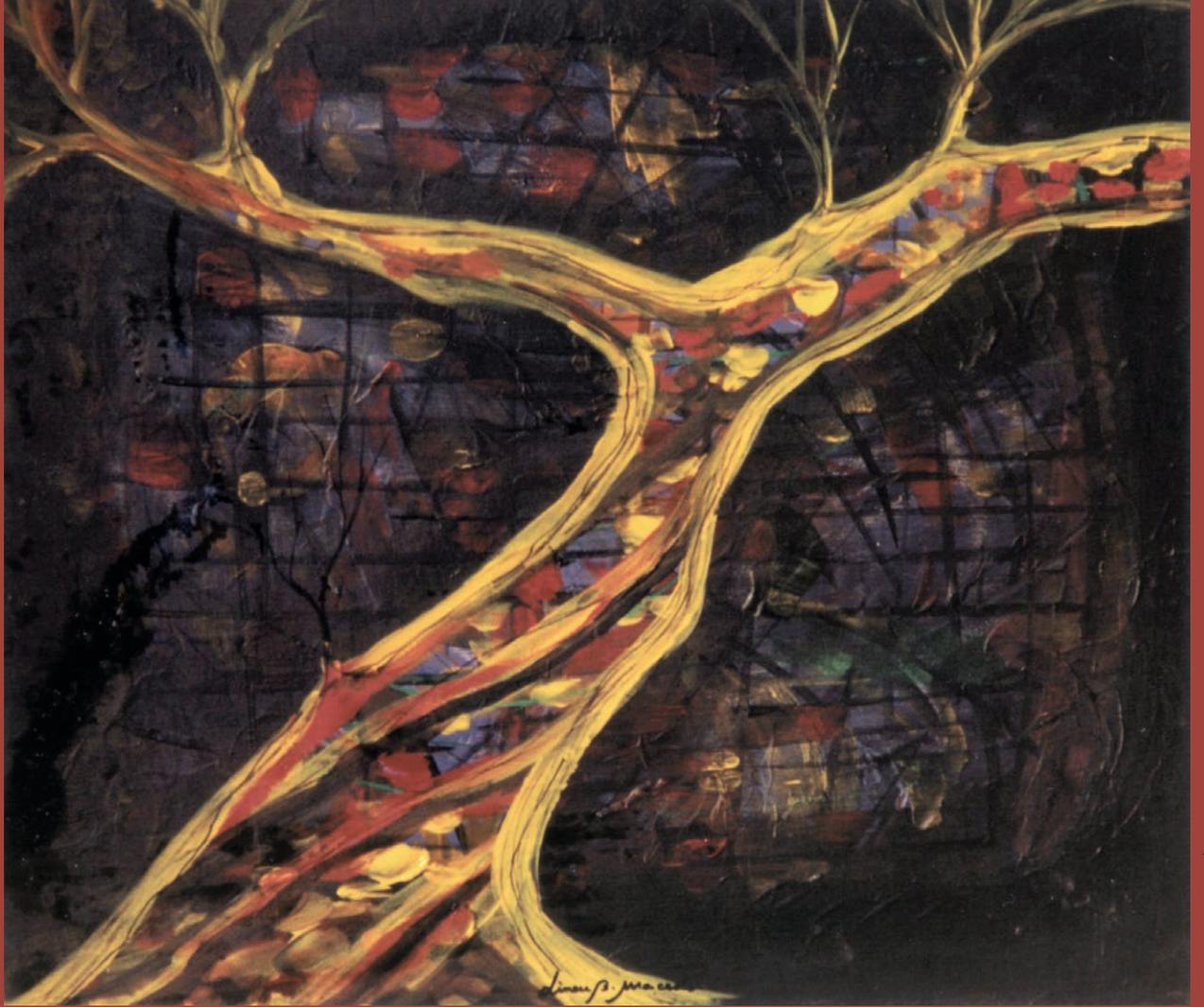
Em um país como o nosso, onde a escola fica

devendo ensinamentos, quem está educando e treinando realmente o nosso povo, em todos os níveis, é o ambiente de trabalho. Todos os setores se esforçam para suprir esta carência de ensino; cursos, seminários e aulas práticas são ministradas a todos os momentos, sejam na indústria, comércio, agricultura, sejam em centros hospitalares e de saúde. É no correr do dia a dia que aprendemos o ofício, um ensinando o outro. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam reciprocamente”, disse Paulo Freire, considerado um dos maiores educadores brasileiros.

A palavra comunicação, o que mais falta em qualquer ambiente laboral, quer dizer “tornar comum, repartir, aquilo que sei eu reparto, divulgo”. Profissionais mais habilitados, já sedimentados em suas carreiras, devem se esforçar para incutir na cabeça dos mais novos, primeiro sobre a necessidade do estudo contínuo, incentivando-os ao interesse da pesquisa, do debate e da frequência em cursos, seminários e congressos. E, o mais importante, não perder nunca a oportunidade de ensinar algo ao ver a mínima oportunidade, explicando-lhes sobre procedimentos e “truques” do dia a dia. Isso vale para todos os profissionais da saúde, do pessoal da enfermagem aos jovens acadêmicos. Eles estão carentes de informações e se você as têm, reparta. Ser mais que um *couching* – um educador, ser mais que um professor – um mestre.

E não tenha medo de ensinar o pulo do gato, o seu segredo profissional particular, aquele conseguido às duras penas, porque ofício podemos ensinar, mas a arte e a mestria, não. Esta depende de talento, esforço e dedicação do aprendiz.

**Eloi Zanetti (PR).**



Lineu Borges de Macedo - Árvore Genealógica, 2002

# PARA ENXERGAR A ALMA

*A generosidade de ensinar e a humildade de aprender*

**Nasci e cresci numa pequena cidade do interior de São Paulo.** Filha de imigrantes espanhóis, família numerosa e modesta, havia empenho para que os filhos estudassem. Naquele tempo, o primário era na própria cidade, o ginásio em colégio religioso na cidade vizinha e, para os irmãos mais velhos, o que hoje seria o segundo grau era o curso técnico. Sendo a única menina da família, obrigatoriamente vestida de azul e branco, fui normalista.

Meu pai, agricultor, plantador de café, temia que “se alguma coisa” acontecesse estaríamos assegurados com uma profissão antes do curso superior. “Alguma coisa” significava uma má colheita, as temidas geadas fora de época ou uma colheita espetacular com a consequente queda no preço do café. Entre altos e baixos,

os mais velhos ajudando os mais novos – exceto um que continuou a trabalhar com o pai –, nos formamos.

Foi no curso normal que aprendi a amar os livros. Da leitura com o professor de português e os livros se tornaram grandes mestres. Aprendi também que ensinar é um ato de generosidade. Somos o que sabemos e ensinar é doar um pouco de si. Mas não fui professora. Durante um desfile, as normalistas, cada uma representando uma letra, carregamos a frase: “A educação da alma é a alma da educação”.

Tive então a pretensão de educar almas. De normalista virei psicóloga, mas todas as vezes que tentei “ensinar almas” entendi que o ato de ensinar também é a humildade de aprender, e aprender sempre. Como na lição de Paulo Freire: “Aprender não é nunca

tema

um verbo no passado; aprender não é um ato findo; aprender é um exercício constante de renovação". Me submeti à psicanálise durante alguns anos e foi onde aprendi com o mestre de interpretar palavras – Dr. Helio Rotenberg – a ler as entrelinhas da minha alma. Na minha última sessão o agradei e disse que havia aprendido muito. Fiquei surpresa quando ele me respondeu que também me agradecia. Terapia é uma troca e ele também aprendera.

Quando ainda muito jovem me propus ler a bíblia para minha avó materna – mulher sábia, porém analfabeta. Pretensiosamente, além de ler, adverti que seria necessário interpretar. Ouvi então a lição que jamais esquecerei: "Entendo, você lê com os olhos e eu ouço com a alma". Muitas vezes na vida me lembrei de ouvir com a alma a dor disfarçada de agressividade, a insegurança de arrogância, o riso de tristeza...

No curso de Psicologia, da então USP de Assis, tivemos um professor de matéria que tratava de conhecimento empírico e conhecimento científico. Depois de algumas aulas descobrimos ser o mestre um religioso, um padre católico. Cruelmente, durante a aula, um grupo de alunos interpelou-o diante do que aparentemente seria incoerente: ciência e religiosidade. De maneira calma, ele nos disse: "Acredito na ciência porque comprovada, e na religião porque tenho fé; deixaria de ser fé para ser ciência se houvesse comprovação".

Passei a ter mais respeito pelas pessoas de fé, seja em crenças, ideais ou na vida. Qualquer que seja o credo, ele existe na alma e no coração de quem crê. "Temos dois olhos. Com um vemos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro, vemos as coisas da alma, eternas, que permanecem". Assim escreveu o místico Angelus Silesius.

Quando vieram os filhos, me propus educá-los e ensiná-los com a arma mais forte que possuía: o afeto. Quis ensinar-lhes o que sabia de melhor, mas foi com eles que aprendi o que realmente tenho de melhor: minha enorme capacidade de amar. Aprendi também

que ensinar bons modos, conhecimento e higiene não é tão difícil quanto ensinar felicidade, criatividade, respeito, fé e amor. Faz-se necessário ensinar a ver com o segundo olho, o olho da alma. E, como minha avó, ensinar a ouvir com a alma. Ensinar aprendendo, como na música *Eterno Aprendiz*, de Gonzaguinha: "Cantar e cantar/A alegria de ser um eterno aprendiz".

Porém, em algum momento, por mais difícil que seja, temos que aprender a deixar os filhos voarem, abandonarem o ninho que você construiu, a segurança e as certezas. "A vida tem sua própria sabedoria. Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo, a mata. Quem tenta ajudar o broto a sair da semente, o destrói. Há certas coisas que têm que acontecer de dentro para fora", como ensinou o escritor em *O Melhor de Rubem Alves*.

O mesmo Rubem Alves, em seu livro *Pimentas*, diz: "Pimentas são frutinhas coloridas que têm poder para provocar incêndios na boca. Há ideias que se assemelham à pimenta; elas podem provocar incêndios nos pensamentos". Ensinar as coisas da alma é ensinar a não ter medo de incêndios nos pensamentos. São eles que aquecem a imaginação e a criatividade. Muitas vezes os apagamos antes que se tornem livres e voem, transformando sonhos em realidade, esperança em fé, solidão em amor; sem temer a altura dos voos.

No livro *La Loca de la Casa*, a escritora espanhola Rosa Monteiro mistura realidade, fantasia, lembranças e processo criativo. Santa Tereza de Jesus chamou de "louca da casa" a imaginação que ordena e desordena. É na infância que a louca da casa sobrevive, porque como adultos a deixamos acorrentada para vivermos no mundo que chamamos "real". Vez por outra é preciso que recuperemos a criança escondida em nós para sonhar e brincar de faz de conta, como fazem os pequenos. Só assim nos tornaremos sábios e criativos.

O adulto teme e sufoca a louca da casa por insegurança, medo ou por excesso do que hoje está na

moda chamar de *compliance* (algo como ‘fazer dentro das normas’). Muitas vezes a louca tem urgência em quebrar normas para nos fazer inteiros. Rememorando o escritor de minha infância, Monteiro Lobato: “Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos”.

Não raro, educadores, professores e pais aprisionam a “louca da casa” de seus alunos e filhos, porque também a sua está trancafiada por medo do novo, do erro, de aprender, de inovar e reinventar a vida. E parafraseando Cecília Meireles, a vida só é possível, reinventada.

Reinventar a vida me lembra um filme argentino que vi há alguns anos – *A História Oficial* –, onde uma professora de história, em plena ditadura militar argentina, ensinava o que continha nos livros didáticos a respeito de seu país e conveniente aos poderosos de então. Confrontada por seus alunos e através de uma amiga que fora exilada pelo regime, começa a entender que a história oficial é falsa. À procura da verdadeira história, Alicia de Ibáñez, a professora conservadora, descobre as mentiras que envolvem sua própria vida familiar. Sua filha adotiva pode ser filha de pais prisioneiros políticos assassinados e seu marido faria parte do regime torturador e repressor.

A protagonista reinventa sua vida sob os alicerces da verdade, aprendendo a lidar com sua nova realidade. Intencional ou não, lembro-me que à medida que Alicia aprendia e ensinava suas novas descobertas, apesar das revelações cruéis, foi se transformando numa mulher mais segura, feminina e atraente. Certamente a brilhante atriz Norma Aleandro teve os recursos que a deixaram mais bela. Na vida real não há recursos cosméticos que tornem mais sedutor e atraente o brilho de quem não recua diante de desafios, que tem curiosidade diante do inesperado, prazer em aprender e ensinar, empatia pelo diferente.

Se eu pudesse voltar, não permitiria que convenções e escrúpulos inúteis cegassem meu segundo olho; aquele que enxerga as coisas da alma. Evitaria muitas dores, minhas e do próximo, ouvindo mais com os ouvidos da alma. Seria mais sábia e alegre confiando na criança que persiste em mim. Deixaria a minha louca da casa mais livre para cultivar meu jardim de pimenteirias, deixaria a imaginação livre há muito mais tempo sem medo dos incêndios de pensamentos. Reinventaria minha vida quantas vezes fosse necessário, porque a vida também é louca e curta, muito curta... Sempre há tempo!

**Rosa Emed (PR).**

## O MÉDICO PROFESSOR

**A morte de um grande professor é como a morte de um grande pai.** Um luto vivido à deriva dos nossos destinos, religiosamente predestinados a uma promessa política oficialmente intitulada “saúde pública brasileira”. É a águia que sabiamente ensina o voo da maneira mais dolorosa. É o bom aluno perdido nas trincheiras dos hospitais públicos, a medicina de guerrilha. A linha hierárquica partida, por alguém que partiu em meio a guerra. Uma saudade álgica, *sine materia*, por não ter errado um pouco mais em sala de

aula. Erros que se convertiam em acertos de aprendizado, mesmo quando geravam constrangimento aos olhos do insipiente.

O típico aluno do grande mestre, que descobria a glória da correção e o perigo do elogio. Uma inteligência melhor definida como assimilação do exemplo daquele que desdobra sua vida em duas profissões de guerra, o médico e professor. Enfim, sem fim, da morte nascerá um elogio calado, obediente às fronteiras dos lábios; o bom aluno escreverá os seus passos.

**Daniel Danz L. Figueiredo (SE).**

# CHEIRO DE BORRACHA, CADERNO E GIZ NUM MOMENTO DA INFÂNCIA

*Livro dedicado à professora, gesto de agradecimento  
ao aprendizado e de prazer pela leitura.*

**Quando pequeno, professora para mim era** representada por um grupo de moças simpáticas que passavam pela rua ao lado da minha casa em direção à estação ferroviária, ali pertinho. Tomariam o trem de volta para casa. Talvez entre as jovens tivessem vetustas senhoras, só que não me lembro.

O que me chamava a atenção quando elas passavam era o sorvete que deliciosamente saboreavam – “de palito” (quem haveria de dizer picolé?), coberto com chocolate e tendo o interior branco. Compravam em uma das duas sorveterias da cidade, feitos artesanalmente. Tinha de limão, coco branco, coco queimado, abacaxi, chocolate. Qual seria aquele das professoras?

Nas pacíficas tardes depois que elas iam embora, a criançada sumia nas poucas ruas, dona Catarina recolhia a bandeira do Brasil que ficava o dia todo hasteada no mastro em frente à escola, fechava as janelas das salas de aula, uma a uma, cerrando suas folhas de madeira pintadas num tom de vermelho escuro, cor fechada em luto, sem exuberância. Não tinha mais vozes dos alunos, o silêncio anunciava que o dia chegara ao fim. Sem nunca ter entrado num grupo escolar, para mim professora associava-se a picolé de duas cores. Inacessível.

Já noutra cidade, poucos anos depois, com dóida expectativa e medo, vi chegar o dia e a hora de ir estudar. Não quis que minha mãe me acompanhasse. Fui sozinho, fazendo tremendo esforço para não chorar, sem saber por que aquela vontade de chorar. No portão que dava acesso ao pátio, várias crianças beravam, não queriam se separar das mães. Ao aden-

trarmos na sala parecíamos um monte de baratas tontas, exceto os poucos repetentes, que teriam de cursar novamente o primeiro ano letivo. O Ivan era um desses e anunciava aos demais que estava guardando um lugar na carteira para seu amigo Jorge, repetente como ele. Aquilo me tocou. Era a primeira vez que via uma manifestação de amizade dita em palavras.

Na sala havia um cheiro do qual eu me lembraria vida afora. Era uma mistura de odores vindos dos cadernos, das borrachas (essenciais para apagar nossos garranchos desenhados a lápis), talvez dos lanches que cada criança levava para comer no recreio. O turno era de quatro horas, com meia hora de intervalo.

Dois encantos imediatos: a amizade declarada dos dois meninos e a beleza de dona Mirna, nossa professora. Era como uma fada aos meus olhos, totalmente inebriados. Poucos dias se passaram e ela foi transferida para o período da manhã. Fiquei desolado; a substituta de dona Mirna foi dona Matilde, uma jovem ali do bairro. Durante meses deu aula para nós.

Ela enchia a lousa de letras, inventava uma historinha de trem em que ele vinha recolhendo passageiros, que eram determinadas sílabas e assim, juntando umas às outras, formava palavras. Eu achava mágico esse nascimento. Aprendíamos também as quatro operações aritméticas.

Um episódio marcante: dona Matilde colocou uma porção de contas na lousa e orientou-nos a nos manter em silêncio, enquanto preenchia todo o espaço com aqueles números. Pois bem, absorvido ao vê-la escrevendo não atentei ao que ordenara em seguida, de que deveríamos copiar os exercícios e solucioná-los.

Enquanto a classe estava envolvida com a tarefa, a professora iria corrigir lições de outra matéria.

Com uma porção de cadernos nas mãos, ela veio dos fundos da sala em direção a mim. Distraído, não percebi sua chegada sorrateira, nem mesmo o que os colegas estavam fazendo. De hora para outra, aquela pancada na cabeça, dor e susto misturados, e os gritos enfurecidos: “Querendo me fazer de palhaça? Não sou sua palhaça!”

A princípio fiquei sem entender coisa alguma, só sentia o mundo desmoronando, dor física e moral impedindo qualquer saída, até que, entre uma frase e outra, concluí que deveria copiar. Ainda abobado, comecei a fazê-lo e a professora vociferando “palhaça, palhaça”. Exceto os gritos dela, o resto era um silêncio só, sepulcral. O medo atingiu o coração dos meninos; eu tinha uma vergonha abissal. Nunca nenhum deles falou comigo sobre esse episódio. E dona Matilde tornou-se inesquecível pelo lado contrário das boas lembranças.

Uma vez, ao final da aula, ela achou de premiar com bolinhas de gude os mais comportados. A criançada ficou ouriçada, todos levantando a mão, dizendo-se comportados, uma disputa divertida. Rindo muito, ela disse que passaria pelas carteiras e faria a distribuição, mas o agito era feérico, muito grande. Nisso ela passou por mim, pegou minha mão e depositou algumas bolinhas. Guardei-as no bolso da calça com indiferença; eu não queria. Também, numa aula de educação física, ela mandou a gente exercitar-se numa brincadeira tão boba que fiz aquilo automaticamente, mas os colegas tinham dificuldade no raciocínio para conclusão dos movimentos. Recebi calorosos elogios, mas deu uma tristeza funda – era tarde demais, dona Matilde. Quando ela deixou de dar aulas para nós



respirei aliviado.

Nesse primeiro ano escolar minha turma teve outra professora, dona Inês Simões. Meu irmão tinha mania em dizer que seu sobrenome era Limões, e de nada adiantou eu tentar explicar que o esse lembrava um ele. Desisti. Era uma senhora de olhar doce, pessoa boa, então não entendi quando numa aula, falando sobre escravidão e os horrores vividos pelos negros, ela fez um comentário que me deixou estarrecido. Disse aos alunos, em outras palavras, que os escravos tinham que ser tratados com rigor. Seu avô era um senhor muito bom, não castigava, e perdeu tudo que possuía.

Foi uma exposição breve, e embora ninguém tivesse prestado atenção naquilo, fiquei olhando para ela, tentando ver uma outra face, cujas linhas mostrassem determinação e frieza, de acordo com seu discurso. E foi dona Inês que, ao dar visto em nossos cadernos, nos mostrou pela primeira vez uma caneta esferográfica. Até então conhecíamos caneta tinteiro e “de pau”, que trazia na ponta uma pena “mosquitinho”, que estragava facilmente e era substituída por outra – custava baratinho... Era sempre motivo de

confusão, porque a gente tinha que mergulhar a pena no vidro de tinta, e muitas vezes o vidro virava, ou pingava grossas gotas no caderno, tornando mais feia a página cheia de garranchos.

Mas lá estava dona Inês com aquela canetinha amarela, deixando em nossas folhas sua assinatura e correções com um vermelho vivo, incrível. Tentando imitar as professoras, usávamos mercurocromo, remédio comum para nossos ferimentos diários. E de boca em boca correu a informação: aquilo era uma caneta de tinta seca. Por muito tempo assim chamávamos: “caneta tinta seca”.

Bem, um dia dona Inês entrou na sala, pediu-nos para ficarmos comportados, quietinhos, mandou-nos copiar alguma coisa do livro e não teria lição nenhuma a dar. Pediu silêncio e só. Ficou sentada em sua mesa escrevendo e, discretamente, limpando as lágrimas que desciam pelo rosto. Tirava os óculos, enxugava os olhos e eu, compadecido, senti enorme pena pela tristeza dela. Nunca mais apareceu.

Salto no tempo: o terceiro e quarto anos primários eram ministrados somente pela manhã, no horário das 8 ao meio-dia. Às 10 era o recreio. Mudança de turno, novas professoras, classe mista (até então estudara em classe masculina), tudo era novidade, e aí veio a insegurança – quem daria aula para nós? Ou melhor, com quem eu teria aula? Inseguro e tímido, remoía receios de ter professora enérgica, zangada, coisas do tipo. O novo me amedrontava, embora pouco verbalizasse sobre isso.

Decidi que não queria estudar com a dona Miriam Pacheco, apesar dos elogios que os alunos faziam a ela. Era uma mulher bem alta, loira, sorridente, mas da mesma forma como era alta, também falava muito alto. Aquele jeito de ser retumbante fazia-me tornar transparente quando, em datas cívicas importantes, juntavam as turmas da manhã e da tarde, e ela circulava pelo pátio. Decisão irrevogável: tudo, menos dona Miriam.

Tinha a dona Olga, inesquecível pela doçura do olhar e pela bondade que a iluminava. Nunca tive

ESTAS LINHAS SÃO EM HOMENAGEM A ELA QUE,  
PARA MIM, SIMBOLIZA TODAS AS PESSOAS,  
PROFESSORAS OU NÃO, QUE EXERCITAM A ARTE  
DE ENSINAR COM AMOR E IDEALISMO.

aula com ela, mas isso não impediu o fascínio por aquilo que ela representava ser – e era. Tinha a dona Mariana, parecia uma nobre pela elegância dos gestos, o modo de falar e postura. Tentava debalde fazer com que aqueles toscos à sua frente tivessem um pouquinho mais de finesse.

De nada valeu minha torcida. Acabei indo parar na turma da dona Miriam Pacheco. Não sei em qual momento se deu a ruptura do antes e do depois, como perdi o receio que tinha, mas o certo é que ela veio a ser a mais fantástica, querida, amada professora que tive na infância. Era um turbilhão, tinha uma paixão pelo ensino e nos levava de roldão. Sim, havia os alunos indiferentes, vontade zero. Não se envolviam com as aulas, com o esforço dela em nos fazer aprender.

Irritava-se quando alguém a chamava de ‘dona’. “Dona é lavadeira, eu tenho nome”, dizia. A bronca era séria, mas todo mundo ria. Bajulada pela criançada, quando aniversariava ganhava quantidades imensas de flores, um absurdo. Às vésperas da data as meninas disputavam entre si, percorrendo as casas pobres do bairro, pedindo flores dos jardinzinhos simples para a professora. Aos prantos, dona Miriam dizia que ia levá-las ao túmulo da mãe. Chorava também quando estava próximo o Dia das Mães.

Quando menina, Miriam Pacheco ganhava livros dos adultos, que foram guardados cuidadosamente em todos esses anos. Estavam todos encapados, bem conservados. Decidiu levá-los para a sala de aula e emprestar para quem quisesse ler, sob a condição de entregarmos como os havíamos recebido. Foi uma festa. Por alguma razão, na segunda ou terceira vez em que apareceu com uma braçada deles, na hora de distribuí-los chamou-me à frente. Eu podia escolher o

que quisesse, quantos quisesse, o 'resto' ficaria para a classe. Percebera meu gosto pela leitura. Porém, irritada com a falta de cuidados que tinham com seus livros, cessou os empréstimos, e a partir daí passavam regularmente títulos que eu ainda não havia lido.

Quando houve redução na carga horária em uma hora, por ordem de instâncias superiores de ensino, continuaríamos entrando às oito, mas em vez de deixarmos a escola ao meio-dia, saíramos às onze horas. A garotada festejou e dona Miriam detestou. Depois de alguns dias sob o novo regime, ela pediu autorização ao diretor e comunicou à classe: iniciaria a aula às 7h15, rememorando o que havia ensinado no dia anterior. Assim conseguiria recuperar 45 dos 60 minutos suprimidos. Ninguém era obrigado a chegar mais cedo, inclusive ela faria a chamada mais tarde. Naturalmente que a maioria não aderiu ao convite, nem entendeu a grandiosidade do gesto. O Estado não estava pagando a mais para sua funcionária por essa dedicação.

Quase dez anos depois, quando fui premiado num concurso de poesias que movimentara a cidade, soube do resultado pelo jornal e no mesmo instante corri até a escola comunicar dona Miriam, cuja convivência fora perdida. Quando publiquei meu livro *Domingo, José vai à festa*, dediquei-o, entre outras pessoas, à "dona Miriam Pacheco, antiga professora". Morando em Curitiba, fui a Sorocaba especialmente entregar-lhe um exemplar.

Outras décadas se passaram. Novamente em Sorocaba, lanchei numa panificadora e quando me dirigi ao caixa, a surpresa: do outro lado estava dona Miriam.

Aposentada, estava ali trabalhando. "Vim dar uma mãozinha para meu primo", justificou. Não voltei mais a esse local para evitar constrangimentos.

Alguns anos atrás senti uma saudade dela muito grande. Por meio da internet consegui localizar uma pessoa que a conhecia. Conversamos por telefone. Expliquei ser um ex-aluno, que gostaria de visitá-la etc. Soube então que ela estava morando numa clínica para idosos. "A velhinha sofreu um AVC, tem dificuldades para falar, mas não afetou a mente, ela está lúcida. Mais lúcida que a gente!", disse o rapaz que me atendeu.

A expressão "a velhinha tem dificuldades para falar" ficou rodando na minha cabeça, eu em choque com a realidade. A imagem que guardara de dona Miriam era outra, ela ainda jovem, apesar de tê-la visto trabalhando num caixa de uma padaria. Mas o tempo ainda não fizera seus estragos. Por dias seguidos tentei trabalhar com minhas emoções, procurava imaginar como ela realmente estava nessa fase da vida. Ensaiei algumas ligações, pediria que a comunicassem sobre o carinho que havia em mim, que eu iria vê-la. Essas coisas eu pensava, mas não tive coragem de concretizar qualquer ato nesse sentido. Não liguei. Até que uma irmã ligou de Sorocaba: "A sua professora, dona Miriam Pacheco, morreu."

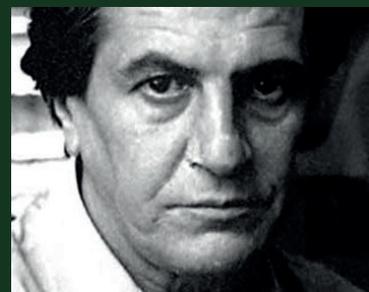
Estas linhas são em homenagem a ela que, para mim, simboliza todas as pessoas, professoras ou não, que exercitam a arte de ensinar com amor e idealismo.

**Zeca Corrêa Leite (PR).**

## **PALAVRAS DE POETA**

"Quando um artista direito cede, aqui e ali, às seduções da moda, do paetê, do aplauso engatilhado, quase sempre paga por isso, ao tornar-se renomado por esses balangandãs de sua parte ou esses travestis de sua arte. As leviandades coquetes podem prolongar-se além do óbito do autor, ofuscando-lhes as verdades sofridas e perpetuando-se como um castigo póstumo."

**PAULO MENDES CAMPOS (1922-1991).**



# UMA BREVE HISTÓRIA DA ARTE NA FORMAÇÃO DE MÉDICOS



*Apolo Belvedere*

**Há muito tempo a medicina vem sendo** considerada uma ciência. Nos anos pré-clínicos, a preparação dos futuros médicos é feita quase que inteiramente calcada nas ciências básicas e o corpo de conhecimentos daquilo que reconhecemos como medicina baseada em evidências ajuda a reforçar a tese do médico cientista. Entretanto, a medicina surgiu como uma arte e não como uma ciência, da forma como hoje concebemos aquilo que é científico e, por isso, não é extraordinário que ela sempre tenha estado ligada a todas as outras formas de artes desde sua origem. Esta relação tem sido parte de sua conexão com o campo das humanidades e nela também podemos incluir a história e a filosofia. Este casamento é relatado até mesmo na mitologia, especialmente na grega, na qual Febo Apolo foi separado por Zeus como deus da Medicina, da Música e da Poesia.

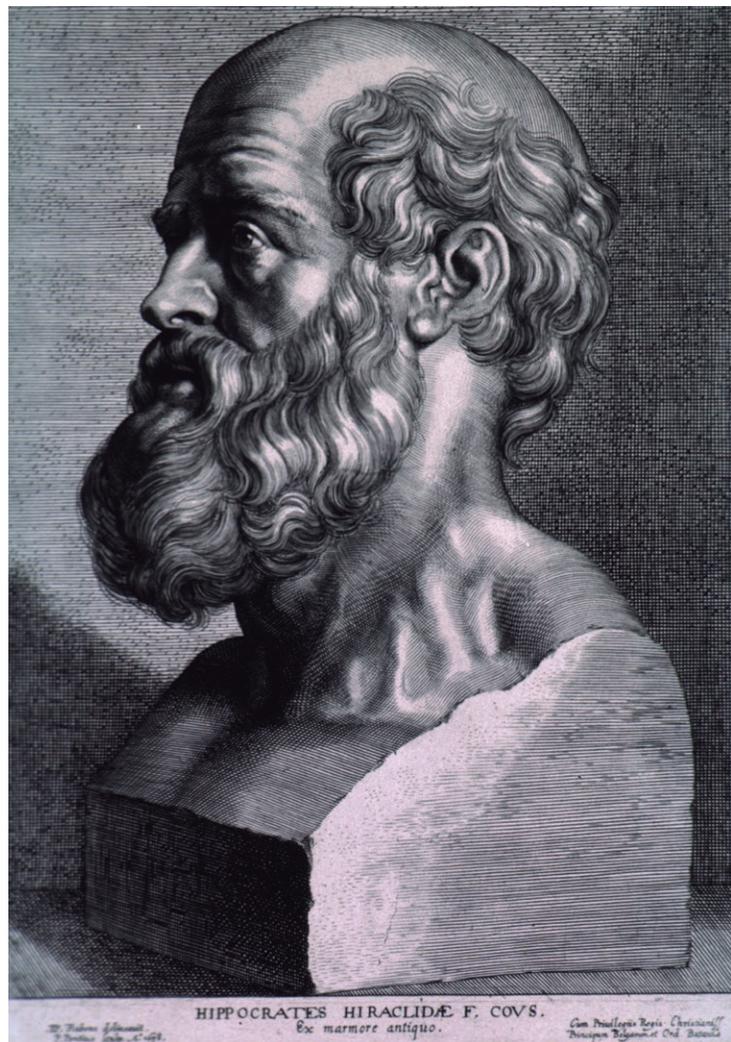
A arte na medicina ou a medicina nas artes têm sido objeto de diversos estudos, teses e publicações como o livro de Elaine Powley e Roger Higson denominado *The Arts in Medical Education*. Entretanto, especialmente nos últimos cem anos, o avanço científico e tecnológico tem criado ambientes propícios à separação entre medicina e humanidades. Felizmente, na área educacional, a ordem do dia parece ser uma preocupação com a formação dos estudantes médicos em áreas humanísticas e, assim, o debate para a inclusão da história, da literatura, da música e das artes visuais nos currículos médicos retornou com todo o vigor.

## ARTE NA MEDICINA ANTIGA E SUAS LIGAÇÕES COM A MEDICINA MEDIEVAL

Embora os egípcios tenham constituído uma das civilizações mais ricas, longas e misteriosas da antiguidade e também tenham contribuído com o desenvolvimento das artes e da medicina (como o que pode ser lido no Papiro de Edwin Smith – 1600 a.C. –, um antigo livro-texto de cirurgia), não há evidências de que a formação do médico egípcio possa ter sido calcada em sintonia com as artes liberais, embora as técnicas de embalsamento tenham sido desenvolvidas pela civilização das margens do Nilo como um trabalho artesanal. A arte do antigo Egito parece ter servido acima de tudo a objetivos políticos e religiosos ligados à figura de seu soberano absoluto, o Faraó.

Todavia, devemos muito à civilização grega porque nela a medicina desenvolveu-se como arte: os médicos gregos eram, sobretudo, artesãos que recebiam seus treinamentos indo de um médico a outro como aprendizes e ofereciam seus serviços de porta em porta em frequentes viagens. Com o florescimento do cristianismo na Europa, a medicina grega, incorporada pelos romanos, foi gradativamente sendo considerada uma arte pagã. Todavia, não tardou para que os religiosos cristãos pudessem se interessar pela arte de curar, pois o próprio Cristo não havia realizado curas? Desta maneira, muitos religiosos iniciaram seus estudos na arte grega, de tal forma que no início da idade média a maioria dos médicos era monges. Neste desenvolvimento histórico, portanto, é que residem as raízes da ligação da profissão médica com o sacerdócio. A igreja, de qualquer forma, não aprovava que seus ministros pudessem se ocupar com a medicina. Afinal, ela era considerada uma arte pagã e assim interpôs a eles várias limitações para a prática.

Hipócrates (460-377 a.C.), considerado o pai da medicina ocidental, também exprimiu sua convicção de que existe um lugar para as artes na medicina e parece notório que julgava a medicina como uma



QUALQUER CONTEÚDO PROGRAMÁTICO EM  
SAÚDE HUMANA, POR MAIS TECNOLÓGICO  
OU CIENTÍFICO QUE POSSA SE APRESENTAR,  
PODERÁ TER COMO INTERMEDIADOR UMA  
OU MAIS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS.

arte. Numa de suas citações baseia-se no sentimento altruísta que necessariamente deve estar presente na relação médico-paciente:

“...Peço-te que sejas bondoso e que leves em contas os recursos do paciente. Sempre que puderes, preste teus serviços gratuitamente; e se surgir alguma ocasião de socorrer um estrangeiro em dificuldade, dá-lhe plena assistência... Pois, onde há amor pelos homens também há amor pelas artes.”



## OS ÁRABES E O HUMANISMO

Os árabes, que assimilaram e disseminaram o conhecimento de diversas culturas e fizeram importantes avanços científicos, especialmente na matemática, astronomia, química, arquitetura e agricultura, criaram as bases para a prática médica europeia e ocidental. Os hospitais islâmicos originaram muitos dos conceitos que vemos hoje nos hospitais modernos. Ibn Sina ou Avicenna (980-1037), conhecido como “o príncipe dos médicos”, criou um sistema de medicina que hoje entendemos como holístico, no qual, preocupado com a formação humanística e integral dos médicos, introduziu o conhecimento filosófico como uma base essencial para o tratamento. Este sistema perdurou durante séculos na Europa.

## MEDICINA MEDIEVAL E

### MEDICINA RENASCENTISTA

No século X, a primeira escola médica europeia não foi organizada pela igreja e se desenvolveu em Salerno, na Itália. O estudo da medicina já incluía naquela época o estudo das artes. Em 1224, o imperador Frederico II publicou decretos regulando as condições médicas do seu império e foi a primeira vez na história que o ensino e a prática da medicina tornaram-se de fato regulamentadas por leis públicas. O currículo médico compreendia três anos obrigatórios de ensino da filosofia, cinco de medicina e um de prática.

Roger Bacon (1215-1295), cientista e religioso inglês, em seu escrito *Opus Tertium*, relatou, de forma

pioneira, várias semelhanças da fisiologia humana com a música. Dentre as analogias por ele relatadas, enfatizou a de que os batimentos cardíacos estavam submetidos às mesmas leis e aos mesmos princípios que regiam a música. Mais tarde, de acordo com Anton Neumayr, médico geriatra, músico e escritor austríaco, autor do livro *Música e Medicina*, em Paris, a partir de 1426, as Faculdades de Medicina exigiam que os estudantes fossem avaliados nas artes antes de receber o grau de médicos.

Contudo, ocorreu durante o Renascimento um período no qual se estabeleceu uma renovação do padrão de estudos ministrados pelas universidades medievais. Esses centros de formação intelectual e profissional eram dominados pela cultura da igreja e direcionados para as três carreiras tradicionais: direito, medicina e teologia. Havia uma concepção dogmática, hierárquica e estática da sociedade, de forma a preservar a ordem feudal.

O movimento humanista atualizou e dinamizou os estudos tradicionais, baseado no programa *studia humanitatis* (estudos humanos), que incluía a poesia, a filosofia, a história, a matemática e a eloquência (resultante entre a retórica e a filosofia), como necessidades para a formação de profissionais. Todos estes estudos eram centrados exclusivamente sob o texto dos autores da Antiguidade Clássica. Brunelleschi, arquiteto, criador do método de perspectivas e idealizador da cúpula da Capela Santa Maria de Fiori em Florença, foi o primeiro a exigir que as artes plásticas saíssem do universo do artesanato e entrassem para o currículo da cultura superior. Assim, o desenvolvimento artístico ganhou maior vigor e acompanhou paralelamente o desenvolvimento científico renascentista.

A visão do médico como sacerdote, instituída pela igreja e repassada à sociedade por vários pensadores, encontrou no renascimento uma oposição forte porque o movimento criou uma figura médica humanista e erudita, solidamente formada em conhecimentos traduzidos das obras de Galeno e Hipócrates. Nos

séculos XVI e XVII ainda havia alguns poucos defensores da ideia do sacerdócio médico como Montaigne (1533-1592) e Molière (1622-1673). Até recentemente, portanto, os médicos receberam uma forma diferente de educação, incluindo os clássicos greco-romanos e a filosofia em sua formação.

Existiram muitos médicos autores de ensaios literários, biografias e ficção até a era vitoriana. Personalidades como Edward Jenner, René Laennec, Jean Martin Charcot e Johan von Miculicz, dentre muitos outros importantes nomes da medicina, estiveram ligados às artes. Desta forma, até meados do século XX, muitos médicos reconhecidos tiveram fortes vínculos com a música, com a pintura amadora e a arte literária. Não é mera coincidência que grandes poetas e escritores tenham sido médicos, como Anton Pavlovich Chekhov (1860-1904), William Carlos Williams (1883-1963), Arthur Conan Doyle (1859-1930).

Como podemos perceber, durante grande parte da História da Medicina o saber humanístico foi a base quase que exclusiva do aprendizado médico. Todavia, gradativamente a partir do século XIX, as fontes humanísticas cederam espaço ao rápido desenvolvimento das ciências ditas biológicas: química, física e matemática influenciaram o desenvolvimento da fisiologia e da microbiologia, determinando um novo conhecimento médico.

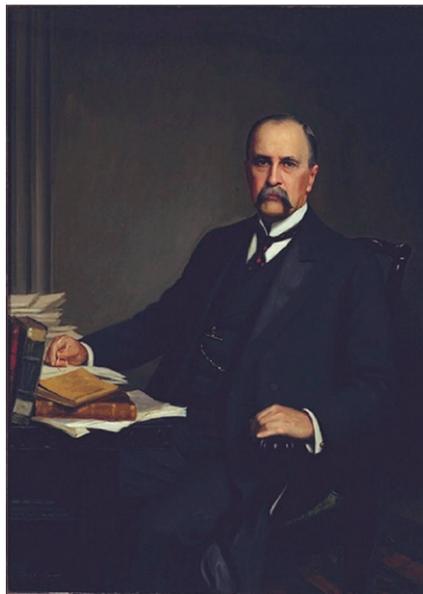
## **O RELATÓRIO FLEXNER E SEU IMPACTO NA SUPRESSÃO DAS ARTES NA FORMAÇÃO MÉDICA**

Nosso modelo de educação médica e treinamento, embora esteja em franca transformação, é ainda de quase um século atrás. O chamado modelo “Hopkins” foi desenvolvido e amplamente adotado na primeira parte do século passado para assegurar que a educação médica pudesse estar calcada numa base sólida de conhecimento nas ciências biomédicas e que os estudantes pudessem ser treinados em medicina através de um processo supervisionado de progres-

siva exposição e responsabilidade, principalmente no ambiente hospitalar.

O Relatório Flexner é com certeza o evento mais importante na história da educação médica recente e está por trás deste modelo. Apesar de ter sido conduzido na América do Norte, ele repercutiu em praticamente todo o mundo ocidental. Seu conteúdo relacionado às condições das escolas médicas no início do século XX consolidou o que conhecemos como a moderna educação médica. O relatório leva o nome de quem o preparou: Abraham Flexner (1866-1959), que não era médico. Foi professor e diretor de uma escola secundária em Louisville, no Kentucky, onde trabalhou por 19 anos. Graduou-se em Harvard e na Universidade de Berlim, juntando-se posteriormente ao *staff* de pesquisa da Fundação Carnegie para o Avanço do Ensino. Para aquela fundação, Flexner pesquisou e escreveu artigos sobre educação e, em 1910, publicou no Boletim número quatro um relato denominado “Medical Education in the United States and Canada”, atualmente conhecido simplesmente como Relatório Flexner. Tal publicação engatilhou uma série de reformas nos padrões e na organização de currículos de escolas médicas norte-americanas. Na época, muitas escolas, de fato, operavam mais visando lucros do que por uma vocação educacional propriamente dita. Flexner criticou aquelas escolas e propôs uma reformulação das mesmas, orientando-se pela tradição germânica de forte embasamento nas ciências biomédicas aliado ao treinamento clínico. Muitas das escolas mal avaliadas naquele relatório fecharam espontaneamente por diminuição da procura e a maioria das remanescentes foi reformada para adaptação ao modelo flexneriano. Flexner fez outros estudos de educação, incluindo uma comparação entre universidades americanas, inglesas e alemãs. Mais tarde, fundou o Instituto para Estudos Avançados em Princeton, em 1930, sendo seu primeiro diretor. O físico Albert Einstein se juntou a este instituto em 1933.





*Flexner ou Osler?*

Apesar de Flexner ter sido considerado um humanista, em seu relatório não existe menção à formação humanística do médico, ao dinamismo do encontro clínico entre o médico e seu paciente e à interrelação sociológica nele presente. Flexner também omitiu qualquer papel de importância da arte para a medicina. Segundo o relatório Flexner, o médico do século XX seria, sobretudo, um cientista ativo e cético e o corpo humano pertenceria ao mundo animal.

Alguns autores defendem que a mensagem educativa real de Flexner foi corrompida na última metade do século XX e, portanto, não foi implementada. Nesta visão, humanismo, habilidades de comunicação e um aprofundamento nas humanidades seriam atributos que poderiam ser melhor desenvolvidos antes do candidato iniciar os estudos médicos. Certamente, o relatório Flexner sofreu forte influência do reducionismo alemão e, provavelmente, William Welch foi o mais influente dos defensores desta corrente. Na visão de Welch, o treinamento do médico deveria se dar em somente um vetor: da bacteriologia (dos laboratórios) para o leito do hospital. A posição de Welch foi rigidamente opicionada por William Osler e Francis Peabody. Peabody por exemplo, alertava que “o laboratório não poderia e não deveria se tornar um fator

predominante da prática médica. Osler, também em desacordo com a visão flexneriana, acreditava que o vetor crucial se daria do leito hospitalar para o laboratório e essencialmente rejeitou o Relatório.

### **A REFORMA “ARTÍSTICA” DA EDUCAÇÃO MÉDICA**

O primeiro registro da criação de um Departamento de Artes Aplicadas à Medicina presente em uma escola médica ocorreu em Johns Hopkins no ano de 1910. Aquele departamento foi fundado pelo imigrante alemão Max Brödel, que nasceu em Leipzig e migrou para os EUA em 1894. O pai de Brödel adorava música e ele, desde a idade de seis anos, estudou piano. Dos 15 aos 20 anos estudou na Academia de Finas Artes em Leipzig e desde 1888 já estava envolvido com ilustrações médicas, tendo trabalhado como *freelancer* em ilustrações de fisiologia e anatomia.

Inicialmente Brödel trabalhou com o Dr. Howard A. Kelly no Departamento de Ginecologia do Hospital Johns Hopkins. As ilustrações que Brödel fez para os dois volumes do livro de Ginecologia do Dr. Kelly o projetaram nacionalmente. Em 1909, Max Brödel foi membro honorário da Faculdade de Medicina e Cirurgia em Maryland, sendo o único leigo que conseguiu esta distinção até os dias atuais.



Max Brödel (1870-1941).

Naquele departamento, artistas que desejavam fazer da arte médica um estilo de vida treinavam por dois ou três anos, mas também aos estudantes de medicina ensinava-se como fazer ilustrações para aulas ou mesmo para publicações da faculdade. Até aquela época, a maioria das ilustrações médicas era feita em textos e jornais por pessoas não treinadas e que não detinham qualquer conhecimento mais embasado de anatomia ou histologia. Eram ilustrações de pobre qualidade e que geralmente constavam em revistas não médicas e livros populares. Durante os primeiros trinta anos, de 1911-1940, o Departamento de Arte Aplicada à Medicina treinou cerca de 200 ilustradores escolhidos entre milhares de candidatos e aqueles que faziam o curso eram empregados rapidamente em importantes clínicas nos EUA e Canadá.

Os anos 70 marcaram uma gradual introdução das humanidades dentro dos currículos de graduação médica, particularmente na América do Norte, onde as humanidades médicas se tornaram uma área rica em pesquisas e debates até mesmo com a criação de um jornal dedicado ao tema: *Literature and Medicine – Johns Hopkins*.

Na Inglaterra, somente com a publicação do documento do General Medical Council (GMC), denominado *Tomorrow's Doctors*, em 1993, que esta abordagem mais ampla para o treinamento médico ganhou um público com o resultado de que a maioria das escolas

médicas atualmente oferecem opções em humanidades, sendo que o *Journal of Medical Ethics: Medical Humanities* começou a ser publicado em 2000.

Em muitos seminários e conferências, o tema humanização e arte na formação médica tem sido debatido, a exemplo do James Mackenzie Lecture, em Londres (1997), no qual se enfatizou que é certamente este modelo curativo da profissão médica que impede uma abordagem do paciente em toda a sua dimensão, incluindo-se uma formação mais sólida nas humanidades. No debate já citado, entre Osler e Flexner, ciência e arte apresentaram seus argumentos para garantir maior espaço na formação médica e esta dicotomia infelizmente ainda permanece até os dias atuais.

Segundo Hurwitz, educação médica moderna deveria almejar o casamento de habilidades do cientista aplicado às capacidades reflexivas do humanista médico. Desta forma, muitas escolas médicas europeias e americanas criaram departamentos ou cursos de arte para a graduação. São os exemplos do Centro de Artes e Humanidades em Saúde e Medicina na Universidade de Durham, na Inglaterra, o curso de Medicina e Arte da Faculdade de Medicina da Universidade de Oslo, na Noruega, o Programa de Artes e Humanidades da Faculdade de Medicina da Universidade de Stanford, na Califórnia, e o curso online de Medicina e as Artes do Colégio de Medicina da Universidade de Drexel, na Filadélfia, dentre muitos outros.

Experiências com arte inserida nos hospitais também têm sido bastante estimuladas e têm criado ambientes terapêuticos especiais. Para este tipo de iniciativa dediquei um capítulo especial.

## AS ARTES NA FORMAÇÃO MÉDICA NO BRASIL

No Brasil, diversas mudanças no cenário político-educacional e da saúde passam a demandar um novo profissional e repercutem nas ações e políticas públicas para a educação, provocando uma reformulação e revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para diversos cursos das áreas de saúde.

O atual processo de modernização curricular se inicia com a Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB), que acabou com a figura do currículo mínimo e refletiu uma preocupação em garantir flexibilidade, diversidade e qualidade da formação.

As DCN para o curso de medicina preconizam, no seu artigo 3º, que “o curso de graduação em medicina tem como perfil do formando egresso/profissional o médico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva”. No seu artigo 12º, parágrafo terceiro, enfatiza que a estrutura do curso de graduação em medicina deve incluir dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno atitudes e valores orientados para a cidadania.

Assim, essas diretrizes políticas educacionais refletem, portanto, uma necessidade de atribuir nova responsabilidade à educação e às escolas de medicina. Contudo, num recente estudo publicado numa parceria do Ministério da Saúde e da Educação, na qual participaram vários educadores, inclusive este autor, embora se perceba uma intencionalidade de aderência dos cursos às DCN, em diferentes estágios, ainda somente uma pequena porcentagem dos cursos de medicina nacionais parece atender a uma adequação das diretrizes.

Mas, qual seria o papel das artes liberais na formação médica? Inicialmente, sob uma perspectiva acadêmica, esta inserção artística nos conteúdos de formação clínica tem um significado cognitivo relacionado ao desenvolvimento de habilidades e atitudes intelectuais, como veremos a seguir. Além disso, há uma pers-

pectiva afetiva que favorece a toda uma orientação humanística: tratamento da pessoa como totalidade íntegra, preocupação com a dignidade do paciente, atenção a aspectos éticos, relação mais humana entre educador e educando, adoção de visão crítica da medicina, maior consciência da responsabilidade social e uma valorização da compaixão e da empatia.

Um motivo comum apresentado por muitas escolas médicas para a integração da arte na medicina é o desejo fundamental de que a arte possa equilibrar as ciências naturais dominantes na formação moderna. Não há dúvida de que há uma fratura existente entre ciências naturais e humanas e sua consolidação é possível com a inserção das artes na formação de profissionais das áreas de saúde. A maior parte das escolas que vem desenvolvendo e utilizando eficazmente processos artísticos na graduação admite que tal ensino contribuirá para a formação pessoal, profissional e até mesmo para uma maior rapidez no processo de maturação pessoal de estudantes médicos. Adicionalmente, a arte, por sua própria natureza, sendo provavelmente a expressão mais humana entre todas as possíveis, pode ser usada como estratégia de “ensinagem” para o ministério de conteúdos não artísticos. Assim, de forma enfática, defendo que qualquer conteúdo programático em saúde humana, por mais tecnológico ou científico que possa ser, poderá ter como intermediador uma ou mais manifestações artísticas.

### **PODEMOS APRENDER E ENSINAR ARTE NA GRADUAÇÃO MÉDICA?**

Podemos partir de vários princípios, inclusive o de que

## **PALAVRAS DE ESCRITOR**

“Levei 15 anos para descobrir que não sabia escrever, mas aí já não podia mais parar. Tinha ficado famoso demais...”

**ROBERT BENCHLEY (1889-1945).**



... MAIS DO QUE NA DEFESA ESTRATÉGICA DE QUALQUER DAS PARTES (ARTE OU CIÊNCIA?), É NO PROCESSO DE UMA DIALÉTICA ENTRE ELAS QUE RESIDE A FORÇA E O EQUILÍBRIO DA FORMAÇÃO MÉDICA.

em função das características peculiares e do desenvolvimento histórico, devemos consideramos a profissão médica mais do que uma ciência, uma arte que se utiliza das ciências naturais para o seu exercício. Ao assumirmos este conceito, entenderemos a razão de uma celeuma existente entre muitos cientistas: existe de fato uma verdadeira ciência médica? Porém, mais do que na defesa estratégica de qualquer das partes, é no processo de uma dialética entre elas que reside a força e o equilíbrio da formação médica.

O médico, enquanto profissional, tem dois objetivos centrais: entender as doenças e entender seus pacientes. Apesar de distinguíveis entre si, estes objetivos são indivisíveis. Portanto, o médico não pode entender perfeitamente a doença de um paciente até que tenha entendido o paciente como pessoa. Nesta visão, o processo pelo qual o médico entende o paciente como pessoa é, na verdade, a arte da medicina e o processo em que ele entende a doença da pessoa é a ciência médica.

A arte da medicina, assim como outras artes, requer os poderes da imaginação: empatia, simpatia e projeção. O médico como um artista sente com o paciente sua ansiedade, sofrimento e desespero. Esta experiência, como toda experiência artística é auto-transcendente e pode estar associada a um sentimento de verdade e beleza. No nosso mundo industrializado, a preocupação com bens materiais prejudica um pouco o valor das artes porque, de forma geral, embora existam exceções, elas não são produtos e, portanto, permanecem sempre num plano secundário quando se compara ao plano científico e da exploração tecnológica.

Uma falácia abominável é a de que a arte não pode

ser aprendida porque ela depende de qualidades humanas que são inatas. Para demonstrar que esta crença é falsa, devemos nos voltar para outras artes. Como o artista aprende? Ele aprende da mesma maneira como qualquer um que está tentando adquirir uma nova habilidade: ele estuda as regras e técnicas de sua arte. Para cada domínio da arte ele tem seus próprios materiais, métodos, objetivos e teorias. Não há razão para se acreditar que o aprendizado da arte da medicina seja diferente do de todas as outras artes humanas.

Quando nos perguntamos como um estudante de medicina pode aprender sua arte, encontramos uma grande lacuna para esta resposta na educação médica moderna. Nas nossas escolas, como nas nossas universidades, geralmente o cultivo da sensibilidade e da imaginação é quase que inteiramente negligenciado. Se o aluno é esperto, vai inevitavelmente encontrar um mestre/tutor a ser seguido e imitado (apesar de que tais homens têm se tornado raros nesta era médico-tecnocrática). Lógico, o tamanho e a complexidade de nossas escolas médicas têm tornado difícil a existência desta modalidade de relacionamento mestre-estudante, calcada mais em aspectos culturais e filosóficos do que em aspectos técnicos.

No Brasil, é bom lembrarmos que a aprendizagem da Arte no Ensino Fundamental e no Ensino Médio é obrigatória pela LDB. Contudo, algumas escolas estão incluindo a arte apenas numa das séries de cada um desses níveis porque a LDB não explicitou que esse ensino é obrigatório em todas as séries. Além disso, para os nossos alunos que chegam à universidade, nem todas as linguagens da arte estão sendo ensinadas e parece haver uma importância maior da linguagem verbal em detrimento da linguagem visual.

De tal forma, muitos alunos adentram em nossas escolas médicas sem uma formação adequada, sem o entendimento da importância da cultura artística e sem a sensibilização necessária para o desenvolvimento da percepção, da imaginação e da capacidade crítica. Felizmente, para contrabalançar parte desta

carência, o território ideal para a “ensinagem” da arte pode estar nos processos construtivistas que, por sua vez, proliferam nos cursos médicos no Brasil.

É normal que educadores tenham questionamentos fundamentais referentes à inserção da arte no processo de formação de nossos médicos. Estaríamos preparados para utilizar arte (ensino através da arte) em nossos conteúdos ou de literalmente ensinarmos arte aos nossos alunos? Quantos de nós somos fruidores da arte? Quantos de nós visitamos exposições, assistimos a espetáculos ou a concertos? Visitamos feiras populares? Quantos de nós estamos realmente sintonizados com as mudanças culturais de nosso tempo? Qual o espaço que temos criado para o diálogo artístico entre nossos alunos? Mesmo quando elegemos um texto, uma pintura ou determinado filme ou trecho dele para discussão, sabemos porque os escolhemos?

Muitos de nós, docentes, nos julgamos inaptos para utilizar conteúdos de arte na graduação, além de não recebermos estímulos oriundos de nossas próprias instituições para que isto ocorra. Num recente estudo conduzido pela Associação Brasileira de Medicina e Arte, durante o Congresso Brasileiro de Educação Médica, em Uberlândia (MG), 41 coordenadores de curso responderam a um questionário que objetivava mapear a utilização de arte nas matrizes curriculares e em experiências de extensão universitária desenvolvidas por estas escolas. O resultado foi de que há neste momento muito pouca experiência nacional para ser relatada. Contudo, acreditamos que este cenário sofrerá uma mudança nos próximos dez anos em virtude de experiências incipientes que estão dando certo em várias escolas brasileiras.

Ainda que a docência médica não esteja plenamente profissionalizada em nosso país, é possível estimular nos professores o desenvolvimento de uma habilidade básica de mediação entre arte e conteúdos médico-humanísticos. É essencial que entendamos também que o fazer arte, que implica num domínio da prática artística como a que pode ser trabalhada

O FAZER ARTE, QUE IMPLICA NUM DOMÍNIO DA PRÁTICA ARTÍSTICA COMO A QUE PODE SER TRABALHADA EM ATELIÊS E ESTÚDIOS, NÃO É UMA PEÇA ESSENCIAL PARA A UTILIZAÇÃO DAS ARTES DURANTE A FORMAÇÃO MÉDICA.

em ateliês e estúdios, não é uma peça essencial para a utilização das artes durante a formação médica e, dessa forma, não há limites para este uso.

A necessidade criada pela revolução científica de que os alunos disponham de muita informação é raramente questionada e criou sérios efeitos colaterais nos estudantes, tendo como uma das consequências malélicas a de requerer que os aspirantes a médicos rejeitem – se eles desejam de fato possuir esta carreira – um estudo de humanidades e da maioria das artes.

Uma outra consequência de produzir médicos e outros cientistas que não têm qualquer conhecimento de história, filosofia ou literatura é que a ignorância limita seus horizontes e pode até mesmo cegá-los em suas próprias disciplinas ou domínios do conhecimento. Esta ignorância também tem alimentado o conceito de que as artes têm uma importância secundária. A escolha entre arte e ciência é uma dicotomia falsa e perigosa. Em muitos aspectos o relacionamento médico-paciente, o conhecimento e entendimento de dramas, literatura, filosofia, são altamente auxiliares. Um bom começo pode ser feito com uma readequação do equilíbrio na educação usando as artes como uma ajuda de aprendizado.

Para finalizar, enfatizo que os processos criativos envolvidos em muitas manifestações artísticas (e só neste momento pode estar inserido o fazer arte) podem ajudar nossos futuros clínicos a lidar com situações de incerteza e aperfeiçoar sua comunicação com pacientes. A experiência médica auxiliada pelas artes pode ser muito mais rica e intensa. Envolvimento individual num nível emocional é importante para o médico e a ciência não está equipada para proporcionar isto. A arte, sim!

**Dr. Valderílio Feijó Azevedo (PR).**

# OBRAS QUE ILUSTRAM O IÁTRICO

A maioria das obras que ilustram esta edição da revista é de autoria de renomados artistas plásticos com origem, que viveram ou com estreita identidade com o Paraná. Uma forma de homenageá-los sob a inspiração do tema da edição, mestres que foram no exercício de suas artes. **ESPEDITO ROCHA**, nascido em 1º de janeiro de 1921 no agreste pernambucano, viveu grande parte de sua vida em Curitiba, onde faleceu em 18 de novembro de 2010, aos 89 anos. Por aqui, o escultor sobreviveu mais de uma década como Tibúrcio Melo ou Tadeu Silva, com seus direitos políticos cassados na luta contra a ditadura enquanto líder sindical e comunista. *Este Espedito, Escultura e Esperança* é o título da obra lançada pouco depois de sua morte, tendo como grande incentivador o médico Gerson Zafalon Martins. As fotos do livro e aqui publicadas são de autoria do amigo Ricardo Almeida que, em setembro de 2009, ao lado de Gerson e do escritor Celso Araújo, foram visitar Espedito em sua casa, para dar início à obra.

O curitibano **RUBEN ESMANHOTTO** morreu aos 60 anos, em janeiro de 2015, vítima de acidente de trânsito. Um mês antes tinha lançado o livro *O Momento Suspenso*, comemorando os 40 anos de carreira. Foi autor de mais de 3 mil obras, muitas delas retratando Curitiba e seus casarões. Trabalhava com o enigma do tempo e da luz, sob visão poética da natureza.

**LINEU BORGES DE MACEDO**, nascido em São Mateus do Sul, como arquiteto projetou obras de paisagismo e urbanismo que marcam o cenário da Curitiba da segunda metade do século passado. Dedicou-se à pintura e escultura, deixando grande acervo, parte dessa obra retratada no livro *A Arte de Lineu Borges de Macedo*, de Mariza Bertoli, publicado em 2007. Faleceu no dia 17 de outubro de 2014, aos 85 anos.

**DOMICIO PEDROSO**, um dos mais renomados artistas plásticos do Paraná, morreu em 7 de julho de

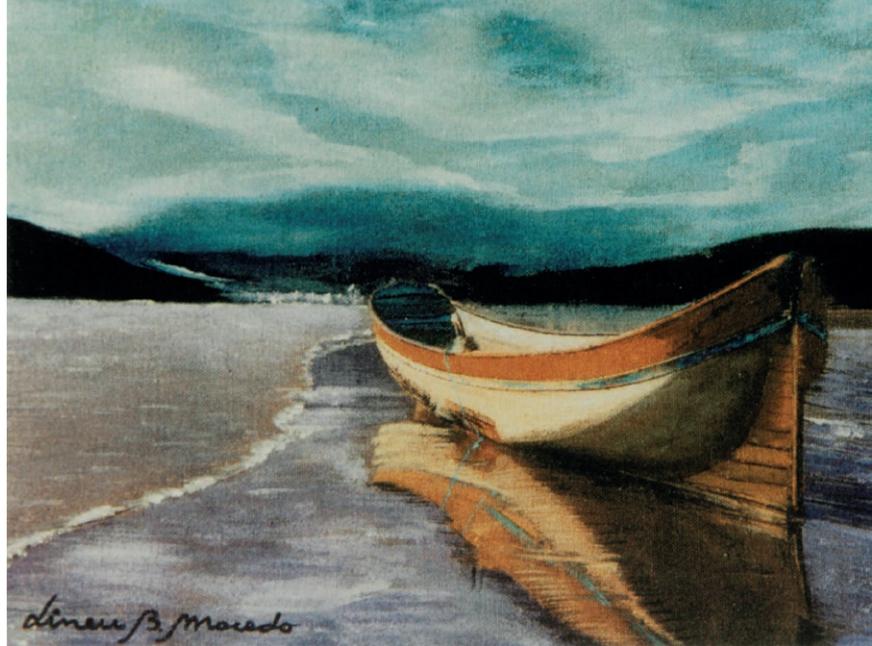


Ruben Esmanhotto - Barcos, 2005.

2014, em Curitiba, sua cidade natal. Tinha 83 anos. Aluno de Guido Viaro, foi agregador da classe artística e grande produtor e gestor das exposições no Paraná. Sua trajetória artística é retratada nos livros *Domicio Pedroso – Variações em torno do tema, Uma vida dedicada à arte* e *Pintores Contemporâneos do Paraná*. Parte de suas telas integra acervos de inúmeros museus de várias partes do país, incluindo o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) e a Biblioteca Nacional, ambos no Rio de Janeiro, e Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

A consagrada artista plástica **MITI TSUNETA** faleceu em 19 de agosto de 2014, em Curitiba, aos 69 anos. Iniciou-se nas artes ainda criança, tendo se dedicado à gravura e pesquisas em pintura e tela. Participou de diversas exposições e festivais por todo o Brasil.

A grande dama da arte brasileira, **TOMIE OHTAKE**, faleceu no dia 12 de fevereiro, em São Paulo, onde chegou em 1936. Ela nasceu em Kyoto, Japão. Tinha 101 anos. Se a paisagem de São Paulo ganhou a “cara” da artista, Curitiba também tem a sua marca. Há quase 20 anos, em meio às comemorações da imigração japonesa, simbolizando a amizade dos povos, ela inaugurou no Parque das Esculturas do Museu Metropolitan de Artes (MuMa), no Portão, uma obra de concreto armado de 11m de altura. Mostras de suas obras passaram pelo Paraná várias vezes.

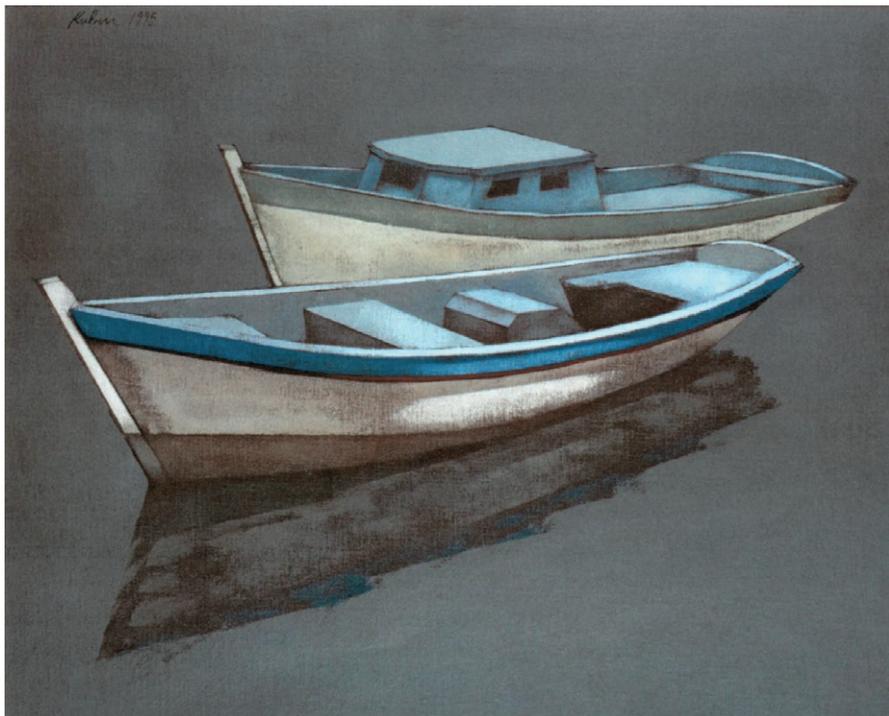
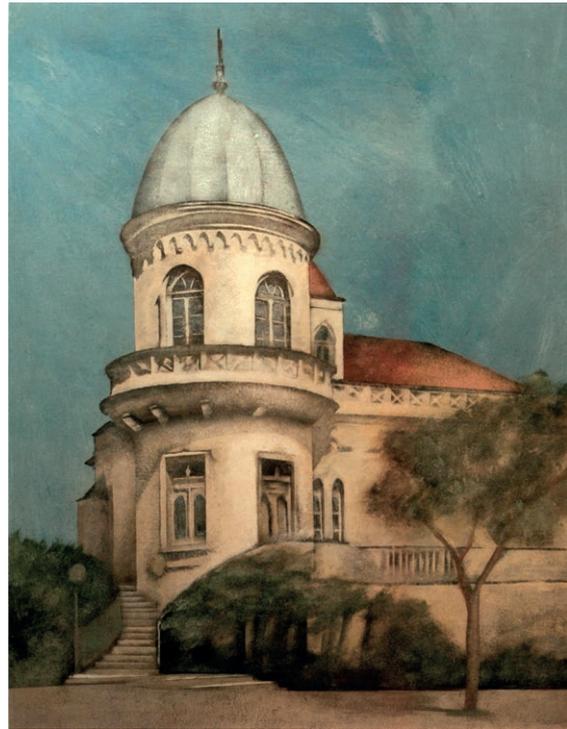
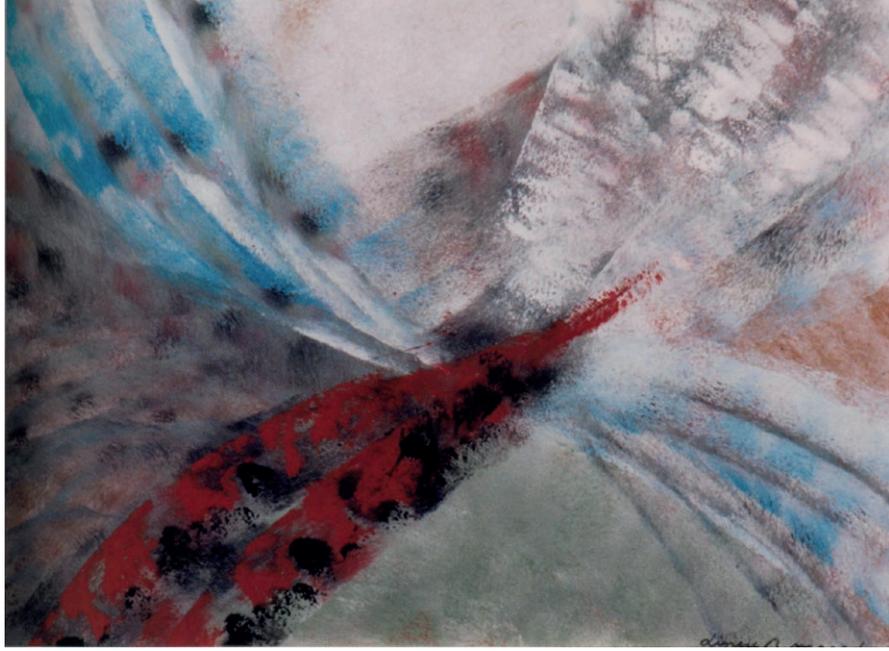
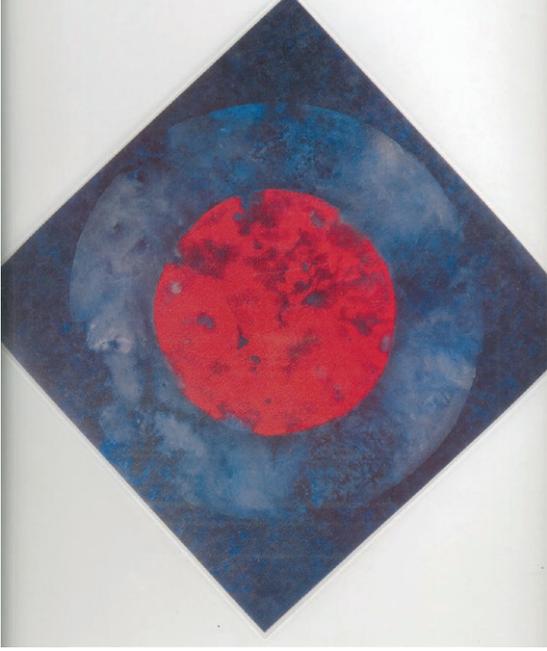


**As imagens que ilustram a edição e a galeria do IÁTRICO** são de consagrados artistas plásticos identificados com o Paraná e recentemente falecidos. Uma forma de homenageá-los enquanto semeadores de sua arte, iluminando seguidores e horizontes. Vem em reforço na reverência à memória de nosso mestre da Medicina, Dr. João Manuel, cujas ideias e ideais estão presentes no conteúdo da revista. Ciência e arte em perfeita harmonia. O agradecimento aos familiares de Ruben Esmanhotto, Domicio Pedroso, Miti Tsuneta, Lineu Borges de Macedo, Espedito Rocha e Tomie Ohtake por ajudarem a viabilizar a iniciativa.

*Em sentido horário, da esquerda para a direita: Escultura de Espedito Rocha - Sem Título, 2000. Lineu Borges de Macedo - Descanso dos Garis, 2000. Lineu Borges de Macedo - Reflexo da Canoa, 1998. Ruben Esmanhotto - Cenário, 1984.*

*Próxima página (de cima para baixo, em sequência): Tomie Ohtake - Sem título (fragmento), 1994. Lineu Borges de Macedo - Libélula, 1995. Ruben Esmanhotto - Cenário, 1986. Ruben Esmanhotto - Cenário, 1979. Domicio Pedroso - Telhados de Paris, 1961. Ruben Esmanhotto - Barcos, 1995.*





# TOQUE DE CONSCIÊNCIA

*“A minha consciência tem milhares de vozes  
E cada voz traz-me milhares de histórias  
E de cada história sou o vilão condenado.”*

**Shakespeare, Rei Ricardo II, ato V.**

**Você tem medo da morte? Não se desespere.** Não porque seja uma das duas coisas inevitáveis – outra são impostos –, e sim porque é essa mesma consciência que permite a alguns ouvir a nona de Beethoven e sentir a leveza alada ou perceber a música nos versos de seu poeta preferido.

Consciência é uma nova maneira de observá-la e escutá-la. É isso que tenta fazer o neurocientista português António Damásio, hoje professor de Neurociência na University of Southern California (EUA). Um estudioso de neurobiologia do comportamento

humano e investigador das áreas cerebrais responsáveis pela tomada de decisões e conduta, que em 2010 editou a obra *O Livro da Consciência*. Antes, já tinha lançado *O Erro de Descartes* e *E o Cérebro criou o Homem*, entre outros livros.

Em vez de olhar o comportamento e interpretá-lo, que é o usual, devemos olhar a mente e pesquisá-la. Tentar buscar técnicas científicas que permitam explicá-la. Tarefa hercúlea e, talvez, inalcançável, daí o termo mistério – aquilo que desafia. Ciência é assim, sem limites, movida a curiosidades.

## **INFLUÊNCIAS E TRANSFERÊNCIAS...**

A ideia de consciência está ainda em seu estágio primário, mas quem participou do primeiro campeonato jogando como craque foi o velho Freud – não reparem, é afetivo, pois passei boas horas lendo-o. Isto é, foi ele quem deu o primeiro passo em busca da natureza humana. Como todos nós, acertou e errou. Hoje, sob uma perspectiva – digamos – mais científica, mais errou do que acertou. Mas, convenhamos, é raro na paisagem intelectual encontrar alguém que não reco-

nheça a existência do inconsciente ou que negue suas virtudes de grande escritor, capaz de influenciar toda a vida cultural, incluindo a invenção de uma linguagem.

No plano cultural temos a sensação de que suas ideias são nossas ideias, tal a introjeção de seus conceitos. Mesmo quem nunca fez psicanálise ou não a conhece, usa, sem saber, a sua linguagem. Não é pouca coisa. Ao disseminar a introspecção, fez com que perdêssemos a inocência. Quem a mantém é alie-

Teoriza Damásio: “Temos duas consciências. Uma é nuclear, a dos animais, simples, que respeita apenas aqui e agora. A outra é alargada, confere um sentido de passado e futuro; é, portanto, histórica e biográfica. Permite, por exemplo, que façamos previsões, sem o que não vivemos bem.

Nosso estágio de entendimento na matéria é inicial, até primário. Nem mesmo sabemos quando começa a consciência nuclear. Lá pelos 18 ou 24 meses deve começar a consciência alargada, quando a memória da criança começa a fazer conexões biográficas com os pais e o meio.

Alguns primatas têm um arremedo de consciência alargada, certo grau de memória conectiva. Mas só o ser humano expandiu sua consciência e se capacitou a ter linguagem, inteligência e criatividade, que por sua parte expandem cada vez mais a mesma consciência. É o mundo das ideias, traduzidas em palavras, num carrossel ininterrupto e assombroso.

Essa consciência propiciou aos homens algumas de suas criações mais nobres: além da linguagem, a música, a poesia, a ciência, a tecnologia e, principalmente, o código de valores morais. Ou, no dizer de Damásio: “A consciência é uma capacidade que permite a aquisição de todas as capacidades. ❶

nado, não sabe operar na realidade.

Como o contato humano reflexivo é quase inexistente, em nossa cultura há a necessidade de intermediários que façam esse papel. É o caso do filme *Fale com ela*, de Almodóvar. Uma história de amor impossível entre homens e mulheres, um manual de decifração das mulheres. A impossibilidade do encontro desejado, perene e permanente, que leva a redescobertas, esperanças e renovação do amar.

## Trilhas do Iátrico

# TO SOMEONE

(Último Romântico)

### 1. SOLITAIRE

(Neil Sedaka, Phil Cody)  
Neil Sedaka

### 2. LET'S STAY TOGETHER

(Al Green, Willie Mitchell, Al Jackson Jr.)  
Al Green

### 3. THE OLD FASHIONED WAY

(Charles Aznavour)  
Charles Aznavour

### 4. I'LL BE THERE

(Berry Gordy, Bob West, Willie Hutch, Hal Davis)  
Trijntje Oosterhuis e Keith John

### 5. INTO WHITE

(Cat Stevens)  
Carly Simon

### 6. MY LOVE FOR YOU

(A. Silver, S. Wayne)  
Johnny Mathis

### 7. WHAT KIND OF FOOL

(Barry Gibb, Albhy Galuten)  
Barbra Streisand e Barry Gibb

### 8. I DON'T WANT TO TALK ABOUT IT

(Danny Whitten)  
Rod Stewart

### 9. AND I LOVE YOU SO

(Don McLean)  
Shirley Bassey

### 10. I STILL BELIEVE

(Paul Michael Barry, Mark Taylor,  
Lionel B. Richie Jr)  
Lionel Richie

Confira as trilhas sonoras do Iátrico  
no Portal do CRM-PR.



## CITAÇÕES: FASCÍNIO OU EXIBICIONISMO?

**O médico convive melhor com as citações** do que a maioria das pessoas. Para estas, são quase sempre preciosismos que o sujeito lança mão para aparecer. Em uma cultura pouco letrada como a nossa, chegam a ser ofensivas, embora devessem ser utilizadas para dar melhor esclarecimento às ideias que estão sendo expressas ou discutidas.

Como faz parte da vida intelectual do médico avaliar informações, conceitos, indícios ou provas, tem que recorrer a referências bibliográficas e ter formação científica para analisar material e métodos. E para referendar ou não as conclusões do autor ou dos autores.

Mas vive de autores e, logo, de citações. Assim mesmo, pesquisa feita pelo pessoal da Mc Master e publicada em 1981 no *Canadian Medical Association*

*Journal*, e que listava os 10 principais motivos para que os médicos liam revistas científicas – e portanto as citavam –, colocava em primeiro lugar a resposta “para impressionar os outros”.

Não adianta, é bíblico, tudo é vaidade. De qualquer forma, na prática, a citação faz sentido quando é natural e explicativa, concernente e orgânica. Um professor que esteja ministrando uma aula e que seja articulado e tenha vocabulário extenso, vez ou outra expelir um vocábulo que não atinge a maioria. Se repararmos bem, na maioria das vezes é a palavra mais apropriada e eufônica para dar sentido à ideia.

Pois o bom professor tem algumas ideias básicas para expressar e improvisa o discurso em cima da pauta. Seria mal-vinda se fosse forçada, só para mos-

trar erudição. Quando isso ocorre, é como se o vocábulo fosse um elemento estranho no contexto, imediatamente rejeitado por quem acompanha o raciocínio, por ser extemporâneo.

Ademais, há sempre a justificativa da necessidade de ampliarmos os horizontes de uma audiência ou dos leitores. As citações, quando pertinentes, serão sempre fascinantes. Invoco para dar fecho com o saudoso José Guilherme Merquior, intelectual de primeira e grande citador, que dizia: “Se cito é por ali; se ali aprendi e, se confesso que preciso de aval ao que estou pensando e me socorro dos outros, é prova de humildade”. Taí! Sem a citação, o texto não seria o mesmo. ❶

### SOBRE GRANDES IDEIAS

Durante alguma conferência, você já ouviu alguma grande ideia? Claro que sim. Mas por certo não foi criada para tal exposição. A vaidade humana faz com que toda grande ideia, hoje, seja publicada antes, para não ser apropriada. Ou, se furtada, para que saibamos que teve dono. Teve, porque uma vez solta no mundo, fica sem dono. Sendo usada, mal usada, ignorada, hermetizada – e num clarão – compreendida. É o choque do reconhecimento, tão essencial no livre mercado das ideias.

Uma conferência pretende tão somente criar uma impressão no ouvinte, ser modificadora. Do quê? Sabe-se lá. Cada um aproveita como pode e quer. Isto é, à sua maneira, como dizia o Quintana:

*“Qualquer ideia que te agrada,*

*Por isso mesmo... é tua.*

*O autor nada mais faz que vestir a verdade*

*Que dentro em ti se achava inteiramente nua...”*

Os saberes, em sua impermanência crua, gestam em ti.

## Trilhas do Iátrico

### ON A CLEAR DAY

#### 1. OVERJOYED

(Stevie Wonder)

Celine Dion e Stevie Wonder

#### 2. IT'S TOO LATE BABY, TOO LATE

(Buddy Johnson, John Brown)

Arthur Prysock

#### 3. CARUSO

(Lucio Dalla)

Lara Fabian

#### 4. ON MY OWN

(Burt Bacharach, Carole Bayer Sager)

Patti La Belle e Michael McDonald

#### 5. ANGIE

(Jagger, Richards)

Rolling Stones

#### 6. AS TEAR GO BY

(Jagger, Richards, Oldham)

Felicia Wong

#### 7. OH VERY YOUNG

(Cat Stevens)

Cat Stevens

#### 8. CAN'T TAKE MY EYES OF YOU

(Bob Crewe, Bob Gaudio)

Nancy Wilson

#### 9. I APOLOGIZE

(Al Hoffman, Al Goodhart, Ed Nelson)

Billy Eckstine

#### 10. OCEANS AWAY

(Elton John, Bernie Taupin)

Elton John

#### 11. MY HEART CAN'T TELL YOU NO

(Simon Climie, Dennis Morgan)

Rod Stewart

Confira as trilhas sonoras do Iátrico no Portal do CRM-PR.



## JATOS DE IDEIAS MÉDICAS PARA REFLETIR E CRITICAR

❶ Estudante de medicina, não se iluda. Estude muito para saber um pouco. Quando sentir que sabe um pouco, está no ponto. Não se apresse, leva anos. Depois de anos, se julgar que sabe muito, é autoengano.

❷ Modo de usar: se você progredir intelectualmente, faça-o aos poucos. Aprenda uma coisa de cada vez, compare e confronte colocando-a do avesso. Se passar por seu crivológico (ia esquecendo, há que estudar Aristóteles antes), aproprie-se. Coloque *quantum satis* de verdade, bondade e necessidade. Depois é só usar.

❸ A vida médica é um permanente ensaio, mas é bom saber que não temos duas vidas, uma para ensaiar e outra para representar. Portanto, não espere; você já está em cena.

❹ Os fundamentos da boa educação são atenciosidade e bondade. Por que não exercê-las na Medicina? Mudariam definitivamente a imagem médica.

❺ Todo projeto de saúde moderna deveria prever eficiência financeira, satisfação social e liberdade de escolha. Quer dizer, é inexequível.

❻ A criatura humana é uma criatura do desejo, não da necessidade. Depois do arroz com feijão vem a linguça no feijão. Por isso, Freud dizia existirem três profissões impossíveis: a educação, a psicanálise e a política. Todos têm por fim a satisfação do desejo. Chocam-se, portanto, com o maior vulcão ativo da energia humana: a insatisfação. A Medicina lida com a insatisfação da alma e do corpo; é duas vezes impossível.

❼ O paciente não pode pagar pela curiosidade do médico, a não ser que a mesma contenha potencial solução para o próprio paciente.

❽ Exames simples e baratos podem ser mais elucidativos do que os caros. Nunca esqueça que tecnologia serve para superar impasses clínicos. Alta tecnologia só com mestria.

- ❶ Os humanos mudam mais por pressão ou condicionamento do que por reflexão, única maneira de dar consistência à expansão pessoal.
- ❶ Em Medicina, como em qualquer outra profissão, é necessário talento e trabalho para harmonizar teoria e prática. Como em pesquisa, teoria vem antes, a prática vem depois. A prática só vem antes nos “práticos”.
- ❶ Síntese da prática médica: evidência e esclarecimento. Síntese da ética médica: vínculo e responsabilidade.
- ❶ Todos os médicos escrevem diariamente. Mesmo sem perceber, há uma disciplina mínima para escrever. As observações clínicas nos prontuários, que sejam. Talvez disso derive o desabrochar de muitos talentos das letras.
- ❶ A virtude de um texto é ser curto, claro, denso e veraz, como o devem ser as observações clínicas.
- ❶ Ao contrário do que disse o poeta, a vida não é a arte do encontro. Conhecemos centenas, milhares de pessoas, mas convivemos com umas 10. É bom, porque a vida é convivência de contrários; portanto, é conflito. Se convivêssemos com mais pessoas é possível que naufragássemos em conflitos não resolvidos.
- ❶ Nesta época de massificação e espetacularização, existir como presença médica pessoal é um esforço sobre-humano.
- ❶ Como já apontou nosso Caetano, de perto ninguém é normal. O que há a entender é que existe uma corrosão natural de nossas qualidades em qualquer relacionamento.
- ❶ Um homem sem anotação não é nada, tal a fragilidade de nossa memória. Aluno de Medicina sem caderneta de notas não tem curiosidade, não confere informação, não reflete sobre diagnósticos, não pesquisa indagações. Não sedimenta a ciência médica.
- ❶ Amor em Medicina é a busca do melhor de si no outro.
- ❶ Para casos únicos, opiniões múltiplas. Isto é, para situações incomuns, opiniões em comum. Mas cuidado: consultores opinam; não tomam decisões.
- ❶ As pessoas mudam pouco, aos poucos, ao longo do tempo, com muito esforço e se quiserem. Mas é preciso tentar.
- ❶ Mudança brusca? Cuidado! Deve estar doente ou ser um falso positivo.
- ❶ Adágio popular: duas coisas me custam crer: religioso pecar e médico adoecer.
- ❶ Se ao começarmos uma tarefa ou trabalho tememos punição ou esperarmos adrede recompensa, não somos médicos éticos.
- ❶ Medicina se aprende com leitura, principalmente com releitura. E prática, é claro!
- ❶ Fama ou notoriedade só é boa para manter trabalho. A autoestima deve ser alimentada por convicções racionais e não pelo aplauso emocional.
- ❶ Aos pesquisadores: “Pesquisa básica é o que estou fazendo quando não sei o que estou fazendo.” (Wernher von Braun, 1912-1977).

# CERTEZAS DA DÚVIDA E DO SONHO

*Enquanto existirem dúvida e imaginação,  
a humanidade continuará a ter fome de ideais.*

## **Houve tempo em que os homens se batiam**

por certezas e morriam por valores morais. Ao ler esta frase de Franco Nogueira, sou possuído por certa nostalgia. É, vivi um pouco desse tempo. Pelo menos seus estertores.

Nós, jovens, na década de sessenta, fazíamos uma revolução. Pensávamos ser possível mudar o mundo. Melhor, consertaríamos o mundo. Afinal, tudo era encontro, da flor ao sexo, das utopias mais desabridas à revolução da mente, escancaravam-se as portas da percepção. E tudo nos parecia possível e permissível. Era proibido proibir. A imaginação nos levaria ao paraíso, terrestre naturalmente! Todos os sonhos pareciam exequíveis, questão apenas de tônus pessoal e coletivo. Todos à nova ordem. Ah, santa cegueira e ingenuidade. Sob a capa da liberdade, da igualdade e da justiça social, o que o “Maio Global” de 68 conseguiu foi apenas uma licença para melhor fazer amor. Ou nem isso, já que o mundo continua sendo a convivência de contrários e, portanto, se reduz a conflitos e interesses. O que o amor pode fazer e por isso o buscamos incessantemente é mediar e sobrepujar os conflitos, esse o seu grande mérito. Embora seja de imanência mais individual do que coletiva, essa sua limitação.

Maio de 68 não fez eclodir nenhuma luta de classes, nem balançou qualquer sistema político. Sua origem anarquista começou na libido, continuou na erótica e desembocou na geleia geral atual. Foi mais uma luta de gerações. E nós, jovens, só queríamos fornicar, essa a verdade. Os políticos apenas tentaram pegar o vácuo atrás do movimento, como sempre. Mas quem viveu achou boa a zorra. E foi. Todo sistema organizado tende, depois de certo tempo, a se esclerosar. As instituições entram em degenerescência como qualquer organismo vivo. Ao contrário do que fazemos como médicos, que é tentar reparar funções orgânicas que tendem à falência inevitável, as instituições podem ser

vitalizadas, transformadas, fortalecidas.

O Maio de 68 não se baseou em grandes ideais humanos, mas vitalizou uma cultura sonolenta, já sem élan, aliás, semelhante à atual. Pela sua própria origem não tinha condição de estabelecer o que seria factível, ou as metas com seu ponto de equilíbrio. Faltava-lhe visão política real do que alcançar. Alcançou-se apenas a maior liberdade sexual, e esta ainda graças à pílula. Mas, de quebra, vitalizou-se a cultura, com melhor entendimento do que estava à sua margem. Depois disso foram-se as certezas políticas, afrouxaram-se os valores morais e sumiu-se a esperança que descortinávamos num horizonte cheio de possibilidades.

Hoje faltam-nos bandeiras claras e visíveis. Pelo menos que envolvam emocional e motivacionalmente grandes agrupamentos humanos. Toda política de Estado é econômico-financeira, e dessa não entendemos nada. É fria em seus números, distantes na possibilidade de a influenciarmos. Quando muito, a duras penas, controlamos a economia pessoal. Olho esses anos da juventude e vejo uma ebulição insequente, mas não a renego, pois alimentou o fervor das ideias e o tempo se encarregou de temperá-las. Também, quem mandou ler Yeats? “Os melhores carecem de convicções, os piores estão cheios de intensidade passional”.

Ontem, como hoje, o equilíbrio é necessário. E se se foram as grande utopias, sobraram outros consolos: música, poesia e, principalmente, a revolução da ciência. Embora saibamos que até esta não esgota o real. Certezas? Só a bendita dúvida, que nos permite pensar. E a imaginação, que nos permite sonhar. Enquanto existirem dúvida e imaginação, a humanidade continuará a ter fome de ideais. E a desenhar um horizonte de possibilidades. Nós, médicos, sempre faremos parte da difusão dos sonhos humanos. Sabem por quê? Porque pensar também é sonhar, nem que seja com o rigor da ciência. ❶

# MATURIDADE

## Não me lembro de ter entrevisto qualquer

definição de maturidade nos desenfadados piqueniques meus pelos bosques da psicologia. Erich Fromm, invertendo os termos da equação, diz que a saúde mental é atingida quando o homem se desenvolve até a plena maturidade segundo as características e leis da natureza humana.

Equivale dizer que a maturidade é pleno desenvolvimento. Certo. Mas quais as características e leis da natureza humana? Sendo a nossa natureza o resultado de leis instintivas e faculdades adquiridas pela razão, temos de concluir que o homem, contrariando a evidência aritmética, é a soma de duas parcelas heterogêneas: instinto e razão, *simius* mais *Homo sapiens*.

Um matemático bem-humorado diria que a falência individual e coletiva do homem advém dessa adição absurda: o sublime mais o grotesco, o angélico mais o repelente, o herói mais o pusilânime... Não chegarmos nunca ao conhecimento de nós mesmos, e muito menos à conjuração de nossas forças contrariadas. Nenhum indivíduo – prosseguiria o matemático – chegará ao paraíso da saúde mental; nenhuma sociedade construirá a civilização limpa; somos e seremos contrafeitos frutos de uma aberração aritmética; a confusão psíquica prevalecerá; a capacidade de criar o tumulto, que sempre interrompe as tentativas de estabelecer a ordem, é um desígnio humano. Banidos de um jardim animal, nossa condição cósmica e subjetiva é a terra de ninguém. Em suma, nossa própria razão demonstra que somos um erro.

Deixemos a desapontada certeza do matemático e continuemos a somar as bananas e maçãs da natureza humana.

Minha dificuldade em saber o que é a maturidade, dada a premissa de Erich Fromm, consiste no fato de me ser impossível determinar em cada criatura o quanto entra de maçã e quanto entra de banana, o quanto entra de razão e quanto entra de instinto.

Ignoro também até que ponto a razão se exaltou à custa de uma minimização do instinto a até que ponto, e dentro de que circunstâncias, esse instinto é componente indispensável de uma boa saúde mental. Ou de uma plena maturidade.

Desconheço ainda, por mim e pelos sábios que me ensinam, até que ponto, a fim de manter a saúde mental, devo submeter minhas forças instintivas ao interesse social das convenções e às minhas conveniências pessoais. Nenhum especialista poderá me assegurar quais são as proporções e os limites ideais de tudo isso. Na verdade, a terra de ninguém é alarmantemente movediça.

Não, não sei, jamais saberei o que é a maturidade. Mas sei perfeitamente reconhecer a imaturidade, quando a mesma se manifesta. Reconheço-a antes de tudo em mim, que cheguei esperançoso à idade de não mais merecê-la. Mas o milagre não se deu.

Por vezes tive a boba e boa ilusão de estar chegando lá, à maturidade. Controlei alguns demônios menores; outros de modo próprio me deixaram; senti valorizar-se em mim o sentido da justiça e a tentação da fraternidade; meu egoísmo se reduziu, dando mais espaço à compreensão do outro, abri os olhos às minhas complacências indevidas e os fechei o mais que pude aos rigores de juízo enraizados no ressentimento. Demissões, mutações e aquisições se operavam em mim, que esperava, deliciado, a maturidade.

Mas a maturidade não veio. Esvaziei-me no desengano. A princípio com uma tristeza, depois com uma espécie de contentamento venal, chegando quase à indiferença insípida, vi que a maturidade não veio.

Há em mim grandes partes deterioradas; umas poucas fibras já umedecidas na doçura do outono; e há em mim – o que é irreparável – grandes estrias verdes que me fatigam e desviam.

**Paulo Mendes Campos (RJ).**

# ENSAIO SOBRE A MENTIRA

*“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.”*

**Friedrich Nietzsche (1844-1900).**

**Começemos pela definição. Segundo o** dicionário Aurélio, mentira é “ação ou efeito de mentir/ludíbrio; falsidade; ilusão.” Mentira é o nome dado às afirmações ou negações falsas ditas por alguém que sabe (ou suspeita) de tal falsidade e, na maioria das vezes, espera que seus ouvintes acreditem nos dizeres. Se estes são falsos e não se sabe de tal falsidade e/ou acredita que sejam verdade, não são considerados mentira, mas sim erros. Mas afinal, mentira é uma só?

Muitas vezes a mentira é proferida por um descuido. Fala-se sobre um assunto ou fato sem ter o real embasamento sobre aquilo. Este deslize pode ser perdoado, se não fosse pela preguiça e ignorância do interlocutor em não apurar a informação. É a mentira dos incautos.

Outras vezes a mentira é uma verdade disfarçada. O que seria doloroso é amenizado, suavizado, mesclando ou omitindo detalhes da informação, o impacto é menor, poupando ou postergando sofrimento. Muito presente no termo médico de unidades de terapia intensiva: “o paciente está estável”. É uma mentira justificável.

Em outros casos a mentira é criada para justificar um fracasso ou para tentar iludir e tencionar para um falso sucesso, como o jargão “nunca na história deste país”. Mas também existe a mentira escarrada, proposital, sorrateira, mal intencionada, fruto de mentes doentes e ardilosas, que procuram a vantagem pessoal, reescrevendo de forma equivocada o pensamento político maquiavélico do fim justificando os meios. É a mentira imperdoável.

Por fim, existem também mentiras que são, na realidade, verdades transitórias. Acredita-se e, mais ainda, comprova-se um fato que é propagado e difundido e, posteriormente, reescrito ou revisto. A então

verdade passa a ser ‘mentira’. Com o avançar da tecnologia, terapêutica e experimentos, isto tornou-se parte da prática da medicina atual. A droga rejuvenescedora de hoje é o veneno de amanhã.

Mas como dizia Machado de Assis, “a mentira é muitas vezes tão involuntária quanto a respiração”, lembrei-me de uma história, verídica em inteiro teor, com mentiras voluntárias entremeadas.

Era o início do século XXI, logo após o ‘bug’ do milênio, que não aconteceu, o Hospital Universitário, um pronto-socorro ginecológico e obstétrico, um plantão noturno eram o cenário.

Não diferentemente de outros dias, o plantão estava caótico, com grande demanda daqueles que procuravam o atendimento público de urgência, muitos como sua última ou única alternativa, sendo assim, o número expressivo de pacientes não constituía novidade.

Cursava o segundo ano de residência em Ginecologia e Obstetrícia. Naquele momento, comigo, no campo de batalha, o R1 e um interno do quinto ano. Quase próximo à meia-noite, rareavam os atendimentos, era o pico do cansaço e início do sono, eis que surge outra cliente.

Senhora em idade fértil, jovem, cerca de quarenta dias de parto cesárea em gestação de alto risco, amamentando, em uso de progesterona contínua, desesperadamente achava que estava grávida. O medo era atribuído ao esquecimento de algumas pílulas e ao temor de vivenciar novamente as incertezas de uma gravidez patológica recém-terminada.

Pelo momento clínico, a gestação era improvável, mas somente um teste bioquímico objetivo acalmaria a angústia daquela puérpera. Via naquela senhora



um semblante de desespero, via na equipe a feição do cansaço do plantão. Naquele momento era eu o chefe da equipe, tinha que dar resposta à paciente, tinha que dar ordens para o time. Poderia abreviar aquele atendimento. Dei um jeito.

Solicitei uma amostra da sua urina. Material colhido, apoderei-me de uma fita reagente de Labstix, que qualifica a presença de proteínas, que muito usávamos na propedêutica das doenças hipertensivas da gestação; mergulhei-a no pote de urina turva, um minuto para a leitura do resultado. No corredor frio do pronto-socorro, entre macas e mobiliário antigos, o silêncio gélido e angustiante imperava, todos esperando o veredito, alguns, aqueles com conhecimento científico, perplexos e incrédulos com a ousadia do improvisado e da simulação. Aquela senhora, petrificada, olhar fixo, esperando o resultado que poderia ali mudar a sua noite, ou sua vida. E mudou.

Olhei a fita, franzi a testa, um ligeiro movimento de globo ocular e constatei a ansiedade de todos. A leitura da fita foi transmitida com tom de certeza, ecoando pelo recinto: “Teste de gravidez negativo!”. A puérpera, aliviada, semblante modificado pela catarse, respirou fundo, sorriu, agradeceu, virou-se e se foi. Ficou a dúvida, do ato, da encenação, da mentira.

É de notório conhecimento que a presença de proteinúria é pouco sensível e tampouco específico para atestar a gestação, ou seja, não serve para isto, mas, naquele momento, vendo a satisfação e o alívio daquela senhora, sei que aquela mentira foi esculpida com um bom propósito, a de acalmar o coração dos inocentes. Não sei do seu destino, não sei se o seu temor de uma gravidez realmente se materializou, não sei das consequências posteriores daquele ato. Só sei que se criou uma nova tipificação, ou melhor, se atestou. A mentira que Deus perdoa.

**Dr. Ribamar Leonildo Maroneze (PR).**

# FUTEBOL É COISA SÉRIA

“Futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia.”

Milôr (1923-2012).

**Até tive vontade de contar uma história** de futebol, mas senti-me em “papos de aranha” — expressão inadequada porque aranha não é galinha, embora menos estranha e mais palatável aos simples mortais do que a outra, supostamente culta.

No intento, ocorreram-me duas. A primeira foi num congresso de cirurgia em São Paulo, em período de final de Copa do Mundo, quando o Brazuca FC perdeu para a França e ficou no desprezível segundo lugar: houve interrupção do congresso e o jogo projetado no telão do auditório principal. É sério!

A segunda é um pouco mais engraçadinha. Num pequeno hospital de acanhada cidade, o espaço conhecido por “secretaria” foi transformado em auditório, graças a uma minitevê, trazida por um dos funcionários. Ignoro se era final ou se o jogo era contra a Argentina, o que dá mais ou menos no mesmo. De repente, vem o nosso gol e a turma explode entre gritos e gargalhadas. A Irmã Superiora, nossa enfermeira-chefe-padrão, entende que o gol fora do adversário e, avermelhando-se aflita, tenta acalmar o zoneamento:

— “Geente! É deles, é deles!”

Fraquinhas as duas, portanto, incompatíveis com a seriedade do “esporte bretão”. Com a “copa das copas” à porta, acovardei-me por sete a um.

Além de tudo, no futebol qualquer exagero se permite e isso inclui desde berrar suplicando a santa mãe do árbitro até assassinato de inimigos de outra torcida a chutes e pauladas, como já aconteceu. Mais ainda, chegar ao exageradíssimo mandar a ‘presidenta’ “tomar caju”, coisa antes nunca vista neste país:

— “Geente! Basta não votar neles!”

Insisto, é coisa séria! Vejam o que ocorreu com o tatu-bolinha, mascote de simpática imagem, mas desastroso nome: misturar futebol com ecologia — “Fuleco” —, num destemperado de criatividade.

Foram buscar o verbo “fulecar = perder todo dinheiro no jogo”, sinônimo de fiofó e críticas as mais reveladoras da tensão que existe entre torcidas, ainda que em favor do mesmo time. Houve quem visse na soma mistura de “fuleiro” com “furreca” ou ainda “filho do seu Fuleiro com dona Furreca”. É possível ir mais longe? Sim, intimando a FIFA — que “vá tomar no fuleco!” (José Simão, na Folha de São Paulo). Caso queira ir mais fundo, veja em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fuleco>.

Piores teriam sido as alternativas descartadas: “Amijubi” (amizade+júbilo) ou “Zuzeco” (azul+ecologia). Verdadeiro hexacampeonato de bobagem.

Pobre Traveco, digo, Fuleco! A copa nem havia começado e o pau já cantava de todo lado. Na sequência, nosso miniblindado some do mapa atropelado por cartolas-capitalistas-do-mal. Pior ainda teria feito nossa fofa ‘presidenta’, isentando a FIFA — a malpaga — de impostos devidos. Oxalá tal seja apenas boato prensado. Se fato for, estaria configurada improbidade administrativa, além de clamorosa injustiça contra a maioria dos brasileiros que têm seus salários capados na própria fonte. Ambição política deveria ter limites! No mais, apostas e jantares em restaurantes de luxo deveriam ser honrados pelo próprio bolso.

Nosso Fuleco, abusado *ad nauseam*, não aguentou e, da “lista vermelha”, extinguiu-se de vez.

Agora, com nossos heróis imobilizados pela

*sturmtruppen* alemã e perdida a copa das copas — pois quarto lugar e nada se equivalem e com um penta virado em carne de vaca —, digo tranquilo: jamais fui um dos amigos da Rede Globo, esqueci quem não tomou seu Gardenal prévio a jogo decisivo ou quem errou pênalti porque estava cansado — como se não fosse animal tratado a pão-de-ló e salário somando os de mais de mil patrícios. Sem nariz de comentarista esportivo, preferi esquivar-me, mas relato agora uma *storynha* de tatu da qual fui testemunha partícipe.

O frio era de julho do ano “já-faz-tempo”, passada a meia-noite, quando um jovem se apresenta:

– É para o senhor ir ao Marmeleiro para ver uma mulher que está “ganhando família” e sangrando...

Parto com sangramento, bem descrito, uns vinte quilômetros de chão, depois de um dia bem trabalhado.

– E por que não a trouxeram para o hospital? – pergunto com vontade de fazê-lo desaparecer num gesto hipnótico, à moda do velho Mandrake.

– Não sei, sou apenas um “própio!” – responde-me, isentando-se.

Fomos. O veículo era um caminhãozinho velho, embora valente, e o motorista, o “própio” e eu lotávamos a cabine. Com tempo de sobra durante a viagem de quase uma hora, pensava: “Ao menos se eu tivesse uma ambulância! Deve estar meio viva, quase morta, senão completamente. Que faço, meu Deusinho querido que me colocaste nessa friagem?”

Chegamos. Entre lençóis, toalhas e coágulos estava a mãe com a criança ainda dentro do útero que, contraído, contivera a hemorragia e o estado geral até não era tão ruim quanto imaginado, embora anêmica como o lampiãozinho a querosene que fornecia iluminação.

– Aqui não dá para fazer nada...— ergo-me importante. — Temos de levá-la ao hospital.

E passo à execução do ‘plano B’, bolado na vinda. “Precisamos de cobertas...”

Surge um acolchoado de penas de ganso com meio metro de altura, portanto, dos bons. Como se expres-

sava a Irmã Superiora, “a parturienta” vai para a carroceria do caminhão a céu aberto, com cama de casal e tudo, do jeito que estava, mais um cachecol na cabeça e só o nariz de fora. A mãe a acompanha, tiritando. “Entre embaixo do acolchoado, dona!”. Recomendação aceita imediatamente.

Percorridos alguns quilômetros da volta, os faróis do caminhão, também anêmicos, iluminam um bicho cruzando a estrada. O acompanhante que, não havia esquecido o lampiãozinho, brada:

– Um tatu!

Sem mais aquela, o cinesíforo estaca a viatura, o acompanhante salta sem largar o maldito lampiãozinho e fico assistindo à perseguição na tiguera do milharal colhido – modo de dizer. O que via era apenas a chama do querosene no escuro, que balançava, ziguezagueava, ia e arrepiava caminho, dando ideia dos apuros do tatu.

Voltam esbaforidos pela corrida. À minha indagação, explicam:

– O bicho é encardido, doutor... e ligeiro! Vinha pro meu lado, eu chutava, ia pro lado do lco, outro coice, mas conseguiu achar o buraco e sumiu...

Prosseguimos viagem e, enfim no hospital, a sofrente é levada à sala de parto em maca de verdade. Gotas de Ocitocina pingam no copinho do equipo, massajeio as costas do nenê e ele berra sacudo-davida e de frio, apesar do aquecedor vagabundo. Nesse meio tempo, tiraram o doador da cama e já sangrava pelo tubo. Resumindo: tudo simples, divertido, serviço único, quase de graça. Reclamar de quê?

Lavo as mãos, enxugo no avental que jogo sem olhar aonde e vou dormir um pouco com os primeiros raios de sol rindo na minha cara.

Pensando hoje, talvez faltasse um cubano “do bem” para me ajudar na quebra desses galhos e, no contrapeso, elegeríamos um “sapo barbudo” ou, talvez, um qualquer de seus xaxins...

**Dr. Edson Ferreira Sampaio (PR).**

*“Subdesenvolvimento não se improvisa. É obra de séculos.”*

Nelson Rodrigues (1912-1980).

# CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO ÚNICO BRASILEIRO NOBEL

*Laureado como britânico, nunca recebeu a devida distinção no país-pátrio.*



## **O Prêmio Nobel é distribuído desde 1901**

nas áreas de Química, Física, Fisiologia ou Medicina, Paz e Literatura. Em 1969 foi acrescentado o de Economia. Nesta longa jornada, já são mais de mil laureados, entre organizações internacionais e personalidades de 73 nacionalidades diferentes. O Brasil “bateu na trave” muitas vezes, tendo entre as três dezenas de candidatos o físico curitibano Cesar Lattes e os médicos Carlos Chagas (indicado quatro vezes ao de Medicina) e Zilda Arns Neumann (Paz). Porém, oficialmente, ninguém até hoje “subiu ao pódio” com as cores verde-e-amarela, expondo o complexo de

vira-latas, termo cunhado por Nelson Rodrigues no lamento à inferioridade em que o brasileiro se coloca perante o mundo, inclusive pela comodidade ou pelos desmandos que corroem a cultura, a pesquisa, a credibilidade e os valores morais.

Não é de todo verdade que não tenhamos entre os laureados na história do Nobel alguém nascido em solo brasileiro. Temos um, sim, o cientista Peter Brian Medawar, ganhador em 1960 do Nobel de Fisiologia ou Medicina, mas que recebeu o prêmio representando “as cores” britânicas. Ele nasceu no Hospital Santa Tereza de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 28 de fevereiro de 1915, tendo sido registrado no cartório do 1º ofício de registro civil e na Embaixada do Reino Unido, assegurando-lhe a cidadania do país de origem dos pais. Mas é de todo verdade a desproporcionalidade do culto aos valores de uma nação, onde a reverência à futilidade ou aos ídolos de barro se sobrepõe ao respeito à história construída sob interesses coletivos, que sempre sinalizam novos horizontes à humanidade.

Peter Medawar é sem dúvida uma vítima desse descaso, sequer enaltecido como brasileiro ou reverenciado agora na passagem do centenário de seu nascimento. Ele deixou o Brasil aos 14 anos de idade, para estudar na Inglaterra, e não pode voltar nem para visitar os pais, donos da Ótica Inglesa, no centro do Rio, então capital federal. Se voltasse, seria obrigado a interromper seus estudos, já que teria de cumprir o serviço militar obrigatório. A notícia de que o então

jovem estudante de zoologia perdera a cidadania brasileira – algo que contrariava a constituição vigente, mas que era uma interpretação corrente – levou a família a recorrer ao senador e ministro da Aeronáutica Salgado Filho, padrinho de Peter, para pedir uma solução ao ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, no cargo de 1936 a 1945 e que depois viria a ser presidente. Sem êxito, ficou o impasse – e a dúvida. Sem dispensa do serviço militar, pelo jeito, quem “dispensou” o Brasil foi Medawar.

No início dos anos 60, já laureado Nobel, ele retornou ao Brasil a convite do então presidente Jânio Quadros, proferindo palestras na Fiocruz (educado em português e inglês, já tinha perdido muito a familiaridade com o idioma local) e visitando a nova capital federal. A esta altura, os pais e um dos dois irmãos já tinham falecido. Foi a última passagem pelo país. Em 1969 ele sofreu um derrame cerebral que limitou suas atividades, deixando-o numa carreira de rodas, embora ainda produzisse alguns livros e pesquisas. Faleceu em Londres, em 2 de outubro de 1987, aos 72 anos, logo após comemorar bodas de ouro com a ex-colega de escola Jean Shinglewood Taylor, filha de um médico de Cambridge, com quem teve quatro filhos: Charles, Alexander, Caroline e Louise.

Se quando Medawar recebeu o mais prestigioso prêmio científico do planeta os jornais brasileiros registraram em poucas linhas que o cientista havia nascido no Rio de Janeiro, que dirá o esquecimento nas décadas seguintes. Petrópolis só foi reconhecer seu eminente cidadão em 2001, quando a fundação cultural da cidade criou um memorial em sua homenagem nos jardins do Palácio do Itaboraí, sede da Fiocruz. O filósofo e genealogista Francisco Antonio Doria, do Rio, e o professor do departamento de filosofia da USP, Newton da Costa, iniciaram recentemente pesquisa para resgatar a história do cientista no Brasil, que se dividiu na adolescência entre a Rua João Caetano, bairro Caxambu, em Petrópolis, e as praias do então recém-criado bairro do Copacabana, no Rio.

“Essa história é uma metáfora da situação marginal da ciência no Brasil”, diz o professor da USP. Dos ramos familiares de Medawar no Brasil, há alguns médicos.

## CARREIRA

Peter Brian Medawar fez seus estudos secundários no Marlborough College, um dos mais reputados colégios britânicos, onde desde o início chamava a atenção pelas melhores notas e por ser um “devorador de livros”, mostrando que a realidade do Brasil naquele momento era contida demais para seus horizontes. Na Universidade de Oxford, foi aluno de zoologia e biologia do Magdalen College. Trabalhou como assistente de Howard Florey, Nobel de 1945 por seus estudos sobre a penicilina. Em 1947 já era professor titular da cadeira de zoologia na Birmingham University e, dois anos depois, era eleito membro da Royal Society.

O cientista começou a estudar a biologia do transplante durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, pesquisava terapias para os queimados em batalhas. Pensava-se em usar transplantes de pele nos tratamentos. A associação ao professor australiano Frank Macfarlane Burnet, 16 anos mais velho, conduziu à teoria conhecida como Tolerância Imunológica Adquirida, propiciando o desenvolvimento de novas terapias para o transplante de órgãos. O trabalho, de inestimável



Espedito Rocha - sem título, 1997.

valor à ciência, mereceu a ambos o Nobel de 1960. Dois anos depois, Medawar era nomeado chefe do maior laboratório de investigação médica do Reino Unido, o National Institute for Medical Research, e em 1965 foi agraciado com o título de "Sir" pela Rainha Elizabeth II. Ainda recebeu a Medalha Copley (1969), a Order of Merit (1981), o Prêmio Michael Faraday (1987) e ainda empresta nome a prédio da Oxford.

Medawar mereceu todas as homenagens possíveis no país que o acolheu e o qual representou. Sobre o Brasil, certa vez contou a um primo que gostava muito do país, mas que lamentava o fato de que aqui "não havia ninguém com quem pudesse discutir o seu trabalho". Atualizado o túnel do tempo, na "pátria de chuteiras" é possível que hoje ouvisse mais sobre a evasão de talentos do futebol do que sobre pesquisas. Ou do lamento dos 7 a 1. Parece pouco importar o placar dos "nobéis", onde não fizemos nenhum gol válido e a Alemanha já fez 105, os Estados Unidos com seus 352, o Reino Unido com 120, a África do Sul com 10, o Canadá com 22... Estamos levando goleada de 5 da Argentina. E apanhando também de Chile, Colômbia, Peru e Venezuela. Os empates com Paraguai e Uruguai não valem, pois, juntos, somam 11 milhões de habitantes e, nós, 203 milhões. Se não dá para reverter os placares nesse campo, quem sabe ainda possamos reverter a triste síndrome de vira-latas, concentrando

## Quatro indicações

Carlos Justiniano Ribeiro Chagas (1879-1934), médico sanitarista, cientista e bacteriologista, foi indicado quatro vezes ao Nobel de Medicina. Nesse período, porém, europeus e americanos é quem ditavam as normas. Só isso explica o fato de o primeiro e único cientista até hoje a identificar todo o ciclo de uma doença (o mal de Chagas) não ter sido premiado. Cesare Mansueto Giulio Lattes, ou Cesar Lattes (1924-2005), foi "esquecido" na premiação de Física de 1950, num capítulo da história que merece ser visitado.

esforços para melhorar nossos escores em IDH, combater a corrupção e frear as benesses populistas que apequenam a dignidade, maquiam a pobreza, manipulam ideais e estimulam o "jeitinho" e a "vantagem".

Nelson Rodrigues, que 'comemorou' antes o seu centenário e um dia disse que a liberdade é mais importante que o pão, também decretou: "O brasileiro não está preparado para ser o maior do mundo em coisa nenhuma. Ser o maior do mundo em qualquer coisa, mesmo em cuspe a distância, implica uma grave, pesada e sufocante responsabilidade". Sempre ácido. E olha que ele partiu há três décadas e meia, sem tempo para presenciar recordes malfadados e histórias mirabolantes – aí sim obscenas e imorais – que o fariam até repensar a sua dramaturgia.

**Hernani Vieira (PR).**

## DO CADERNO VERDE

"O que me vem dos outros não é nunca ensinamento: é só provocação."

**RALPH WALDO EMERSON (1803-1882).**

Se adotada, esta frase é de um valor inestimável, porque leva à individualização de nós mesmos, eis que deveríamos lutar pela maior autonomia, autossuficiência e independência possíveis.

"(O) todo sem a parte não é o todo; a parte sem o todo não é a parte; mas se a parte o faz todo sendo parte, não se diga que é parte, sendo o todo."

**GREGÓRIO DE MATOS, O BOCA DE BRASA (1636-1696).**

Este fragmento é um hino à Clínica Médica, uma homenagem e um aviso a todos os médicos residentes que se aventuram na medicina sistêmica, fazendo parte do dia a dia sabendo o que é o todo.

# CONTRA A DESCONSTRUÇÃO DA **IMAGEM DO MÉDICO**

*A confiança entre médico e paciente é o remédio para alcançar o corpo e a alma.*

**O Sistema Único de Saúde – o SUS – é um** direito social conquistado pelos brasileiros e está completando 27 anos. A avaliação de seus resultados, porém, é crítica e denota intensa insatisfação por parte da população e da imprensa. Não estão em discussão os princípios do SUS, adequados e pertinentes a uma nação que se reconhece como Estado Democrático de Direito, mas sim a sua implantação, nunca efetivada de fato pelos gestores no que tange a seu financiamento e estrutura organizacional em cotejo com as necessidades do povo. Permeando a tudo, quando se fala em saúde dos cidadãos, está a se falar de pessoas, de relações interpessoais e relações de confiança e solidariedade.

Poder-se-ia falar na desconstrução tão bem debatida pelo filósofo Jacques Derrida, a qual indica uma postura e uma atitude de compreensão da vida marcada pela hospitalidade e humanidade – algo fundamental nesta era de fluidez da comunicação e das informações. Nessa linha, é dever de todos, em especial dos meios de comunicação, ter apurado cuidado com a maneira pela qual circulam as informações e relatos de fatos, algo ainda mais delicado em um país marcado pela impunidade. De um lado, devemos evitar cortinas de fumaça e combater a corrupção, como outros crimes, mas, por outro, é um equívoco balizar o julgamento de toda uma classe profissional a partir de uma minoria, tomando a exceção como regra.

É em sentido destrutivo, portanto, diferentemente de Derrida, que a desconstrução da imagem do médico vem sendo um projeto posto à prova desde o século

passado. Parece indiscutível a importância das equipes multiprofissionais atuarem em harmonia, bem como parece inconcebível imaginar um SUS sem médicos. A estratégia é equivocada e conduz a caminhos indesejados, dentre os quais a resignificação da relação médico e paciente como uma relação de consumo comum, substituindo-se de modo imediatista a responsabilidade pessoal do autocuidado pela mera busca de tratamento de sintomas.

O Conselho Federal de Medicina, como órgão de classe e autarquia federal, tem como atribuições a fiscalização, supervisão e julgamento do exercício da medicina no país, visando, acima de tudo, a proteção da sociedade. Trata-se de tarefa árdua, na medida em que o exercício da medicina não se restringe a um ato técnico de conhecimento, mas adentra às dimensões da comunicação verbal e não verbal entre seres humanos em interação, onde as posturas e atitudes representam muito mais do que a tecnologia pode oferecer.

Nesse sentido, a confiança entre médico e paciente sempre foi e será o remédio mais vigoroso e capaz de atingir o corpo e a alma. Substituí-la pela desconfiança e pela suspeita interessam a uma gestão pelo caos. É preciso cautela, portanto, para não se dramatizar crimes cometidos por uns poucos em detrimento da história milenar da medicina ocidental. O exercício da medicina deve sim ser protegido pela punição do malfeito, mas deve também ser protegido no que tem de mais humano e essencial: seu núcleo preenchido pela alteridade e pela subjetividade construída a partir do reconhecimento do outro.

**Dr. Donizetti Dimer Giamberardino Filho (PR).**



## A vida é fumaça

*A vida passa  
e eu até acho graça  
É preciso viver com raça;  
Brincar com a ilusão da farsa;  
Enfrentar altivo a desgraça;  
Imaginar e criar sem chalaça;  
Não mergulhar na cachaça;  
Quem sabe esquivar-se da ameaça:  
Tergiversar a a reação negaça:  
Diante da dúvida olvidar a trapaça  
para não virar caça;  
Na loucura devassa  
deixar os amores sem jaça;  
Aquiescer à ironia palhaça;  
Do governo negar a mordança;  
Passear às vezes na praça;  
Como um ladrão ladino elidir a couraça...  
Dominar o tempo... disfarça!  
Nunca entrar na vida nefasta:  
Porque tudo passa, embaça  
e vira nesga de fumaça.*

**Dr. J. Fausto Toloy (PR).**

## SONETO

### O Conhecimento

*De tudo quanto se sabe e se conhece  
Do quanto se não sabe nessa vida  
Torna a nossa existência apetecida  
E nas auras do saber nos enaltece.*

*Cada edição do gesto em formação  
As reações gestadas em segredo  
Tudo nasce desse santo enlevo  
Da vida que formata o coração.*

*Por outro lado o que não se sabe  
O que se ignora de tudo quanto é  
Não existe de fato ao infeliz*

*Sendo assim a rota que nos cabe  
Tem o tamanho da vida que se quer  
E o tamanho do sonho do aprendiz!*

**João Urague Filho (MS).**

## Soneto Tardio

Poesia vadia, imperfeita  
e tampouco célere, arredia.  
Poesia tardia, não foi feita  
enquanto o tal lampejo não ardia.

Inação presente mais-que-perfeita,  
que se a necessidade não rugia,  
talvez a letargia da maleita,  
sobrando tempo verbal, não urgia.

Imune ao trabalho e desse, alergia.  
Indolente, não demanda energia,  
sem ambição, gazeteia as colheitas.

Despida de tristeza ou alegria,  
soçobraram versos de elegia,  
só sobraram ideias liquefeitas.

**Dr. Caio de Castro (PR).**

## SONETO

### A Arte de Ensinar

A arte de ensinar exige competência,  
Não só para ensinar... Para aprender!  
Não ensina a ninguém, quem por ciência,  
Não ensina a si mesmo esse poder.

Ensinar é aprender por seu dever,  
Que a humildade é sinal de inteligência!  
A ninguém é dado o monopólio do saber,  
Que o saber é do divino é consequência!

Logo, vê de mais perto e à distância,  
Quem faz da arte de aprender ensinamento,  
E da arte de ensinar uma constância;

Quem ensina e aprende de um só tempo,  
É postulante a imortal por circunstância,  
Visto que atrela ao futuro o pensamento!

**João Urague Filho (MS).**



Miti Tsuneta - Vida.



Dr. José Clemente Linhares (PR).

# AÇORDA DE CAMARÃO ALENTEJANA

*“A missão mais nobre do ser humano é levar aos outros a iluminação.”*

**João Manuel C. Martins**

## **Quando ouvi esta frase pronunciada por ele,**

por ocasião do recebimento da Medalha de Lucas, compreendi a dimensão do homem que levou avante a revista **IÁTRICO**, esta publicação que sempre me encantou. Encantou porque trazia uma série de conhecimentos ligados à cultura e à Medicina de uma forma lúdica, distraía com informações de conhecimento geral e nos fazia mais sábios. Trazia entretenimento de forma agradável e deixava aquela sensação de “quero mais”, deixando-nos ansiosos pela próxima edição.

Quando passei a atuar como conselheiro, encontrei-o e perguntei o que achava de termos uma coluna de culinária e, surpreendentemente, aquele homem que eu admirava pela grande cultura geral, não só acolheu entusiasmado a sugestão, como estimulou-me a escrevê-la.

Com sua ascensão, pensei em homenageá-lo com uma receita favorita e fui informado por seu filho de sua preferência pela culinária portuguesa.

Sendo ele um fã do poeta Fernando Pessoa, também uma apaixonado pela cozinha da terrinha, resolvi reproduzir uma receita publicada pelas chefes Ana Roldão e Maria Rezende em uma revista de culinária, homenageando o poeta português.

Ora pois! Vai então a receita de açorda. Bom proveito.

## **DESCASQUEI O CAMARÃO (FERNANDO PESSOA)**

*Descasquei o camarão,*

*Tirei-lhe a cabeça toda.*

*Quando o amor não tem razão*

*É que o amor incomoda.*

## **AÇORDA ALENTEJANA**

Açorda (do árabe aththurdâ) à alentejana é uma sopa típica do Alentejo (região do centro-sul de Portugal) que, ao contrário da maioria das sopas, não é cozida. A receita de açorda não é universal, já que muda de região para região e mesmo de família para família.

A composição básica da açorda é alho, sal, azeite, água em ebulição e pão fatiado. No entanto, a esta mistura acrescentam-se ervas aromáticas – como o coentro ou o hortelã – e pode ser servida com peixe fresco (cozido ou frito), bacalhau ou ovo (escalfado ou cozido).

O processo de confecção passa pelo amassar do sal com a erva aromática e o alho, mistura à qual se acrescenta azeite. Acrescenta-se depois, por cima, a água onde foi cozido o acompanhamento, ainda fervente, e pão alentejano fatiado.

A açorda à alentejana foi um dos candidatos finalistas às “Sete Maravilhas da Gastronomia Portuguesa”.

## INGREDIENTES

- 2 kg de camarões
- 1 ramo de salsa
- 2 folhas de louro
- 8 dentes de alho
- 100 ml de vinho branco seco
- 2 pimentas malaguetas
- 1 ramo de coentro
- 4 ovos
- 700 gramas de pão branco tipo rústico italiano
- 1 cebola
- 250 ml de azeite
- Salsa crespa
- Sal a gosto



Foto: [www.obarriguinhascomebem.com](http://www.obarriguinhascomebem.com)

## PREPARO

### Caldo de camarão

- Descascar o camarão e reservar
- Picar a cebola, 3 dentes de alho, uma folha de louro, salsa e cascas do camarão
- Juntar o azeite
- Adicionar o vinho
- Aguardar 5 minutos
- Ferver tudo junto com a panela tampada por 15 minutos
- Triturar este preparado
- Passar por uma peneira e comprimir com uma colher de pau
- Embeber o pão em água suficiente para deixá-lo macio
- Adicionar o pão ao caldo coado

### CAMARÃO

- Refogar os camarões descascados no alho e no azeite por aproximadamente 4 minutos e reservar
- Picar 5 dentes de alho e a folha de louro
- Colocar o alho e o louro para dourar em uma panela com azeite
- Adicionar o caldo de camarão com o pão à panela com alho, louro e azeite
- Mexer bem para deixar a açorda com uma consistência pastosa
- Ferver esta mistura por 5 minutos em fogo brando
- Temperar com sal e as malaguetas
- Adicionar os camarões
- Juntar os ovos batidos com coentro
- Servir polvilhado com as salsas crespas



# A HOMENAGEM AO MESTRE POR SEU **LEGADO DE ENSINAMENTOS**

CONGRESSO  
DE LEIROS DE  
HUMANIDADES  
EM MEDICINA

SAZONAMENTO 1980 - 23, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2011

CFM - COUNCIL OF  
FEDERATION OF  
MEDICAL COUNCILS OF BRAZIL

**Nesta edição, prestamos homenagem ao** editor-mentor da revista **IÁTRICO**, Prof. João Manuel Cardoso Martins, e por extensão a todos os médicos recentemente falecidos que construíram trajetória de exemplos em defesa da ética e de partilha de seus saberes. E não foram poucos a deixar a Medicina mais triste e menos lustrosa. Mas ficam os ideais pelos quais tanto lutaram: a esperança do alargamento do horizonte hipocrático, do humanismo, do conhecimento e cultura, de uma sociedade mais justa e tolerante.

Sempre reservado, um dia o Dr. João Manuel justificou a razão de não assinar os seus artigos na revista, entendendo que, se o fizesse, viraria culto à personalidade, sempre abominável. E via nisso, também, uma forma de podar vaidades e de destacar os que colaboraram com seu esforço e gratuidade. Questionando-o se tinha aversão a homenagens, respondeu: “Não! Penso que o mérito deve ser premiado e que as homenagens devem ser feitas enquanto as pessoas estão vivas. Ocorre que há tantas homenagens e por motivos tão fúteis, frequentemente pagas, que o mérito está sempre em questão”. Merece reflexão!

Nobel da Paz em 1952, o médico-filósofo Alberto Schweitzer disse, à beira da tumba de um amigo, que é enquanto vivo que devemos expressar o respeito e a gratidão, numa correção à sua falta de oportunidade. Ele próprio amenizava, sobre as tais reverências, de que “todas as opiniões são respeitáveis quando são sinceras e, por conta disso, Deus seguramente o perdoará”. Nelson Cavaquinho, em *Quando eu me chamar saudade*, poetizou: “*Me dê as flores em vida/O carinho, a mão amiga,/Para aliviar meus ais./Depois que eu me chamar saudade/Não preciso de vaidade,/Quero preces e nada mais.*”

Assim, à primeira vista, esta deferência *post mortem* ao Dr. João Manuel e a outros ilustres médicos poderia soar contraditória, ou tardia. Não é. Reavivar a lembrança representa manter a chama do respeito e de irradiação dos bons exemplos. Fernando Pessoa, poeta que o conterrâneo João Manuel tanto prezava, ensinou que “o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

O Dr. João Manuel nem precisava dizer, mas reconhecidamente havia alcançado o seu melhor estágio como terçador de ideias, perseverante na profissão de fé tanto no jornalismo quanto na Medicina, sua maior paixão. Partiu cedo demais, mas foi intenso no tratar de ciência e cultura, construindo legado que se revela no rico acervo presente nas edições da revista **IÁTRICO** e dos livros editados – como *Primeiras Impressões – Iátrico em Perspectiva* e *Jaculatórias – Sugestões para o dia a dia do médico*. Membro da Academia Paranaense de Medicina e professor por mais de 40 anos no curso de Medicina da Católica, pavimentou um caminho que lhe permitiu conquistar em vida a plena reconhecimento pela grandeza de sua obra.

De paraninfo e patrono de muitas de suas turmas de graduandos, o Dr. João Manuel também obteve as maiores honrarias concedidas pelos órgãos de classe. O Conselho de Medicina do Paraná distinguiu-o em 2010 com a “Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico”, em reconhecimento ao seu trabalho enquanto propagador da ética, humanismo e conhecimento. No final de 2013, o Conselho Federal de Medicina conferiu-lhe a “Comenda Moacyr Scliar de Medicina, Literatura e Artes”, legitimando sua destreza e esforço em prol da ciência médica e da cultura.

A veia jornalística ganhou corpo durante o curso de Medicina, em pleno regime militar, quando ajudou a lançar o jornal acadêmico “O Crânio”. Não parou mais. No **IÁTRICO**, divertia-se com as entrevistas ‘de vivos e mortos’, as mais instigantes com Fernando Pessoa e Somerset Maugham. Numa das edições – a 24, que merece ser revisitada – ele próprio foi o entrevistado. A missão não foi fácil, pois sabíamos o quanto era avesso à exposição, tanto que adorava criar pseudônimos para nomear vibrantes artigos ou poesias.

Valeu a pena, ainda mais que o tema em destaque daquela edição era “Médicos raros, como são?”. Tudo a ver. Na ocasião, uns sete anos atrás, confidenciou que os seus medos eram “o ridículo, de ficar gagá, de perder a dignidade”. Foi a deixa para indagar o que achava mais difícil na vida. A resposta: “Para alguns é simplesmente sobreviver. Para a maioria das pessoas é a convivência. Digo isso sendo um convivente fácil. Mas a vida é a coexistência de contrários. Portanto, a grande arte da vida é saber lidar com conflitos. Para quem acredita, talvez a eternidade seja a explicação dos contrários.”

À luz da temática desta edição, fomos buscar excertos do papel concernente aos mais experientes na sociedade atual. “Botar a boca no trombone”, convocou. Quer dizer, transmitir o que aprendeu, e não se recolher. Dar luz à vida vivida. E decretava: “É um dever moral. São os mais velhos os guardiães dos valores morais, éticos e espirituais. Não carregar essas bandeiras significa falir nos propósitos mais nobres, dar vez apenas ao poder, dinheiro e sexo, a tríade do Freud; ao consumismo desbragado. Para isso, todo o velho deve se manter ativo e produtivo. Mas também não pode se cristalizar, senão faz o papel contrário, o do conservadorismo imobilizante. O ideal da pessoa mais velha seria ter sua experiência e conservadorismo aliados à energia e experimentação do jovem. Agora, que fique claro: precisa ajudar os outros a refletir, sim, sem jamais pensar no seu lugar. Seria estiolar as possibilidades dos mais jovens.”

### **DR. JOÃO MANUEL**

O Dr. João Manuel, nascido em Portugal e que veio para o Brasil ainda criança, faleceu em 18 de novembro de 2014, aos 67 anos, vencido por um câncer. Deixou Maria Isabel, sua companheira havia 42 anos, também médica, e os filhos Juliana, Flávia, João Luiz e Vitor Emanuel – estes médicos – e cinco netos.

### **MEDICINA ENLUTADA**

O CRM-PR presta homenagem a todos que tanto orgulham e orgulharam a Medicina. No luto pelas recentes perdas, a solidariedade às famílias e o consolo pelos exemplos deixados a uma profissão “que é de curar, reparar, mitigar, confortar, mas também de trazer esperança a quem não a tem e que, portanto, necessita de palavras e atos pertinentes”, nas palavras do Dr. João.

Dentre os muitos expoentes da dignificação da Medicina falecidos nos últimos meses, registramos aqui os nomes dos Drs. Adib Jatene, Atlântido Borba Cortes, Ari Antonio Pedrozo, Alfreli Arruda Amaral, Agenário Victor Batista, Alfredo Rodrigues Brianez, Antônio da Motta, Alfredo Brianez, Adhemar Basso, Antônio Rogério Tupy Caldas Silveira da Mota, Ali Zraik, Armando Salvador Tuoto, Carlos Felipe de Sio, César Antonio Ribas Milleo, Sérgio Martins, Kogak Shibata, Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Paulo Franco de Oliveira, Ismar Strachman, Javier Salvador Gamarra, Luiz Carlos Benthien, Jorge Tsuneta, Glênio José Barbosa, Romão Sessak, Leo Fernando da Silva Ditzel, José Crippa, José Joaquim de Oliveira Monte, Paulo de Tarso Monte Serrat, Dalton Fonseca Paranaquá, Geraldo Rotta, Nadya Giselle de Almeida Lazzarotto, Rafael Lodeiro Muller, Renato Ribas de Macedo, Roberto Marchese de Seixas Pinto, Sandra Moritz, Cândido Döring, Serafim Portes Rocha, Sérgio Massatoshi Fujimura, Izrail Cat, João Tales de Lara Manoel e Wilson Nogueira.

Domício Pedrossi - Abstrato, 1960

# O QUE O MÉDICO GOSTARIA DE DIZER AO PACIENTE

1. Se for atrasar ou faltar à consulta, por favor, avise com antecedência.
2. A consulta é única. Não traga outra pessoa e me peça para examiná-la.
3. Não posso renovar uma prescrição por telefone. Preciso que venha ao consultório.
4. Você não está doente. Só quer um atestado médico.
5. Seja franco. Se você não tomou os medicamentos prescritos, diga.
6. Não espere o fim da consulta para falar sobre o seu problema.
7. Explique os seus sintomas com exatidão: quando começaram, o que são e em que frequência acontecem.
8. Por favor, tome um banho antes da consulta.
9. Por favor, não me faça ler as páginas que você imprimiu na internet.
10. Você precisa perder peso.

## IÁTRICA AOS LEITORES

O que acha da revista? Quer continuar recebendo pelo meio impresso? A publicação só tem objetivo se agradar a quem se destina. Por isso, manifeste-se!

Opine enviando e-mail para: [iatrico@crmpr.org.br](mailto:iatrico@crmpr.org.br)

## COLABORADORES DA EDIÇÃO

Confira no Portal do CRM-PR quem são os colaboradores desta edição da revista.

3 cm



**CRM-PR**  
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

# 26°

## CONCURSO DE MONOGRAFIAS

### sobre Ética Médica, Bioética e Profissão Médica

TEMA 2015

## O PARTO

### Como harmonizar ciência e ética?

3 cm

2 cm

**Inscrições até 10 de agosto de 2015**

#### IMPORTANTE

As monografias participantes devem ser inéditas, podendo ter mais de um autor. O conteúdo deve seguir as normas da ABNT e conter entre 35 mil e 55 mil caracteres com espaços, sendo que pode apresentar, a título de exemplo, material ilustrativo.

#### QUEM PODE PARTICIPAR

O Concurso de Monografias do CRM-PR é aberto a todos os cidadãos brasileiros, independentemente de formação ou profissão. As normas para identificação do autor estão contidas no regulamento.

#### INSCRIÇÕES

O prazo final para entrega dos trabalhos é 18h do dia 10 de agosto de 2015, tendo validade o material protocolado na sede ou Delegacia Regional do CRM-PR ou postado via Correios até esta data e horário.

#### DIREITOS AUTORAIS

Os participantes ficam cientes da cessão de direitos autorais para que o CRM-PR possa divulgar as monografias nos meios de que dispõe, como forma de contribuição à ciência, à Medicina e à sociedade, sendo vedado ao promotor do concurso fazer uso dos trabalhos visando lucro.

#### DIVULGAÇÃO DO RESULTADO

A decisão da Comissão Julgadora será apresentada no final de setembro, sendo que a premiação ocorrerá durante os festejos do Dia do Médico, em outubro.

#### PREMIAÇÃO

A monografia classificada em primeiro lugar receberá o prêmio de **R\$ 7.500,00\***, cabendo ao segundo lugar, se escolhido, premiação no valor de **R\$ 3.000,00\***, além de certificado pela contribuição à atividade médica. Poderá, ainda, ser concedida "Menção Honrosa" a outros trabalhos, conforme decisão da Comissão Julgadora\*\*.

\* O CRM-PR informa que incidirá descontos de impostos previstos em Lei (IRRF e INSS) sobre os valores pagos aos premiados.

\*\* A Comissão Julgadora poderá, a seu exclusivo critério, deliberar pela não premiação de qualquer das monografias apresentadas se considerar que não atendem aos méritos desejados ou, ainda, atribuir "Menção Honrosa" a outras monografias que julgar merecedoras. Das decisões da Comissão Julgadora não caberão recursos.

**Confira o regulamento do Concurso (Resolução CRM-PR 186/2012) no site do CRM-PR.**

**[www.crmpr.org.br](http://www.crmpr.org.br) | (41) 3240-4000 | Dúvidas podem ser encaminhadas ao e-mail [comunicacao@crmpr.org.br](mailto:comunicacao@crmpr.org.br)**

2 cm